

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CENTRAL – UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS
SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS – NELSON DE ABREU JÚNIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,
LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

IANNY MOREIRA DE OLIVEIRA

**MEIO AMBIENTE E COOPERATIVISMO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE UMA COOPERATIVA DE
GOIÂNIA-GO**

ANÁPOLIS-GO

2023

IANNY MOREIRA DE OLIVEIRA

**MEIO AMBIENTE E COOPERATIVISMO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE UMA COOPERATIVA DE
GOIÂNIA-GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás como requisito final para obtenção do título de Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias.

Área de concentração: Processos Educativos, Linguagem e Tecnologia.

Linha de Pesquisa: Educação, Escola e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro.

ANÁPOLIS-GO

2023



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA n.1087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

Dados do autor (a)

Nome Completo IANNY MOREIRA DE OLIVEIRA

E-mail ianny.m.oliveira@gmail.com

Dados do trabalho

Título MEIO AMBIENTE E COOPERATIVISMO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE UMA COOPERATIVA DE GOIÂNIA-GO

Dissertação

Curso/Programa MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
(PPGIELT)

Concorda com a liberação documento?

SIM

NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa

Anápolis, 05/01/2024

Local Data

Ianny Moreira de Oliveira

Assinatura do autor / autora

[Assinatura]

Assinatura do orientador / orientadora

Ficha catalográfica

O48m

Oliveira, Ianny Moreira de.

Meio ambiente e cooperativismo [manuscrito]: vivências e experiências de catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de Goiânia-GO / Ianny Moreira de Oliveira. – 2023.

185 f.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro.
Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias). Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior, Anápolis, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Educação ambiental - Goiás. 2. Catadores de materiais recicláveis - Goiás. 3. Reciclagem - Cooperativismo - Goiás. 4. Dissertações – MIELT – UEG/UnUCSEH. I. Castro, Raimundo Márcio Mota de. II. Título.

CDU 37:504(043.3)

**MEIO AMBIENTE E COOPERATIVISMO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE UMA COOPERATIVA DE
GOIÂNIA-GO**

Esta dissertação foi considerada aprovada para a obtenção do título de Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias pelo Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG, em 18 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro (Universidade Estadual de Goiás – UEG)

Orientador/Presidente

Profa. Dra. Sandra Elaine Aires de Abreu (Universidade Estadual de Goiás – UEG)

Membro interno

Prof. Dr. Daniel Caixeta Andrade (Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

Membro externo

Anápolis-GO, 05 de janeiro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois sem Ele nenhum projeto humano seria alcançado. É Ele quem nos acompanha em todos os nossos caminhos, dando-nos forças e confiança para enfrentarmos os obstáculos das nossas jornadas.

Agradeço à Universidade Estadual de Goiás, em particular ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, pelo compromisso em garantir uma educação pública de excelência, que não apenas enriqueça a formação acadêmica, mas também a formação humana. Assim, quero externar minha gratidão a todos os membros deste programa, com destaque para os professores com os quais tive a oportunidade de participar de disciplinas, palestras e discussão. Eles desempenharam um papel significativo no processo de construção e ressignificação de meus conhecimentos.

Quero expressar minha eterna gratidão ao Prof. Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro, por me escolher como orientanda, tornando possível a realização deste sonho. Agradeço pela confiança no meu trabalho e por compartilhar seus conhecimentos, os quais contribuíram para o sucesso desta pesquisa.

Agradeço aos professores que integraram as bancas de qualificação e defesa desta pesquisa, ao Prof. Dr. Daniel Caixeta Andrade e Profa. Dra. Sandra Elaine Aires de Abreu, pela disposição em ler e enriquecer significativamente esta pesquisa, proporcionando melhorias substanciais.

Certamente, o processo de pesquisa é repleto de desafios, fadigas, ausências, noites mal dormidas, ansiedades, entre outras. Felizmente, pude passar por tais momentos de uma forma mais leve, graças à força da amizade construída entre os mestrandos da minha turma, especialmente: Elaine, Jackeline, Priscilla, Ana Paula, Magda, Gabriel e Késia. Ainda no começo do curso, organizamos um grupo no *WhatsApp* chamado "Menin@s da Corona" para planejar nossas viagens de Goiânia para Anápolis, onde tivemos as aulas. Nesse grupo e nas idas e vindas para as aulas, compartilhávamos nossas angústias, objetivos e alegrias, mas, acima de tudo, estabelecemos laços de confiança e afeto que espero que permaneçam mesmo após o término do mestrado.

Não poderia deixar de agradecer aos cooperados da COOPERFAMI, sem os quais este trabalho não existiria. Agradeço pelo privilégio de partilhar comigo algumas de suas narrativas de vida. A resiliência, a superação e a determinação desses importantes agentes ambientais são inspiradoras! Meu muito obrigada!

Com todo o meu amor e gratidão, dedico este trabalho aos meus amados filhos, Clarissa e Matheus, que são as forças motrizes da minha busca pelo conhecimento, impulsionando-me a vislumbrar dias melhores. Ao meu amado esposo, Alexandre, que me apoiou neste sonho, possibilitando condições de realizá-lo. Não poderia deixar de dedicar esta pesquisa aos cooperados da COOPERFAMI, exemplos de perseverança e determinação que tive a honra de conhecer.

RESUMO

O ser humano tem ocasionado impactos significativos no meio ambiente, principalmente em função do sistema capitalista de produção, cujo pano de fundo são as atividades relacionadas à subsistência e à ideia de melhoria da qualidade de vida. Mesmo sustentando a necessidade de desenvolvimento econômico, é crucial cultivar uma consciência social e ambiental baseada no equilíbrio e na sustentabilidade. Como colaboradores desse processo de sustentabilidade, emergem, socialmente, os catadores de materiais recicláveis. Esta pesquisa propõe-se a visibilizar esses colaboradores ambientais essenciais que são, acima de tudo, trabalhadores em busca do sustento de suas famílias em que pese a desvalorização de seu trabalho, resultando em exclusão e invisibilidade social; e desvelar as vivências e experiências dos catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de Goiânia-GO, de forma a dar mais visibilidade a esses importantes agentes ambientais. Para atingir o propósito previsto, buscaram-se os seguintes objetivos específicos: (i) compreender a relação entre sustentabilidade, meio ambiente e educação ambiental, (ii) entender a relação entre cooperativismo e sustentabilidade ambiental, social e econômica; e (iii) compreender as condições de vida de catadores de materiais recicláveis e as potencialidades ambientais de suas ações. O percurso metodológico adota a aproximação do método fenomenológico, pois intenta a compreensão/interpretação das vivências e experiências dos participantes; de abordagem qualitativa, uma vez que se concentra na compreensão das experiências particulares dos catadores; de pesquisa exploratória quanto aos objetivos, com procedimento bibliográfico e empírico. Para a obtenção de dados, adotaram-se as entrevistas narrativas. Os resultados apontaram que são notáveis a força de vontade e a capacidade de superação dos cooperados diante das inúmeras adversidades diárias; que as ações de sustentabilidade realizadas pelos catadores contribuem para a diminuição de resíduos sólidos descartados diariamente pela população; que, entre os cooperados, prevalece um histórico de empregos informais, motivado pela necessidade de contribuir precocemente para o sustento familiar, visto que não tiveram oportunidades de avançar nos estudos e garantir qualificação profissional; que, apesar de demonstrarem satisfação na profissão, tendo a percepção de sua relevância para a sustentabilidade, em contrapartida, sentem-se desvalorizados pela sociedade e pelo setor público, carecendo de mais incentivos e melhorias; que os rendimentos obtidos através de seu trabalho são fundamentais para garantir sua sobrevivência e de suas famílias, tendo o agravante de que não possuem salário fixo, além de não terem garantias trabalhistas. É necessário que esses profissionais não apenas sobrevivam aos inúmeros problemas, mas que possam viver gozando de direitos fundamentais, mas, para isso, devem ser “visibilizados”, não apenas aos olhos da sociedade, mas também do poder público. Portanto, faz-se necessária a promoção de estudos e estratégias para assegurar as melhorias imprescindíveis para a obtenção da sustentabilidade.

Palavras-chave: educação ambiental; catadores de materiais recicláveis; cooperativismo.

ABSTRACT

Humans have significantly impacted the environment, mainly due to the capitalist production system, which is grounded on activities of subsistence and on the idea of improving life quality. Although it is important to support economic development, it is crucial to nurture social and environmental awareness based on balance and sustainability. As collaborators in this process of sustainability, there are the collectors of recyclable materials. This study has the aim to make these essential environmental collectors visible, who are, most importantly, workers seeking to provide for their families in spite of their work, which results in exclusion and social invisibility; and unveil the realities and experiences of these recyclable materials collectors at a recycling cooperative in Goiânia-GO, so that these important environmental agents be made apparent. In order to achieve it, the following specific objectives were considered: (i) understand the relation between sustainability, environment and environmental education, (ii) comprehend the relation between cooperativism and environmental sustainability, and (iii) understand the living conditions of recyclable materials collectors and the environmental potentiality of their actions. The methodology approached the phenomenological method, as the study focuses on the comprehension/interpretation of the participants' realities and experiences; under a qualitative approach, in exploratory research regarding its goals, with bibliographic and empirical procedures. Narrative interviews were used for data collection. The results show the participants' will power and capacity to overcome numerous daily adversities; they also show that the collectors' actions towards sustainability contribute to decrease the solid sediments daily discarded by the population; they reveal that, among the collectors, there has been a history of informal employment, which is based on their necessity to prematurely contribute to the survival of their families, and that is worsened by the lack of fixed salaries, in addition to not having labor guarantees. It is necessary that these employees not only survive to their varied problems, but that they live with fundamental rights, but for this to happen, they must be made "visible", not only to the eyes of society, but also to the government. Therefore, it is crucial to promote studies and strategies to ensure the indispensable improvements to achieve sustainability.

Keywords: environmental education; recyclable materials collectors; cooperativism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAT-DV	Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Dois Vizinhos-PR
ACI	Aliança Cooperativa Internacional
AGAPAN	Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural
AMMA	Agência Municipal do Meio Ambiente
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ANPPAS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Ambiente e Sociedade
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CCRLR	Certificado de Crédito de Reciclagem de Logística Reversa
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CETESB	Companhia Ambiental do Estado de São Paulo
CMMAD	Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
COMURG	Companhia de Urbanização de Goiânia
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
DCNEA	Diretrizes Curriculares Nacionais para a EA
DDT	<i>Dicloro-Difenil-Tricloroetano</i>
DEMECs	Delegacias Regionais do MEC
DS	Desenvolvimento Sustentável
EA	Educação Ambiental
FEEMA	Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente
FNMA	Fundo Nacional de Meio Ambiente
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
IBDF	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
MEC	Ministério da Educação
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MNCR	Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis
OCB	Organização das Cooperativas Brasileiras
ODS	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas

PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PLACEA	Programa Latino-americano e Caribenho de EA
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNMA	Política Nacional do Meio Ambiente
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
PPA	Plano Plurianual
PPG-IELT e Tecnologias	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias
ProNEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
REBECA	Rede Brasileira de Educomunicação Ambiental
RevBEA	Revista Brasileira de Educação Ambiental
RSU	Resíduo Sólido Urbano
SEMA	Secretaria Especial do Meio Ambiente
SIBEA	Sistema Brasileiro de Informação sobre Educação Ambiental
SS	Sustentabilidade Socioambiental
SUDEPE	Superintendência do Desenvolvimento da Pesca
SUDHEVEA	Superintendência da Borracha
TBL	<i>Triple Bottom Line</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UFG	Universidade Federal de Goiás
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza
UNCED	Conferência sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento,
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização da COOPERFAMI	32
Figura 2- Entrada e fachada da cooperativa COOPERFAMI	33
Figura 3 - Sequência metodológica do estudo.....	37
Figura 4- Exemplos de Serviços Ecosistêmicos	39
Figura 5- Macrotendências da EA.....	63
Figura 6- Registro da solenidade de inauguração dos galpões em 2019.....	87
Figura 7- Entrega de licenças de funcionamento às presidentes das cooperativas contempladas	88
Figura 8- Visita do promotor de Justiça Juliano Araújo de Barros às novas instalações da COOPERFAMI, destaque para a estrutura física do galpão recebido.....	89
Figura 9- Comparativo do antes e depois da chegada de materiais recicláveis em momentos distintos.....	92
Figura 10- Prensa e esteira recém-adquiridos (ainda não estavam em uso).....	92
Figura 11- Registro de algumas das mulheres da Cooperativa COOPERFAMI na rotina de trabalho	113
Figura 12- Imagem de Carolina Maria de Jesus	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Levantamento bibliográfico: critérios de busca	19
Quadro 2- Pesquisas que se aproximam da proposta apresentada	20
Quadro 3- Critério para escolha da cooperativa-campo.....	31
Quadro 4- Dimensões de Sustentabilidade.....	42
Quadro 5- Encontros, documentos ou fatos internacionais sobre questões ambientais	52
Quadro 6 – Encontros, documentos ou fatos nacionais sobre questões ambientais.....	55
Quadro 7- Nomes atribuídos aos participantes da Pesquisa juntamente com seus respectivos significados.....	95
Quadro 8– Narrativas autobiográficas dos participantes – recorte	96
Quadro 9- Relações de trabalho dos cooperados da COOPERFAMI- recorte	102
Quadro 10- Informações sobre a escolaridade dos cooperados da COOPERFAMI- recorte	106
Quadro 11- Motivos e facilidades apontadas pelas cooperadas em trabalharem na cooperativa- recorte	110
Quadro 12- Percepções dos catadores de materiais recicláveis em relação à sustentabilidade - recorte	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CORPUS METODOLÓGICO	23
1. 1 O que é pesquisa?	23
1. 2 Esboço do desenho metodológico.....	26
1.3 Definição do campo de estudo	30
1. 4 O local e o procedimento para obtenção de informações.....	32
1.5 Sujeitos da Pesquisa	34
2 MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	38
2. 1 Meio ambiente	38
2. 2 Sustentabilidade: conceitos e suas implicações	40
2. 3 Educação	47
2. 4 A Educação Ambiental como caminho para o Desenvolvimento Sustentável.....	48
2.5 Educação Ambiental no Brasil	54
2. 6 Macrotendências da Educação Ambiental	62
2.6.1 Educação Ambiental Conservadora	63
2.6.2 Educação Ambiental Pragmática	64
2.6.3 Educação Ambiental Crítica	65
3 COOPERATIVISMO E SUSTENTABILIDADE.....	67
3.1 História do cooperativismo	67
3.2 O caráter social do cooperativismo	72
3.3 Cooperativismo e o tripé da sustentabilidade	73
3. 4 Contexto enfrentado pelos catadores de materiais recicláveis	74
3.5 O Movimento Nacional dos catadores: a busca pelos direitos fundamentais	76
4 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS	84
4.1 Criação da cooperativa COOPERFAMI	85
4.2 Informações relevantes sobre a COOPERFAMI	89
4.3 O que são vivências e experiências	93
4. 4 Autobiografia.....	96
4.5 O catador de materiais recicláveis - sua relação com o trabalho	101
4.6 Escolaridade	106
4. 7 Mulheres e cooperativismo - em busca de melhores condições de vida.....	109

4.8 Exclusão social e estigmatização	113
4.9 Percepções dos catadores sobre suas contribuições na sustentabilidade.....	118
CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS	124
REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICES	141
APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	141
APÊNDICE B: NARRATIVAS.....	146
ANEXOS.....	167
ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	167
ANEXO B: ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA COOPERATIVA DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL FAMÍLIA FELIZ- COOPERFAMI.....	180

INTRODUÇÃO

Breve relato da trajetória pessoal, acadêmica e profissional da pesquisadora

O olhar que uso para buscar compreender e perceber as narrativas de vida dos cooperados de recicláveis é fruto das experiências e vivências passadas ao longo da minha vida, dos desafios, das vitórias e das frustrações. Afinal de contas, a vida humana é como uma montanha-russa. Às vezes, para que possamos subir, precisamos enfrentar decidas e desníveis. Temos altos e baixos, as conquistas são resultantes de boas escolhas, mas também do esforço e da dedicação. No meu caso não foi diferente.

Nasci no interior de Goiás, em Uruana, cidade pequena e bastante acolhedora. Meus pais sempre moraram numa pequena propriedade rural, onde tive a oportunidade de passar a infância e a adolescência. Essa fase da minha vida foi bastante tranquila e saudável, pois cresci em contato direto com a natureza, desfrutando da simplicidade e aconchego do campo, onde experienciei aventuras memoráveis.

Ao relembrar daquela época, percebo o quanto eram prezados aqueles momentos da minha infância. Mesmo que o tempo tenha passado, foram muito significativos para determinar quem eu sou hoje. Como bem diz Aristóteles (1986, p. 291 *apud* Smolka, 2000, p. 177): “Toda memória, então, implica a passagem do tempo. Portanto só as criaturas vivas que são conscientes do tempo podem lembrar, e elas fazem isso com aquela parte que é consciente do tempo”.

Em relação a minha formação acadêmica, cursei Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), em Itapuranga. Sempre fui apaixonada pela área de biológicas, achava e ainda acho esse campo profissional extremamente importante e fascinante. Estudar a vida nos seus mais diversos aspectos, buscando compreender não apenas suas inúmeras complexidades, mas também suas relações entre si e com o meio ambiente, sem dúvida, mostrou-se uma tarefa apaixonante e motivadora.

Quando ingressei no curso de Ciências Biológicas, mesmo sabendo que era um curso de licenciatura, confesso que ministrar aulas não estava em meus planos de vida. Porém, ao longo do curso, fui me envolvendo com essa área. Aprendi muito neste período porque a licenciatura nos transforma de uma maneira bastante envolvente. Sempre fui estudiosa e boa aluna, sempre respeitei meus professores, e com a licenciatura passei a admirar esses profissionais de forma mais intensa e afetuosa. Quem é professor aprende a perceber as coisas do mundo com mais sensibilidade. Ao convivermos com nossos alunos, que são pessoas que

estão em processo de formação de identidades, que viveram poucas experiências ainda, mas que estão ávidos em vivê-las, penso que passamos a ver o mundo com outros olhos. Então, nosso olhar passa a ser mais tolerante e colaborativo. As diversidades passam a fazer parte do nosso dia a dia, visto que cada aluno apresenta contextos familiares distintos. Assim, cada um possui percepções e reações diferentes. Nesse sentido, vivemos cercados pelas diferenças. Com a diversidade, aprendemos a valorizar as especificidades de cada indivíduo, pois aprendemos uns com os outros. Dessa forma, tanto alunos como professores aprendem num processo contínuo. Portanto, ser professor é estar em constante busca pelo conhecimento.

Ao final do curso, passei em um concurso da rede estadual de Goiás e desde então ministro aulas de Ciências e Biologia. Gosto muito da minha profissão, mas já passei por momentos frustrantes e cansativos. Por outro lado, já experimentei situações de muito carinho e valorização. Diante de situações insípidas, sempre procuro recordar dos bons momentos. Assim, recordo-me que um dia, após uma aula prática de Ciências, vários alunos chegaram a mim com lágrimas nos olhos, vieram agradecer pela aula, alguns até me abraçaram, demonstrando afeição e gratidão. Sem dúvida, foi um dos momentos mais gratificantes que passei como professora. Outra situação parecida ocorreu quando me ausentei da sala de aula para cursar o mestrado, fizeram até festa de despedida, recebi cartõezinhos, flores e gestos de afeto. Com toda certeza, são momentos que ficarão gravados em minha memória. Situações como essas nos motivam a continuar neste caminho, na educação.

Acredito que a educação é essencial para construirmos uma sociedade mais justa e feliz. Com base nisso, em 2013, ingressei no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Planejamento e Gestão Ambiental, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Foi uma realização profissional, mas também pessoal, pois a área ambiental sempre fez parte da minha trajetória. Afinal, vivi uma parte da minha vida na simplicidade da vida no campo. Sei e sabia o quão importante é preservar os recursos naturais. O desenvolvimento, consequência do modo de vida contemporâneo, é inevitável, mas devemos ter a sensibilidade para reconhecer que necessitamos do meio ambiente e cabe a cada um tomar atitudes conscientes ambientalmente. Ao ministrar as aulas de Ciências e Biologia, busco sempre resgatar o cuidado, bem como a nossa responsabilidade com o meio ambiente.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), da Universidade Estadual de Goiás, para cursar mestrado, o tema Meio ambiente voltou a ser objeto de estudo. A proposta de pesquisa, que agora apresento, busca conhecer um pouco mais sobre importantes agentes ambientais: os

catadores de materiais recicláveis, desvelando suas vivências e experiências, visto que desempenham significativa contribuição ao meio ambiente.

Problematização do estudo

O meio ambiente desempenha dupla função na sociedade, atuando inicialmente como provedor de matéria-prima, indispensável à manutenção da vida, e, em seguida, como receptor dos resíduos gerados pelas atividades econômicas (Andrade; Romeiro, 2009). Infelizmente, a produção em demasia de tais resíduos tem sobrecarregado a capacidade natural do meio ambiente na efetivação do processo da decomposição. Isso, por sua vez, tem provocado mudanças no meio ambiente e aumento da poluição.

Essas mudanças vêm se intensificando cada vez mais em decorrência dos avanços tecnológicos, bem como do aumento da população mundial (Morimoto; Salvi, 2009). Segundo Klein, Locatelli e Zoch (2019), essas mudanças tornaram-se mais significativas e devastadoras depois da Revolução Industrial em decorrência das ações do ser humano. Dentre os principais efeitos disso, destacam-se: impactos biológicos, físicos, socioeconômicos. Mudanças naturais que aconteceriam em milhões de anos estão se concretizando mais rápido do que o esperado, sendo necessário criar uma cultura baseada na Sustentabilidade Socioambiental (SS). Dessa forma, haverá o equilíbrio entre a sociedade e o meio ambiente (Ferreira; Silva, 2014). Assim, além da busca pelo desenvolvimento econômico, é fundamental termos a consciência social e ambiental para a construção de uma sociedade equilibrada e sustentável. Pereira *et al.* (2011, p. 610) destacam que “SS é um conceito que está relacionado a um novo paradigma [...]”. Com base nisso, o desenvolvimento socioambiental é capaz de suprir as necessidades da geração atual sem prejuízo às futuras (Pereira *et al.*, 2011).

De acordo com Ribeiro, Mendes e Mattos (2012), é fundamental que ocorram mudanças comportamentais, sendo indispensável a participação da população. Nesse contexto, de forma muitas vezes imperceptível, surgem os catadores de materiais recicláveis, que são pessoas que carregam estigmas e preconceitos ao lidarem com os recicláveis diariamente. Os materiais recicláveis e a rua aparecem então como cenário usado na construção identitária desses sujeitos, que muitas vezes se tornam “invisíveis” durante a execução do trabalho. Isso porque são vistos, na grande maioria das vezes, como pessoas pouco prestigiadas, apesar de desempenharem uma importante atividade para o meio ambiente, pois diminuem a quantidade de resíduos sólidos das cidades, contribuindo significativamente para o processo da reciclagem. Kecya Brasil (2015, p. 14) afirma que

“Esse catador que por muito tempo teve sua identidade com características permeadas pelo estigma do lixo, parece estar adquirindo novas formas de reconhecimento. Lança-se sobre ele o olhar de importância ambiental [...]”. Partindo desse pressuposto, notamos que os catadores desempenham importante tarefa: contribuem para a diminuição das exorbitantes quantidades de lixo nos aterros sanitários e lixões¹ à medida que fazem retornar à cadeia produtiva o que antes era considerado impróprio para utilização.

De maneira morosa, os catadores de materiais vêm alcançando avanços na busca por melhorias de trabalho. Em 2001, um importante passo foi significativo para que isso acontecesse, a criação do Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis (MNCR), o que possibilitou que, em 2002, o trabalho desses catadores passasse a ser reconhecido legalmente pelo Estado como categoria profissional, sendo oficializada pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego, registrado sob o nº 5192-05, sendo tal ocupação descrita como catador de material reciclável (Medeiros; Macêdo, 2006).

Em que pese o reconhecimento pelo CBO, ainda é visto como trabalho pouco valorizado socialmente, quase que na sua totalidade vivendo na informalidade, sendo desnecessárias, para seu exercício, capacitação e escolaridade, conduzindo-os a um considerado e grave histórico de exclusão social. Numa saída para vencer as dificuldades que a profissão lhes impõe, muitos catadores passaram a se reunir em cooperativas, ainda que tal fato não diminua o árduo e histórico processo de exclusão vivenciado por eles. Diante desse cenário e de inúmeras inquietações, esta pesquisa parte da seguinte **problematização**: como entender os processos/trajetórias vivenciados pelos (as) catadores (as) de materiais recicláveis da cooperativa COOPERFAMI, localizada no município de Goiânia-GO?

A busca de resposta a esta questão nos conduziu a elaborar o seguinte **objetivo geral**: desvelar as vivências e experiências dos catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de Goiânia-GO, de forma a dar mais visibilidade a esses importantes agentes ambientais. Para alcançá-lo, fez-se necessário desdobrá-lo nos **objetivos específicos**, a saber: (i) compreender a relação entre sustentabilidade, meio ambiente e educação

¹ Os lixões representam áreas a céu aberto destinadas ao descarte de resíduos, caracterizando-se pela ausência de planejamento e medidas de proteção ambiental e de saúde pública. Em contrapartida, os aterros sanitários resultam de um processo de planejamento e monitoramento, otimização do espaço utilizado e preservação da integridade ambiental e da saúde pública. Cardoso (2022) esclarece que tanto lixões quanto aterros controlados (modalidade entre o lixão e o aterro sanitário, o qual não apresenta coleta de chorume e gases, bem como impermeabilização do solo) são proibidos desde a Política Nacional do Meio Ambiente (Lei nº 6.938/1981), sendo ratificada posteriormente, em 2010, pela Política Nacional de Resíduos Sólidos, Lei nº 12.305/2010, que estipulou a extinção dos lixões e aterros controlados até 31 de agosto 2014. Prazo este não cumprido. A Lei 14.026/2020, determinou, porém, que o prazo final para a extinção dos lixões (municípios com população inferior a 50.000 habitantes) se estendesse até agosto de 2024 (Albertin; Silva; Prado, 2023).

ambiental, (ii) entender a relação entre cooperativismo e sustentabilidade ambiental, social e econômica; e (iii) compreender as condições de vida de catadores de materiais recicláveis e as potencialidades ambientais de suas ações. Definida a problematização e o objetivo da pesquisa, partimos para o levantamento da literatura sobre o tema.

Levantamento da produção acadêmica sobre o tema e sua relevância socioacadêmica

A fim de obtermos embasamento teórico para escrita, bem como verificarmos a relevância do presente estudo, foi realizada uma busca no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Inicialmente, ao pesquisarmos pelas palavras-chave relacionadas ao tema em questão - a saber: vivências e experiências, catadores de materiais recicláveis, meio ambiente - foram obtidos 29 trabalhos realizados nos últimos 5 (cinco) anos, como relacionados. Os critérios de busca podem ser observados no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1- Levantamento bibliográfico: critérios de busca

TERMOS UTILIZADOS	"vivências e experiências"; "catadores de materiais recicláveis"; "meio ambiente"
TIPO	Mestrado e Doutorado
ANOS	2019 a 2023 (até junho)
GRANDE ÁREA CONHECIMENTO	Ciências Humanas
ÁREA CONHECIMENTO	Educação/ Sociais e humanidades/ Meio ambiente e agrárias
ÁREA AVALIAÇÃO	Educação
ÁREA CONCENTRAÇÃO	Educação Ambiental
NOME DO PROGRAMA	Educação/ Educação Ambiental

Fonte: Dados da pesquisa.

Diante do número de trabalhos que surgiu, realizamos uma análise minuciosa para identificar estudos semelhantes. Ao final da mesma, notamos que 2 (dois), dentre os estudos realizados, foram assinalados como parcialmente próximos à pesquisa proposta. São eles: O estudo de Silva (2020), intitulado: *Os catadores e a cadeia produtiva de reciclagem: uma análise no cenário capitalista*, e o estudo de Rocha (2020), intitulado: *O contexto histórico-*

social do trabalho dos sujeitos da associação de catadores de materiais recicláveis de Dois Vizinhos-PR. As principais informações referentes a tais pesquisas podem ser observadas no Quadro 2.

Quadro 2- Pesquisas que se aproximam da proposta apresentada

Q t	INSTITUIÇÃO / PROGRAMA	TÍTULO	AUTOR(A)	TIPO	DEFESA
1	Universidade Federal do Rio Grande / Educação Ambiental	Os catadores e a cadeia produtiva de reciclagem: uma análise no cenário capitalista	Camilla Helena Guimaraes da Silva	Dissertação	26/03/20
2	Universidade Estadual do Oeste do Paraná / Educação	O contexto histórico-social do trabalho dos sujeitos da associação de catadores de materiais recicláveis de Dois Vizinhos-PR	Daiane Cristina da Rocha	Dissertação	26/08/20

Fonte: Dados da pesquisa. Conforme dados extraídos do catálogo de teses e dissertações da Capes (2023).

Ao analisarmos os trabalhos supracitados, verificamos que a pesquisa de Silva (2020) teve como objetivo investigar, utilizando-se de observações de pesquisa e aplicação de questionário semiestruturado, as vivências em uma cooperativa de materiais recicláveis localizada no município de Pelotas - RS, destacando a realidade desses importantes agentes ambientais. Participaram da pesquisa sete catadores e responderam a 35 perguntas relacionadas a: ambientação – história do sujeito, segurança do trabalho, consciência ambiental e autonomia. O estudo obteve os seguintes resultados: os catadores de materiais recicláveis não conseguem vender sua força de trabalho da mesma forma que os trabalhadores formais, sendo inseridos como força de trabalho reserva na indústria da reciclagem. Outro ponto que merece destaque relaciona-se aos sentimentos dos cooperados em relação à sociedade, ao Estado e até mesmo ao setor de reciclagem, posto que, em relação a todos os seguimentos, os cooperados relatam que se sentem desvalorizados. Por fim, a autora ressalta

ainda a importância da Educação Ambiental crítica junto aos trabalhadores cooperados, ação que pode favorecer maior desenvolvimento e ganhos socioambientais à cooperativa.

A pesquisa de Rocha (2020) realizou um levantamento histórico e social vivido pelos catadores de materiais recicláveis em uma Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Dois Vizinhos-PR. Os dados foram obtidos por meio de questionários semiestruturados, tendo como participantes treze associados (entre o presidente da associação e o técnico da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Dois Vizinhos-PR). O procedimento metodológico buscou obter informações sobre a práxis e as perspectivas de trabalho dos associados. O estudo revelou que os catadores de materiais recicláveis apresentam, de modo geral, pouca escolaridade, pouco ou nenhum conhecimento da legislação relacionada ao setor da reciclagem e atuam na informalidade, posto não terem vínculo empregatício e, com isso, não têm garantia de direitos trabalhistas e nem salário fixo.

Nas pesquisas evidenciadas, observamos que não houve a gravação das falas espontâneas dos participantes, posto que os instrumentos utilizados foram organizados em questionários. Essa informação nos possibilita entender a diferença com a pesquisa que agora realizamos, visto que a utilização da narrativa como instrumento tem por finalidade obter as subjetividades vividas pelos cooperados participantes a partir de suas falas, relatando os percursos vividos e experienciados pelos participantes, enquanto importantes agentes ambientais, capazes de contarem suas histórias a partir de suas memórias.

Dalmaz e Netto (2004, p. 30) afirmam que “somos seres com história, construímos nossa identidade através de um processo que mescla as experiências vividas no ambiente e as nossas vivências interiores; assim, somos quem somos porque aprendemos e lembramos”. Segundo Silva (2017), nosso conhecimento de mundo e até de nós mesmos são informações resultantes das nossas vivências e experiências, visto que essas vão sendo “arquivadas” nas nossas memórias, conforme vamos construindo nossas trajetórias, vamos também construindo memórias. Dalmaz e Netto (2004, p. 30) elucidam ainda que “Toda vez que lembramos de algo estamos reconstruindo e adicionando alguma informação àquele arquivo de memória.”

Diante disso, as memórias são instrumentos bastante enriquecedores em uma pesquisa, pois permitem análises mais realistas e vivas, proporcionando trajetórias comoventes por meio de relatos espontâneos. Cabe ressaltar, portanto, que esse tipo de pesquisa visa à obtenção de informações sem a presença de questionários estruturados e fechados. Isso porque o tipo de pesquisa em análise trabalha buscando as subjetividades das narrativas. Sendo assim, de acordo com Botelho *et al.* (2019, p. 422), esse tipo de técnica “busca

compreender a trajetória dos investigados a partir do olhar das próprias entrevistadas”, indo em busca, portanto, das especificidades vividas.

Com o objetivo de facilitar a apresentação da pesquisa e trazer mais clareza às informações e discussões, a mesma foi estruturada em quatro seções, além da introdução e das considerações finais. Assim, na primeira seção, trazemos o “Corpus metodológico” utilizado na pesquisa, apresentando as escolhas e caminhos percorridos para a sua realização. Na segunda seção, estabelecendo diálogos com diversos autores/as, aprofundamos a conceituação de elementos fundamentais na área de estudo relacionado à sustentabilidade, tais como o meio ambiente, educação e educação ambiental, enfatizando a Educação Ambiental como um percurso em direção ao Desenvolvimento Sustentável, além de apresentar as macrotendências da Educação Ambiental. Também oferecemos uma breve apresentação de eventos e ocorrências relacionadas aos progressos da Educação Ambiental, tanto no âmbito global quanto no contexto brasileiro.

A terceira seção destina-se a abordar, de maneira concisa, a evolução histórica do cooperativismo, enfatizando sua natureza sustentável, que abrange as três dimensões fundamentais: social, ambiental e econômica. Em seguida, entramos no ambiente dos cooperados de materiais recicláveis, explorando os desafios que enfrentaram antes de se associarem às cooperativas, além de destacar a busca pelos direitos fundamentais.

Na última seção, utilizamos as narrativas dos sujeitos da pesquisa para estabelecermos uma conexão dialógica entre a empiria e a teoria. Inicialmente, estabelecemos a distinção em relação aos termos "vivências" e "experiências". Em seguida, partimos para a compreensão e interpretação das unidades de significação identificadas nas narrativas, a saber: a autobiografia; a dinâmica de trabalho; a escolaridade dos catadores; a relação entre as mulheres e o cooperativismo; a exclusão social e o estigma; e as percepções dos catadores a respeito de suas contribuições para a sustentabilidade, sendo-nos possível interpretar as suas vivências e experiências.

1 CORPUS METODOLÓGICO

“Curiosidade, criatividade, disciplina e especialmente paixão são algumas exigências para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, baseado no confronto permanente entre o desejo e a realidade”.

(Mirian Goldenberg)

Achamos pertinente iniciar este texto delimitando o corpus metodológico, de forma a trazer maior clareza e entendimento referente ao percurso metodológico empregado, visto que representa a base funcional da pesquisa. Como se trata de uma pesquisa de natureza acadêmica, consideramos fundamental começar com a definição do termo "pesquisa". Isso é necessário para esclarecer que, embora o termo possa ser usado de maneira superficial no dia a dia, ele tem um alcance muito mais amplo e complexo. A pesquisa em si desempenha importância vital na ciência, uma vez que viabiliza a condução da investigação, a compreensão e a reorganização de informações por meio de métodos científicos. O desenho metodológico destaca as escolhas que nos possibilitam buscar resposta para a questão emergente da pesquisa.

1.1 O que é pesquisa?

O termo “pesquisa” vem sendo utilizado de forma superficial e reduzida com bastante frequência, sendo empregado em várias áreas e situações. Vilaça (2010) afirma que no ambiente escolar pode desempenhar diferentes significados. É o caso, por exemplo, das atividades em que o professor orienta que os alunos “pesquisem” em *sites* informações referentes a conteúdos estudados. Na prática, o estudante a faz, na grande maioria das vezes, de forma automática, o que resulta no processo de “cópia e cola” da internet. Outras vezes, pesquisa é utilizada como sinônimo de resumir ou fichar um livro ou artigo. Pode acontecer também de ser usada como sinônimo de identificar, quando for solicitado ao estudante que pesquise, uma informação em um texto. Baseando-se nisso, é válido questionarmos: quais são os significados do termo "pesquisa"?

Para Appolinário (2004 *apud* Vilaça, 2010, p. 61-62), na busca pela definição, é possível identificar três potenciais características de uma atividade de pesquisa: “a) busca de respostas para problemas; b) investigação sistemática; c) busca e reorganização de informações”. A pesquisa é a atividade central da Ciência, desempenhando papel fundamental

no meio acadêmico, pois permite alcançar uma maior proximidade e compreensão do objeto a ser investigado.

Como afirmam Silveira e Córdova (2009), a pesquisa científica é o produto de uma investigação ou exame minucioso realizado com o objetivo de investigar um problema, utilizando métodos científicos. Nosella (2008, p. 257) entende que a pesquisa é “a produção e transmissão do conhecimento em geral, a inovação em ciência e tecnologia em todos os seus ramos, isto é, no âmbito das ciências humanas, exatas, biológicas, da comunicação, da arte etc.” Gil (2008, p. 26) também define “pesquisa” e afirma que o termo pode ser compreendido como “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. Assim, o objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Já Francisco Júnior e Feres Júnior (2011, p. 238) afirmam que “Pesquisa é, portanto, o caminho para se chegar à ciência, ao conhecimento”.

Como podemos notar, independentemente da sua definição, é importante esclarecermos que a pesquisa não se limita apenas ao ambiente acadêmico, pois estamos constantemente envolvidos em processos de pesquisa em nossa vida cotidiana. Sempre que buscamos informações, solucionamos problemas ou coletamos elementos relevantes para esclarecer dúvidas para aumentar nosso conhecimento ou tomar decisões, estamos realizando pesquisas (Gatti, 2010).

Quem pesquisa procura descrever, compreender ou explicar alguma coisa. É uma das maneiras de que nos valem, em última análise, em qualquer campo de conhecimento, para solucionar problemas. Para responder a algumas incógnitas, segundo alguns critérios. Portanto, o conhecimento obtido pela pesquisa é um conhecimento vinculado a critérios de escolha e interpretações de dados, qualquer que seja a natureza desses dados (Gatti, 2010, p 10).

Porém, Demo (1985) adverte que a pesquisa vai além de simplesmente reunir dados empíricos, medir e processá-los de maneira complexa, pois ele reconhece que a pesquisa também engloba a abordagem embasada em um arcabouço teórico prévio, que envolve uma discussão criativa das opiniões dos autores consultados. Partindo dessa premissa, cabe indagar: devemos considerar todas as pesquisas como científicas? Rudio (2009, p. 9 *apud* Vilaça, 2010, p. 63) esclarece que, para receber a classificação de científica, a pesquisa “deve ser feita de modo sistematizado, utilizando para isto método próprio e técnicas específicas e procurando um conhecimento que se refira à realidade empírica”. Assim, é essencial adotarmos uma abordagem metodológica apropriada e utilizarmos técnicas específicas para

buscar conhecimento com base em experiências e evidências concretas. Dessa forma, é possível obtermos resultados embasados em observações empíricas, contribuindo para a construção de um conhecimento sólido e confiável.

A prática da leitura é essencial na construção de um referencial teórico sólido. Ao dedicarmos tempo à leitura, é possível obtermos uma ampla gama de conhecimentos teóricos, permitindo a formulação de hipóteses alternativas na pesquisa. Essa diversidade de fontes contribui para um embasamento teórico mais completo e enriquecedor (Demo, 1985). Apesar de não haver um roteiro pré-definido na pesquisa que deve ser seguido, de acordo com Gatti (2010, p. 10), “Vamos então percorrendo aqueles caminhos que nos parecem, segundo critérios mais seguros para construir uma compreensão aproximada dos homens, da natureza, das relações humanas, etc.” Apesar de não existir um modelo de pesquisa científica, cabe a cada pesquisador, com suas próprias questões, desenvolver seu próprio referencial de segurança.

Ribeiro (2008) utiliza uma analogia interessante ao comparar o planejamento de uma pesquisa ao trabalho de um cozinheiro. Segundo essa autora, antes de iniciar o preparo de um prato ou uma pesquisa, é fundamental definir claramente o objetivo, ou seja, qual prato será feito ou qual é o propósito da pesquisa. Assim como o cozinheiro precisa identificar e obter os ingredientes que serão utilizados, o pesquisador deve procurar informações e dados relevantes para embasar seu estudo. Além disso, tanto o cozinheiro quanto o pesquisador devem certificar-se de que possuem os utensílios necessários para realizar suas tarefas com eficiência.

No processo de preparo, o cozinheiro segue etapas específicas e, da mesma forma, o pesquisador precisa cumprir os passos requeridos no processo de pesquisa. A dedicação e as habilidades do cozinheiro na cozinha são cruciais para o resultado do prato, assim como o empenho e a capacidade do pesquisador são essenciais para alcançar uma pesquisa adequada e relevante. Portanto, para obter uma pesquisa de qualidade, o pesquisador deve traçar objetivos claros e delinear os caminhos apropriados para alcançá-los, assim como o cozinheiro, que busca criar uma refeição saborosa e apreciável. Dessa forma, ambos poderão alcançar sucesso em suas atividades, seja na cozinha ou na ciência.

Construir ciência é em parte o cultivo de uma atitude típica diante da realidade, da atitude de dúvida, de crítica, de indagação, rodeada de cuidados para não sermos ingênuos, crédulos, apressados. Tudo isto é questão metodológica. Perquirir tais caminhos pode ser devaneio digressivo, especulação desenfreada; mas pode ser condição fundamental para

desabrocharmos nossa opção teórica e prática diante da ciência (Demo, 1985, p. 25).

Durante a execução de uma pesquisa, é fundamental que o pesquisador adote uma postura questionadora, visando obter um conhecimento crítico. É importante também ter cuidado para evitar a ingenuidade, a credulidade e a precipitação. Desse modo, toda pesquisa exige escolhas realizadas pelo pesquisador na execução de suas atividades. A seguir, passamos a apresentar essas escolhas.

1. 2 Esboço do desenho metodológico

Partimos de uma aproximação do método fenomenológico, visto que temos a intenção de desvelar a subjetividade dos participantes. Esse desvelar emerge das vivências e experiências cotidianas dos catadores, levando-nos ao desvelamento da origem do fenômeno, posto que a fenomenologia pode ser assim entendida:

É uma filosofia que repõe as essências na existência, é a própria experiência na busca de um sentido, e que procura compreender o homem na sua totalidade existencial, integrado a um mundo vivido. É uma descrição direta da experiência enquanto corpo, consciência encarnada, um relato do espaço, do tempo e do mundo vivido (Ferraz; Labronici, 2015, p. 844).

Fazenda (2000) afirma que, para alguns autores, a prática da fenomenologia não consiste em utilizar um método previamente estabelecido, mas sim em adotar uma postura voltada para as regras formais que são direcionadas especificamente ao fenômeno em questão. Conforme Moreira (2002), a fenomenologia é uma abordagem científica que parte do "zero", sem pressuposições prévias. Seu foco está na experiência comum, explorando os processos comuns de pensamento e linguagem sem recorrer a teorias científicas ou filosóficas.

Nesse contexto, entendemos o fenômeno como aquilo que se revela em sua própria natureza, ou seja, que se mostra por si mesmo. Não há um único método fenomenológico, mas sim uma atitude subjacente. Essa atitude trata da disposição do ser humano em abrir-se para compreender aquilo que se manifesta (abrindo-se no sentido de estar livre para perceber o que se revela, sem estar aprisionado por conceitos ou concepções).

Partindo da premissa da possibilidade de compreender experiências vividas, a abordagem para análise dos dados adotada será a qualitativa, pois o objetivo básico foi a compreensão particular das vivências dos catadores. De acordo com Bicudo (2011, p. 33), “A vivência não é entendida como algo dado, pois somos nós que penetramos no interior dela e que a experienciamos de maneira imediata”. Dessa forma, a vivência vai muito além de um

conjunto de experiências, mas da própria ação de vivê-las (Bicudo, 2011). Desse modo, a aproximação do método nos conduziu à opção pela abordagem qualitativa.

Em nosso entendimento, a abordagem qualitativa nos possibilita conhecimento aprofundado acerca das subjetividades específicas experienciadas pelos catadores de materiais recicláveis. Assim, os resultados visam ser os mais fidedignos possíveis da realidade vivida. O foco é o ser humano como agente central, considerando sua visão de mundo como um aspecto de extrema importância. No entanto, esse tipo de pesquisa difere da pesquisa nas ciências naturais e exatas, pois não é estruturada em termos de mensuração, e sim na busca pela compreensão das experiências e interpretações individuais dos participantes. Conseqüentemente, reconhece a necessidade de se explorar profundamente a complexidade das vivências humanas, procurando estudar a diversidade de significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa aos fenômenos estudados, ou seja, permitindo uma compreensão rica e contextualizada dos fenômenos em estudo (Flick, 2013). Segundo o autor:

A pesquisa qualitativa lida com as questões usando uma das três seguintes abordagens. Ela visa (a) à captação do significado subjetivo das questões a partir das perspectivas dos participantes (p. ex., o que significa para os entrevistados experimentar seus estudos universitários como um fardo?). Com frequência, (b) os significados latentes de uma situação estão em foco (p. ex., quais são os aspectos inconscientes ou os conflitos básicos que influenciam a experiência do estresse por parte do estudante?). É menos relevante estudar uma causa e o seu efeito do que descrever ou reconstruir a complexidade das situações. Em muitos casos, (c) as práticas sociais e o modo de vida e o ambiente em que vivem os participantes são descritos (Flick, 2013, p. 23).

Como relatado por Simões e Souza (1997), ao procurar uma abordagem de pesquisa qualitativa, a fenomenologia, por conter traços e característica comuns, permite entender que o presente trabalho se aproxima do método fenomenológico. Isso porque tem o objetivo de estudar a realidade social rotineira. Então, Moreira (2002) destaca que a fenomenologia tem o objetivo de vivenciar as experiências intuitivas de forma a compreender o mundo exterior, opondo-se ao positivismo, que prima pela exatidão. Sendo assim, a fenomenologia busca a vivência dos seres em detrimento da objetividade. Moreira (2002, p. 66) afirma ainda que “Os fenômenos são os blocos básicos da ciência humana e a base para todo conhecimento.” Dessa forma, qualquer fenômeno pode ser passível de investigação e estudo.

Quanto aos objetivos, elegemos a pesquisa exploratória, haja vista que esse percurso tem por finalidade principal conhecer a realidade tal como se apresenta, levando em consideração o contexto em que os catadores estão inseridos. De acordo com Gil (2002), esse tipo de pesquisa busca o aperfeiçoamento de conceitos ou a descoberta de percepções, tendo a

premissa de aperfeiçoar, esclarecer e alterar conceitos ou pensamentos. Nesse sentido, esse tipo de estudo tem como objetivo ampliar o conhecimento do pesquisador sobre o tema, permitindo-lhe formular problemas mais precisos e desenvolver hipóteses que possam ser investigadas em estudos futuros. Piovesan e Temporini (1995, p. 321) reiteram que:

[...] a pesquisa exploratória leva o pesquisador, frequentemente, à descoberta de enfoques, percepções e terminologias novas para ele, contribuindo para que, paulatinamente, seu próprio modo de pensar seja modificado. Isto significa que ele, progressivamente, vai ajustando suas percepções à percepção dos entrevistados. Em outras palavras, ele vai conseguindo controlar, quase que imperceptivelmente, o seu viés pessoal.

Segundo Raupp e Beuren (2006), as pesquisas exploratórias são frequentemente utilizadas quando há um conhecimento limitado sobre um determinado tema. Nesse sentido, busca-se adquirir um entendimento mais aprofundado, com o intuito de esclarecer o assunto em questão ou direcionar questões relevantes para a condução da pesquisa. Desse modo, Piovesan e Temporini (1995) afirmam que pesquisa exploratória, frequentemente, leva o pesquisador a descobrir novas percepções, contribuindo, gradualmente, para a modificação de seu próprio modo de pensar. Seu objetivo principal é refinar os dados da pesquisa, desenvolver e aprimorar as hipóteses.

Como procedimento metodológico, recorreremos à pesquisa bibliográfica e de campo. Como técnica de recolha de dados, foi empregada a entrevista narrativa, ou seja, foram obtidas narrativas dos catadores de materiais recicláveis referentes ao seu cotidiano. Duarte (2004, p. 215) elucida que:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo [...].

Com base em Sahagoff (2015), as entrevistas narrativas permitem viver e contar histórias, bem como revivê-las e recontá-las. É um processo bastante ativo e cíclico, no qual, inclusive, os pesquisadores podem participar, recontando as histórias ouvidas e observadas. Dessa forma, o presente estudo, além da busca de pesquisas acadêmicas, também lança mão de um tipo documento que não é obtido por meio de pesquisas bibliográficas tradicionais, mas

sim através de gravações, ou seja, fazendo uso dos relatos de memórias dos catadores de materiais recicláveis.

As narrativas são obtidas por meio dos relatos orais dos narradores, que tentam reconstruir os eventos que vivenciaram por meio de suas memórias.

É graças às lembranças armazenadas na memória, que o indivíduo imagina, sonha, lembra o vivido e o interpreta sendo estimulado por fatores externos a si. O passado atualiza-se por meio de um cheiro, de um gesto, de um som, de uma cor, de uma imagem enquanto vestígio da lembrança que ativa as recordações e evoca um tempo que já não nos pertence (Castro, 2013, p. 97).

Ao examinar cuidadosamente esses relatos orais, os pesquisadores podem identificar padrões, temáticas recorrentes e sutilezas que enriquecem a compreensão dos eventos e contribuem para a construção do conhecimento qualitativo. Queiroz (1988, p. 15) esclarece que, para alguns autores, o relato oral “se apresenta como uma técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; servia, pois, para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível”. Portanto, as narrativas de vida podem ser importantes ferramentas para preservação das memórias que, com o tempo, iriam desaparecer e morrer com sujeitos que as vivenciaram. Assim, por meio das transcrições, tornam-se documentos passíveis de serem resguardados.

Para o pesquisador que utiliza os relatos orais, é fundamental que demonstre um profundo respeito pelo indivíduo, suas opiniões, seus modos de agir, enfim, pela sua trajetória de vida, pois essa perspectiva pessoal confere significado aos eventos e aos fatos narrados. A história oral desempenha um papel crucial na obtenção do conhecimento. No entanto, seu uso é justificado somente no contexto de uma investigação científica. Antes de adotar a história oral, é essencial estabelecer questões e perguntas que fundamentem o desenvolvimento da pesquisa. Essas questões e perguntas são o ponto de partida para a utilização da história oral e orientam todo o processo de investigação (Alberti, 2004).

A utilização do relato oral em uma pesquisa vai além de simplesmente sair gravando qualquer pessoa disposta a falar. Um requisito bastante valioso é o planejamento, que deve ocorrer desde a seleção dos participantes até a análise do material coletado, levando em consideração a relevância das narrativas dos entrevistados. Isso garante que as horas de gravação sejam aproveitadas de maneira significativa e contribuam para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados (Alberti, 2004).

Depois de ocorrer as entrevistas, é necessário que ocorram as transcrições, o que possibilita que as narrativas se transformem em documentos. Tanto os relatos gravados

quanto as transcrições devem ser armazenados em nuvem (Dropbox, Google Drive, iCloud ou OneDrive), em arquivos em computador ou *pen drives* de forma a garantir armazenamento seguro dos dados e estes devem ser resguardados por no mínimo cinco anos. Queiroz (1988, p. 18) ressalta ainda a importância das transcrições para conservação dos relatos ao longo do tempo, afirmando ainda que “a narrativa oral, uma vez transcrita, se transforma num documento semelhante a qualquer outro escrito, diante do qual se encontra um estudioso e que, ao ser fabricado, não seguiu forçosamente as injunções do pesquisador”.

[...] a pesquisa e a documentação estão integradas de maneira especial, uma vez que é realizando uma pesquisa, em arquivos, bibliotecas etc., e com base em um projeto que se produzem entrevistas, que se transformarão em documentos, os quais, por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas. A relação da história oral com arquivos e demais instituições de consulta a documentos é, portanto, bidirecional: enquanto se obtém, das fontes já existentes, material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início (Alberti, 2004, p. 81).

Assim, a pesquisa que utiliza o relato oral, ao mesmo tempo em que obtém material em pesquisas já documentadas, tais como livros, artigos, jornais, dossiês etc., vai buscando produzir novos documentos, por meio das entrevistas e, depois, transcrições, enriquecendo e, com frequência, oferecendo explicações adicionais aos materiais inicialmente consultados.

1.3 Definição do campo de estudo

Para a definição da escola-campo de pesquisa, iniciamos por uma busca no *site* da Companhia de Urbanização de Goiânia (COMURG) sobre as cooperativas cadastradas. Encontramos um número de catorze (14) cooperativas registradas na Prefeitura Municipal de Goiânia, a saber: Cooper Mas, Cooper Rama, Cooper Fami, Beija Flor, Acop, Carrossel, Cooprec, A Ambiental, Carrinho de Ouro, Seleta, Goiânia Viva, Cooperabem, Crescer e Nova Esperança. Ao mapearmos essas cooperativas, estabelecemos um critério logístico, ou seja, uma que nos possibilitasse certa facilidade de visitas ao *locus* da pesquisa. Estabelecemos um raio de 10 km, tendo como referência a residência da pesquisadora e a proximidade com o aterro sanitário de Goiânia. Esse critério inicial nos levou à escolha e posterior visita a 3 cooperativas, como apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3- Critério para escolha da cooperativa-campo

NOME DA COOPERATIVA	EFETIVAÇÃO DA VISITA	NÚMERO DE COOPERADOS
Carrossel	Realizada	25
COOPERFAMI	Realizada	14
Goiânia Viva	Não realizada (endereço desatualizado) ²	Sem resposta

Fonte: Dados da pesquisa (visita realizada em novembro de 2022).

Cabe salientar que, na visita realizada, para a determinação do campo, a Cooperativa Goiânia Viva não foi encontrada, pois não foi localizada no endereço que obtivemos no registro da prefeitura.

Após a visita preliminar realizada, dado o número maior de cooperados, pensamos em pesquisar a cooperativa Carrossel, mas não sentimos que tivesse havido boa aceitação à participação na pesquisa, fato que poderia trazer algum prejuízo na posterior coleta de dados. Desse modo, optamos pela cooperativa COOPERFAMI, pois, apesar de um número menor de cooperados em relação à primeira opção, percebemos menos resistência dos mesmos na participação da pesquisa.

Definido o *locus*, campo da pesquisa, houve necessidade de submetermos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), garantindo ao partícipe os cuidados éticos e a proteção vigentes na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016, que tem o objetivo de proporcionar o respeito pela dignidade humana e proteção dos envolvidos nas pesquisas científicas. Ainda de acordo com a Resolução, “Considerando que a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes” (Brasil, 2016, p. 1). Diante disso, em 26 de setembro de 2022, o projeto de pesquisa foi submetido ao CEP da Universidade Estadual de Goiás, sendo aprovado em 4 de novembro de 2022, sob protocolo no Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 63926422.5.0000.8113 (número do Parecer: 5.768.756), que avaliou o estudo e as condições necessárias para a proteção dos participantes da pesquisa.

² Cooperativa não encontrada. Informações de endereço e números de contatos atualizadas no *site* da Comurg pela última vez em 08/04/2014.

Com base no exposto acima, o (a) participante teve sua privacidade, confidencialidade, proteção da sua imagem garantidas, de modo a não obter prejuízos econômicos, sociais e psicológicos. Além disso, a presente pesquisa só teve prosseguimento depois da Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Cabe ainda ressaltar que, antes da realização das entrevistas, os participantes foram esclarecidos sobre o presente trabalho, bem como seus objetivos, assinando o termo de consentimento para sua participação.

1.4 O local e o procedimento para obtenção de informações

Este estudo tem como público-alvo os cooperados de uma cooperativa de materiais recicláveis chamada Família Feliz - COOPERFAMI, localizada na região Oeste, na cidade de Goiânia-GO. Portanto, o requisito para a participação no estudo e o critério de inclusão foram que os/as participantes fossem cooperados da cooperativa supracitada. A COOPERFAMI situa-se na Rua Batuba, nº 54, Setor Barra da Tijuca, na cidade de Goiânia. Ao observarmos a imagem, podemos perceber que a cooperativa em questão está localizada bem próxima do Aterro Sanitário de Goiânia, o que justifica um grande fluxo de caminhões na região.

Sua localização pode ser visualizada no ícone em cor vermelha em destaque na Figura 1. A imagem evidencia que a região onde se encontra a cooperativa é uma região periférica de Goiânia.

Figura 1- Localização da COOPERFAMI



Fonte: Google Maps, 2023.

Já na Figura 2 são apresentadas imagens da entrada e da fachada da COOPERFAMI.

Figura 2- Entrada e fachada da cooperativa COOPERFAMI



Fonte: Dados da pesquisa.

Para obtenção das informações necessárias à pesquisa, as entrevistas foram realizadas com perguntas não estruturadas, ou seja, de acordo com a situação em que os participantes estavam no momento das entrevistas. Já as perguntas foram elaboradas, não havendo, dessa forma, roteiro estruturado. Isso ocorre devido à natureza da pesquisa, pois diferentes contextos podem gerar diferentes perguntas e indagações. Como as narrativas tiveram cunho autobiográfico, foi formulada uma pergunta norteadora de forma a abordar toda a trajetória de vida do sujeito pesquisado. Assim, foi perguntado aos cooperados: “Quais os caminhos percorridos pelo (a) senhor (a) ao longo da sua vida até chegar à cooperativa e quais os pontos positivos e negativos dessa profissão”. Com base nisso, o (a) cooperado (a) teve liberdade para narrar os principais acontecimentos vivenciados em suas vidas, deixando transparecer que são resultantes das vivências e experiências.

Em novembro de 2022, ocorreu a primeira visita ao local. A presidente da cooperativa não estava, mas fui muito bem recebida por uma das cooperadas. Ela me explicou de forma breve o funcionamento da cooperativa, bem como a rotina de trabalho. Pedi o contato da presidente, ela me passou sem hesitar. Falei um pouco sobre mim e sobre o projeto de pesquisa. Quando liguei para a presidente, ela já sabia quem eu era. Então, falei rapidamente com ela, e marquei um horário para fazer uma nova visita à cooperativa.

Em dezembro de 2022, retornei e nesse momento precisava esclarecer mais a fundo sobre os meus objetivos e a forma como ocorreriam as entrevistas. Expliquei que iria procurar não atrapalhar a rotina de trabalho deles e que as gravações ocorreriam de forma bastante espontânea e tranquila. Em nenhum momento fui ignorada, uma vez que ela me tratou muito bem e concordou que a cooperativa fosse participante do estudo. No mesmo mês, o projeto foi aprovado no Comitê de Ética. No cronograma, estava previsto que as visitas ocorreriam de

janeiro a fevereiro de 2023. No entanto, ocorreram somente no mês de fevereiro e março devido à demanda de trabalho e às questões de saúde de alguns cooperados.

Foram realizadas duas visitas antes de iniciarmos as entrevistas com o objetivo de conhecer a cooperativa, ter uma maior aproximação com os cooperados e obtenção da assinatura do consentimento de participação na pesquisa pela presidente da cooperativa.

1.5 Sujeitos da Pesquisa

No dia 10 de fevereiro de 2023, entrei em contato com a presidente da cooperativa COOPERFAMI novamente para marcar as entrevistas. Porém, ela disse que aquela semana não daria, pois algumas cooperadas estavam doentes, o que causou acúmulo de trabalho. Diante desse problema, sugeri que fosse feita na próxima semana. Com base nisso, marquei para fazer a visita na quinta-feira da semana sugerida. Ao chegar, ela me recebeu muito bem. Havia três cooperados do sexo masculino descarregando um caminhão e outras cooperadas (maioria) separando os materiais recicláveis. Ao entrar no galpão, percebi que me olhavam com um olhar desconfiado e esquivo. Mas fui logo me apresentando e cumprimentando-as. Mesmo que não fosse a primeira vez no local, acredito que ficaram constrangidas com minha presença no primeiro momento. Mas logo continuaram a separar os materiais. Perguntei à presidente se poderia realizar as entrevistas naquele momento e ela me respondeu com um sorriso no rosto e com gesto de positivo e disse: “Pode sim”. Perguntei se não iria atrapalhá-las e ela afirmou: “Não, não tem problema”. E já disse para uma das cooperadas ir até sua sala comigo para que eu pudesse iniciar as entrevistas.

A cooperativa possui 14 associados. Desses, um estava de férias e dois não quiseram participar, restando então 11 participantes. No entanto, como era o primeiro contato que havia tido com alguns dos entrevistados, percebi que muitos ficaram desconfortáveis ou se limitaram apenas a responder minhas perguntas, não havendo espontaneidade em suas falas. Com base nisso, resolvemos que eu deveria retornar à cooperativa e realizar as entrevistas novamente.

Foi o que aconteceu. Retornei então depois de 15 dias. Expliquei mais um vez quais seriam os objetivos das entrevistas e como elas deveriam acontecer. Com base nesse esclarecimento, 7 cooperados quiseram participar. Para realização das entrevistas, os participantes foram esclarecidos sobre o presente trabalho, bem como sobre seus objetivos. Além disso, foi esclarecido que informações fornecidas no decorrer da pesquisa só seriam utilizadas caso os participantes realizassem a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para que o entrevistado (a) se sentisse confortável em participar, foram esclarecidos sobre a não obrigatoriedade de responder às questões, bem como sobre a possibilidade de parar de participar a qualquer momento desde que se sentisse desconfortável por quaisquer motivos mencionados acima, sem qualquer prejuízo ao participante. Foi explicado também que eles poderiam desistir de participar a qualquer momento, não sendo prejudicados. As entrevistas foram gravadas e transcritas de forma a recuperar a exatidão das falas.

Dessa forma, as entrevistas ocorreram face a face durante as visitas realizadas na cooperativa escolhida. De acordo com Botelho *et al.* (2019, p. 422), esse tipo de técnica “busca compreender a trajetória dos investigados a partir do olhar das próprias entrevistadas”. Sendo assim, procura as especificidades vividas.

As entrevistas aconteceram na sala da presidente da cooperativa, de forma individual e espontânea. Assim, à medida que um entrevistado terminava sua narrativa, chamava o próximo que gostaria de participar. Escolher um local propício para realizar as entrevistas, segundo Alberti (2004), é demasiadamente importante, visto que tanto entrevistado quanto entrevistador necessitam estar compenetrados na atividade a ser desempenhada (articular o quê e como falar). Além disso, é crucial considerar a ausência de outras pessoas, que podem interferir no percurso das narrativas, causar desconforto e constrangimento durante a entrevista.

Ainda com base em Alberti (2004, p. 79), a entrevista é o momento crucial no trabalho com história oral, pois “[...] ali é onde a investigação e a prática científicas se aliam e produzem resultados. É na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer a história oral”. Isso implica a necessidade de realizar as entrevistas com extrema cautela, reconhecendo e compreendendo a natureza singular da relação estabelecida com o entrevistado.

Cabe salientar que as entrevistas foram bastante informais, de forma que os entrevistados puderam narrar suas histórias e continuar seus afazeres, sem que ocorressem significativos prejuízos ao trabalho. Como não existia questionário estruturado, a duração das entrevistas variou entre 5 e 25 minutos, dependendo do que e como os cooperados iam discorrendo.

As transcrições ocorreram logo após a realização das entrevistas. Ao final dessa tarefa, a entrevista passou pela conferência de fidedignidade, ou seja, o áudio foi ouvido novamente, mas agora acompanhado pelo texto transcrito de modo a conferir as falas dos entrevistados, bem como mudanças no tom de voz, pausas etc. O objetivo principal foi manter as falas dos entrevistados integralmente, sem realizar correções gramaticais de qualquer natureza. Sob a

perspectiva bakhtiniana, a linguagem é considerada uma superestrutura que reflete os desequilíbrios de poder existentes na sociedade (Brandão, 2019). Da mesma forma, existem preconceitos linguísticos que distorcem as construções estéticas provenientes das classes populares, fazendo com que aquilo que vem dessas origens seja desvalorizado, considerado incorreto e, conseqüentemente, sujeito à correção.

Após a realização das entrevistas e a transcrição dos dados, a próxima etapa consistiu em analisar como esses dados seriam interpretados e de que maneira o corpus empírico se relacionava com o corpus teórico da pesquisa. À medida que as narrativas foram sendo analisadas, foram surgindo temas, o que ocorreu de acordo com a presença de unidades de significação. Assim, os temas se desdobram em unidades e serão apresentados ao longo desse trabalho, no qual buscamos interpretá-los de forma cuidadosa e rigorosa, articulando-os entre si. Isso exige a criação de um novo texto, agora com a articulação de falas, segundo Duarte (2004, p. 222), o que promove “uma espécie de ‘diálogo artificial’ entre elas, aproximando respostas semelhantes, complementares ou divergentes, de modo a identificar recorrências, concordâncias, contradições, divergências etc.” Vale ressaltar que, durante todo o processo de análise, o material empírico foi examinado e interpretado tendo como suporte teórico a literatura científica.

Essas unidades auxiliam na interpretação das informações relatadas pelos cooperados. Para Moreira (2002), fica evidente que a fenomenologia resulta em variações nas narrativas, tornando essencial que o pesquisador realize as análises de forma consciente. Essa análise conduzirá à identificação das temáticas comuns entre os participantes. Em vista disso, observamos que a análise das entrevistas e, conseqüentemente, suas transcrições são uma tarefa de grande complexidade, requerendo cuidadoso manejo na interpretação e identificação das categorias envolvidas (Duarte, 2004).

Na Figura 3, são demonstradas, de forma esquemática, as principais etapas realizadas ao longo deste estudo:

Figura 3 - Sequência metodológica do estudo



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao traçarmos os caminhos das escolhas realizadas no percurso metodológico, passamos a tecer um debate teórico que serve de base para nosso percurso de pesquisa.

2 MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”.

(Paulo Freire)

Depois de esboçarmos o roteiro metodológico percorrido nesta dissertação, exploramos conceitos relacionados ao meio ambiente e à sustentabilidade. Desse modo, esta seção promove um diálogo abarcando tópicos como meio ambiente, sustentabilidade e educação. Por fim, trazemos algumas contribuições sobre o entendimento de Educação Ambiental, ressaltando seu papel fundamental como via para alcançar o desenvolvimento sustentável.

2.1 Meio ambiente

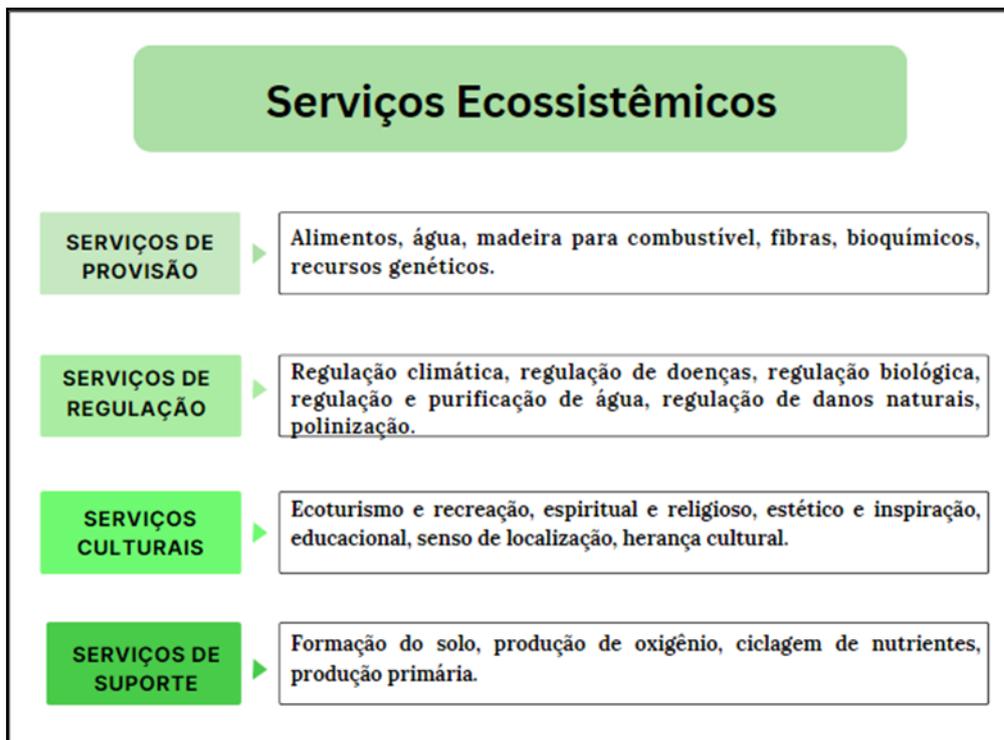
Antes de discutirmos sobre a sustentabilidade e Educação Ambiental, é relevante conceituarmos “meio ambiente”. A Lei nº 6.938/81, da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), no artigo 3º, afirma que se entende por Meio Ambiente “o conjunto de condições, leis, influências e infraestrutura de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (Brasil, 1981).

No dicionário Aurélio on-line, Meio Ambiente é definido como “Reunião do que compõe a natureza, o ambiente em que os seres estão inseridos, bem como suas condições ambientais, biológicas, físicas e químicas, tendo em conta a sua relação com os seres, especialmente com o ser humano”. O termo meio ambiente não pode ser limitado apenas à esfera biofísica. Dessa forma, não se reduz apenas aos elementos da natureza, tais como: ar, solo, água, flora e fauna, pois deve abranger o homem e suas ações. Nesse sentido, Ramos (2001, p. 212) afirma que “Ao enfatizar apenas os efeitos naturais e negligenciar as repercussões sociais das interações do ser humano com seu ambiente, os problemas ambientais são reduzidos a meras questões de poluição e destruição da flora e fauna”. Isso evidencia que meio ambiente é muito mais complexo, uma vez que as ações humanas desempenham um papel bastante relevante, afetando e sendo afetados pelo meio natural, num processo cíclico.

As atividades humanas causam impactos no meio ambiente, tanto na retirada e utilização dos recursos naturais, que são componentes estruturais dos ecossistemas, bem como ao reintroduzir os resíduos resultantes de tais atividades. O homem se beneficia de forma direta e/ou indireta do meio ambiente através da utilização dos recursos naturais.

Andrade e Romeiro (2009) esclarecem que os ecossistemas desempenham funções fundamentais, por meio das quais são gerados os serviços ecossistêmicos. Esses, por sua vez, contribuem para a manutenção da vida no nosso planeta, gerando bem-estar humano. Os serviços ecossistêmicos são categorizados em quatro grupos, a saber: serviços de provisão, serviços de regulação, serviços culturais e serviços de suporte. A Figura 4 traz, de forma mais detalhada, os Serviços Ecossistêmicos citados.

Figura 4- Exemplos de Serviços Ecossistêmicos



Fonte: MA (2003, p. 57 *apud* Andrade; Romeiro, 2009, p. 13, adaptado).

Analisando as categorias dos Serviços Ecossistêmicos, podemos perceber que eles são essenciais para obtenção de recursos indispensáveis à vida. Todavia, cabe enfatizar que o crescimento populacional e o crescimento econômico vêm afetando de forma negativa os serviços ecossistêmicos.

Andrade e Romeiro (2009) destacam ainda que a preocupação com os ecossistemas tem crescido, visto que o ser humano é o grande responsável, tornando-se foco de estudo para pesquisadores que buscam entender como as mudanças no meio ambiente podem impactar o bem-estar das sociedades, demonstrando que o homem é extremamente dependente dos serviços ecossistêmicos. Diante disso, cabe salientar que, embora as mudanças possam ocorrer naturalmente ao longo do tempo, a intensificação dessas transformações tem sido cada vez mais influenciada pelas ações humanas.

2. 2 Sustentabilidade: conceitos e suas implicações

Vários estudos apontam para existência de registros de atividades devastadoras do meio ambiente desde os povos mais primitivos. O homem tem explorado a natureza em busca do desenvolvimento, alimentação, edificação de cidades etc., de modo a extrair seus recursos, transformando-os para atender as suas necessidades. Nesse contexto, as preocupações com as questões ambientais, assim como ações depredatórias, podem ser identificadas ao longo da história. Esse processo tem impulsionado a emergência de ações variadas nos grupos humanos, voltadas ao enfrentamento dos obstáculos para a sobrevivência. Diversos exemplos podem ser encontrados em literaturas que oferecem indicações sobre essas questões, como as descritas desde os primeiros povoados. Notamos, portanto, que a preocupação com as questões ambientais e a conscientização sobre as consequências de nossas ações têm uma longa trajetória histórica.

A humanidade passou por vários momentos bastante significativos, mas a formação das cidades representou grande destaque. Heine (2012) enfatiza que a formação das cidades foi primordial para o desenvolvimento das primeiras civilizações. Dessa forma, a população pôde aumentar e atingir o desenvolvimento contemporâneo.

Após a Revolução Industrial (século XVIII), o mundo iniciou um processo de significativas transformações nos campos econômico, social e tecnológico. Corroboraram também a expansão do capitalismo e o aumento da população mundial, gerando impactos ambientais negativos em esfera global (Monteiro *et al.*, 2012). Nesse sentido, Cavalcante e Silva (2015) destacam que os problemas ambientais afloraram com maior intensidade no final do século XX, representando adversidade atual. Em consequência disso, a produção em larga escala de resíduos sólidos torna-se uma realidade.

O aumento da população e da produção acarretou uma necessidade maior e mais complexa de recursos naturais. A natureza é pródiga, mas também é frágil, e seu equilíbrio é delicado. Há limites que não podem ser transpostos sem que a integridade básica do sistema fique prejudicada³. Hoje, estamos perto de vários desses limites; temos de ter sempre em mente o risco do ver ameaçada nossa sobrevivência na Terra. Além disso, o uso dos recursos está mudando tão depressa que dispomos de pouco tempo para prever e evitar efeitos não-desejados (Brundtland, 1991, p. 35).

Ao abordarmos o tema sustentabilidade, é pertinente reconhecermos sua origem, a qual se fundamentou nos conceitos do ecodesenvolvimento. Esse, por sua vez, teve sua

³ A capacidade notável da natureza de restaurar-se ao seu estado natural após sofrer algum impacto é conhecida como resiliência. Quanto mais rápida for a recuperação, maior será a resiliência do ecossistema. Contudo, existem limites que, quando ultrapassados, podem comprometer o estado original (Andrade; Romeiro, 2009).

origem com Maurice Strong, Secretário da Conferência de Estocolmo, e foi amplamente disseminado por Ignacy Sachs⁴, a partir de 1974, sendo amplamente conhecido como desenvolvimento sustentável (Montibeller Filho, 1999).

No conceito de ecodesenvolvimento, que Sachs disseminou com afinco em suas obras, a característica básica era sua “estratégia multidimensional”, ou seja, tratava-se de uma proposta de articulação entre o desenvolvimento e justiça econômica, preservação do meio ambiente e participação social. Na perspectiva de Sachs, o ecodesenvolvimento deveria caminhar no sentido de um compromisso para a emancipação do ambiente natural e dos seres humanos e as diferentes culturas dos diferentes povos, sobretudo os povos marginalizados e os países menos desenvolvidos, da dominação das políticas dos países ricos responsáveis por promoverem as mudanças sociais. Ou seja, tratava-se de uma tentativa de conciliar aspectos econômicos, ecológicos, políticos, sociais e culturais (Camargo, 2016, p. 73).

Nesse cenário, a sustentabilidade emerge como uma esperança para promover melhorias na vida de nosso planeta, visando atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras.

No entanto, esse conceito abrangente pode englobar uma variedade de aspectos específicos em cada contexto, resultando em múltiplos significados e interpretações, dependendo do contexto em que é empregado. Para compreender melhor essa abrangência, Sachs (2000) apresenta uma classificação da sustentabilidade em oito dimensões: sustentabilidade social, econômica, ecológica, espacial, cultural, ambiental, política (nacional) política (internacional). Cada uma dessas dimensões contribui para uma compreensão mais completa e abrangente do que é a sustentabilidade e como ela pode ser aplicada em diferentes áreas e contextos. Para melhor elucidação das dimensões de sustentabilidade, elaboramos o quadro seguinte:

⁴ Sachs era polonês nascido em Varsóvia, em 1927. Veio para o Brasil em 1941, onde se formou em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas e Políticas do Rio de Janeiro. Ele obteve seu doutorado em Economia na Universidade de Delhi, na Índia, e posteriormente na École Centrale de Planification et Statistique de Varsóvia, na Polônia. Sachs é professor emérito da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na França. Sua trajetória o tornou uma referência nos debates e encontros internacionais sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Seu trabalho e contribuições têm sido fundamentais para a compreensão e promoção de abordagens sustentáveis, desempenhando um papel importante na busca por um futuro mais equilibrado e respeitoso com o meio ambiente. Faleceu no dia 2 de agosto de 2023, aos 96 anos, na cidade de Paris.

Quadro 4- Dimensões de Sustentabilidade

DIMENSÕES DE SUSTENTABILIDADE	
SOCIAL	Visa à construção de uma civilização com maior equidade de renda e recursos, buscando reduzir o abismo entre os padrões de vida dos indivíduos mais ricos e dos menos favorecidos.
ECONÔMICA	Propõe alocação e gerenciamento mais eficientes dos recursos, bem como contínuo fluxo de investimentos públicos e privados.
ECOLÓGICA	Busca explorar as potencialidades dos diversos ecossistemas, respeitando sua preservação ao máximo, a fim de permitir que a natureza alcance novos equilíbrios por meio de processos de utilização que se harmonizem com seus ciclos temporais, além de incentivar pesquisas em tecnologias que otimizem a utilização dos recursos e que sejam capazes de gerar menos resíduos e impactos negativos.
ESPACIAL	Objetiva evitar concentração de pessoas geograficamente, bem como atividades econômicas e poder. Sendo assim, propõe uma relação de maior equilíbrio entre cidade e campo. Outro ponto relevante é estabelecer uma rede de reservas naturais e de biosfera com o objetivo de preservar e proteger a biodiversidade.
CULTURAL	Procura incentivar a elaboração e implementação de projetos que procurem introduzir transformações dentro da continuidade cultural, traduzindo o conceito normativo de ecodesenvolvimento em um conjunto de soluções específicas para o local, o ecossistema, a cultura e a região em questão. Essas abordagens personalizadas buscam harmonizar o desenvolvimento sustentável com as características únicas e as necessidades particulares de cada ambiente, respeitando e preservando a cultura local e sua diversidade.
SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL	Respeitar e fortalecer a capacidade de autorregulação dos ecossistemas naturais.
POLÍTICA	Obtenção da democracia, ou seja, a garantia universal dos

(NACIONAL)	direitos humanos, o fortalecimento da capacidade estatal para realizar um projeto nacional em conjunto com todos os empreendedores, bem como pela busca de um nível significativo de coesão social.
POLÍTICA (INTERNACIONAL)	<ul style="list-style-type: none"> - A efetividade do sistema de prevenção de conflitos da ONU, fundamental para assegurar a paz e fomentar a cooperação internacional; - Implementação de um programa de desenvolvimento baseado no princípio da igualdade, com regras equitativas e compartilhamento de responsabilidades para beneficiar o parceiro mais vulnerável; - Estabelecimento de um controle interinstitucional eficaz sobre o sistema financeiro e empresarial global; - Fortalecimento das instituições para a aplicação do Princípio da Precaução na gestão ambiental e dos recursos naturais, prevenindo impactos negativos das mudanças globais e protegendo a diversidade; - Gestão responsável e compartilhada do patrimônio global como um bem comum da humanidade.

Fonte: Sachs (2000, adaptado).

Devido à diversidade de interpretações, é essencial considerar cuidadosamente o contexto em que o termo "sustentabilidade" será empregado. A polissemia desse conceito reflete sua relevância e complexidade na sociedade contemporânea, onde questões ambientais, sociais e econômicas se entrelaçam de forma intrincada. Ao levarmos em conta o contexto específico, podemos garantir uma compreensão mais precisa e apropriada da sustentabilidade, promovendo assim abordagens mais efetivas para lidar com os desafios enfrentados por nosso planeta. No entanto, de acordo com Sachs (2000), para se alcançar o desenvolvimento sustentável de fato, é imprescindível que ele chegue em todas as dimensões mencionadas.

Como se vê, a sustentabilidade envolve vários aspectos humanos e deve ser pensada de forma interconectada, relacionada com as dimensões econômicas, espiritual, ética, cultural, social, etc., para o desenvolvimento de práticas sustentáveis e mudanças de valores, atitudes e comportamentos dos sujeitos praticantes (Ribeiro, 2009, p. 71).

Camargo (2016) destaca que a preocupação com as questões ambientais, segundo diversos autores, surgiu devido ao risco iminente de extinção de espécies de seres vivos no nosso planeta, inclusive da nossa própria espécie, em consequência de atividades humanas. Somente quando os seres humanos passaram a compreender que são parte integrante da natureza e, portanto, dependentes de seus recursos, é que a preocupação com o meio ambiente alcançou dimensões globais. Assim, qualquer ação prejudicial sobre o meio ambiente implica consequências para todos os seres vivos.

Há só uma Terra, mas não um só mundo. Todos nós dependemos de uma biosfera para conservarmos nossas vidas. Mesmo assim, cada comunidade, cada país luta pela sobrevivência e pela prosperidade quase sem levar em consideração o impacto que causa sobre os demais. Alguns consomem os recursos da Terra a um tal ritmo que provavelmente pouco sobrá para as gerações futuras. Outros, em número muito maior, consomem pouco demais e vivem na perspectiva da fome, da miséria, da doença e da morte prematura (Brundtland, 1991, p. 29).

Nesse sentido, especialmente a partir do século XX, após mudanças político-sociais ocorridas na época, é que movimentos específicos em defesa do meio ambiente começaram a emergir, impulsionados pelo crescimento significativo e alarmante dos modelos de produção econômica e exploração dos recursos naturais. Dentre os acontecimentos, destacam-se:

A Revolução Russa de 1917, o desenvolvimento econômico e industrial ianque, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, chegando às outras regiões das Américas que, aos poucos, substituíam o modo de vida rural pelo industrial, as importantes lutas operárias em decorrência da exploração do trabalho humano, o avanço da medicina e da tecnociência e a explosão da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki no final da Segunda Grande Guerra, são apenas alguns exemplos dos muitos acontecimentos importantes e de abrangência global que ocorreram naquele século (Camargo, 2016, p. 21).

Esses eventos provocaram inúmeros debates e questionamentos naquela época, à medida que muitos autores passaram a acreditar na possibilidade do nosso planeta não conseguir mais suprir as necessidades vitais dos seres vivos. Nesse sentido, Silva (2022, p. 30) enfatiza que, “Certamente, as ações de preservação ou respeito ao meio ambiente ganharam importância na medida em que passaram a comprometer a existência humana”.

Ainda de acordo com Camargo (2016), desde o início do século XX, ocorreram uma das maiores transformações sociais já registradas, provocando desde avanços tecnológicos até mudanças de valores e mentalidades. Essa época marcou o início de uma reflexão mais profunda sobre as relações sociais, inclusive entre grupos distantes. Isso abriu caminho para o "internacionalismo", um movimento que buscava promover a cooperação e o entendimento

mútuo entre diferentes nações e povos, transcendendo fronteiras e aproximando as pessoas em escala mundial. Nesse contexto, alguns estudiosos expressaram a preocupação de que os avanços tecnológicos e científicos poderiam tornar a humanidade cada vez mais dependente dos recursos tecnológicos.

Entre a o final da Segunda Guerra Mundial e início da década de 1970, houve um crescimento vertiginoso da economia mundial com o advento de novas tecnologias, sobre as quais o homem não tinha domínio e nem o conhecimento de possíveis ocorrências de catástrofes que poderiam causar⁵ (Alcântara; Leite, 2014).

Como o setor da mineração foi o responsável por inúmeros acidentes ambientais nesse período, a exploração do petróleo, conseqüentemente, provocou diversos acidentes relacionados ao seu manejo (operação e transporte).

Os citados acidentes, ao lado de muitos outros, marcaram a década de 1960 pela ocorrência de calamidades ambientais, as quais foram divulgadas pela mídia, aumentando a sensibilidade pública para os prejuízos causados pela ação do homem ao meio ambiente e para a maior compreensão das implicações da poluição (Alcântara; Leite, 2014, p. 73).

Depois da Segunda Guerra Mundial, os movimentos ambientalistas começaram a ganhar força e notoriedade. Porém, cabe destacar que antes já existiam diversas discussões envolvendo a temática ambiental. Assim, Silva (2022) afirma que, com o crescimento demográfico europeu e a expansão do comércio, a terra, que antes era utilizada para atender as necessidades básicas dos cidadãos, passou a ser explorada de forma acentuada, o que causou aumento da produção agrícola e, conseqüentemente, a devastação das florestas para ampliar o cultivo. Essas mudanças propiciaram uma crescente preocupação em diversos grupos, impulsionando o surgimento de movimentos ambientalistas com o intuito de proteger o meio ambiente e promover práticas sustentáveis.

Eventos e manifestações sociais começaram a surgir marcados pelas mudanças de valores e mentalidades emergentes. Camargo (2016, p. 23) ressalta que:

Os grandes eventos e manifestações sociais daquele período, como o movimento *hippie* e o festival de *Woodstock*, o feminismo e ecofeminismo, os *Black Powers*, Prabhupada e os “Hare Krishnas” e a “orientalização do ocidente”, “The Beatles”, Lennone Yoko Ono...“The Ramones” e “Pistols”, as manifestações antiguerra, particularmente contra a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã e a corrida armamentista/nuclear, marcaram a história do mundo e

⁵ Na literatura econômica, este período é conhecido como "Golden Years" (anos dourados) do capitalismo (Balanco; Pinto, 2006). Na literatura das ciências naturais, esse período é conhecido como "A Grande Aceleração" (Santos, 2009).

colaboraram diretamente para a construção de um novo movimento que começara a surgir naquele período.

A década de 1960 representou, em todo o mundo, o surgimento de uma sociedade cada vez mais participativa, ficando conhecida por ser um período de intensa militância social, política e ecológica. As discussões possibilitaram o despertar de uma conscientização pela proteção da natureza (Camargo, 2016; Silva, 2022; Alcântara; Leite, 2014). Ficava evidente que a exploração dos recursos naturais estava atingindo seus limites, tornando-se insustentáveis. Esse ponto foi crucial para favorecer e impulsionar o surgimento do movimento ambientalista em nível global, cujo objetivo era encontrar formas mais equilibradas e sustentáveis de interação com o meio ambiente, reconhecendo a importância de proteger e preservar os recursos naturais para as gerações futuras (Silva, 2022).

A partir desses movimentos, muitas pessoas em todo o mundo começaram a se conscientizar sobre a importância da proteção do meio ambiente e passaram a lutar por uma relação mais harmoniosa e responsável com a natureza. Esse período histórico foi marcado por um desejo de transformação em diversos aspectos da sociedade, incluindo a preocupação com questões ambientais e sustentabilidade.

Nesse contexto, foram publicadas algumas obras que tiveram grande influência no movimento ambientalista, sendo uma delas escrita por Rachel Carson, intitulada de *Silent Spring*, que, em português, significa *Primavera Silenciosa*. A autora faz uma crítica ao uso de agrotóxicos (“defensivos” agrícolas para seus apreciadores), destacando a degradação dos recursos ecossistêmicos causados pelo uso de tais produtos. Além disso, é alertado que os tais produtos sintéticos, conhecidos pela sigla “DDT” (*Dicloro-Difenil-Tricloroetano*), podem ser acumulados na natureza causando perigos ao meio ambiente, inclusive para os seres humanos.

Outra obra que também merece ser citada, a qual repercutiu grande influência no movimento foi *Limites do crescimento* (Título original: *The Limits of Growth*), escrita em 1972 após a realização do “Clube de Roma”, ocorrido na cidade de Roma, que contou com a presença de empresários e cientistas de países industrializados. Entre os assuntos abordados, estavam: o aumento populacional, o consumo de recursos não renováveis, ficando evidente a importância de uma mudança na postura da sociedade para garantir a preservação do meio ambiente. Portanto, o “Clube de Roma” possibilitou discussões e repercussões para que a Organização das Nações Unidas (ONU) realizasse várias conferências com o intuito de propor metas para preservar a natureza (Camargo, 2016).

A primeira conferência realizada pela ONU ficou conhecida como “Conferência de Estocolmo” ou “Conferência Mundial sobre Meio Ambiente Humano e Desenvolvimento”,

que ocorreu em 1972, na cidade de Estocolmo, na Suécia, da qual participaram 113 países. O objetivo principal era conscientizar a sociedade sobre sua interação com o meio ambiente, buscando satisfazer as necessidades atuais sem comprometer os recursos essenciais para as próximas gerações (Oliveira; Deretti; Dullius, 2017). Para Camargo (2016), a chamada “Educação Ambiental” surgiu a partir da realização da Conferência de Estocolmo, o que possibilitou mais discussões a respeito da temática ambiental.

Nesse período, cada país conduzia assuntos relacionados ao meio ambiente de acordo com suas próprias perspectivas, muitas vezes deixando de lado as dimensões políticas e agindo de forma negligente. Com base nisso, em 1977, ocorreu a primeira “Conferência de Educação Ambiental”, ocorrida em Tbilisi, na Geórgia (antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas- URSS), a qual foi realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Dentre os objetivos, estavam “que fossem considerados vários aspectos da questão ambiental, quais sejam: aspectos políticos, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos, culturais, ecológicos e éticos” (Santos; Toschi, 2015, p. 243).

Em consequência, aconteceram, após os anos 1980, diversos movimentos que, apesar de não se considerarem “ambientalistas”, originaram-se de seus ideais e frequentemente utilizavam um novo termo em seus discursos: "socioambientalistas". Esse termo designava a atuação militante de muitos desses grupos, incluindo aqueles voltados para a proteção da cultura indígena, por exemplo (Camargo, 2016).

A partir desse momento, foram ocorrendo eventos e situações importantes ambientalmente. No entanto, de acordo com Camargo (2016), o acontecimento mais significativo daquela época, em relação à influência dos discursos ambientalistas, foi a consolidação do campo da Educação Ambiental (EA) e a sua institucionalização como temática relevante. Iremos abordar a Educação Ambiental posteriormente, porém, cabe fazer uma breve introdução sobre o conceito de “Educação”.

2. 3 Educação

A educação permeia o imaginário das pessoas e se estabelece na ideologia dos grupos sociais há muito tempo. Não podemos fugir da educação, pois essa está entremeada no nosso cotidiano como uma prática social. Sendo assim, Brandão (2013, p. 4) adverte que “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”. Assim, não podemos dissociar, vida e educação, pois ela está presente quando buscamos

adquirir conhecimentos (de qualquer espécie), nas realizações de atividades, no desenvolvimento da nossa identidade e até mesmo quando interagimos uns com os outros. Nesse processo, deparamo-nos com uma ou várias formas de educação, expandindo nossos horizontes e perspectivas.

A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer (Brandão, 2013, p. 21).

Desse modo, a educação não se limita apenas ao ambiente escolar porque sua abrangência é muito ampla, podendo estar presente em todos os lugares. É resultante da influência do meio sociocultural sobre os indivíduos, isto é, acontece de forma coletiva.

Para Loureiro (2004), educar é característica inerente e uma necessidade essencial de nossa espécie, devendo ser entendida de forma apropriada para ser efetivamente realizada. Brandão (2019, p. 67) sustenta que educação também é “aprender o que existe na cultura onde o indivíduo está inserido e absorver, através das relações com os outros sujeitos, o que ali já existia através das trocas diárias/cotidianas”. O processo educativo se dá por meio das vivências e convivências. A escola representa, apenas, um local (e momento temporário) onde essa educação pode ocorrer. Nesse sentido, a educação pode existir em locais com ausência de escolas, em locais onde ainda não atingiram uma fase de organização e desenvolvimento cultural, desde que haja a troca de conhecimento de uma geração para outra.

Contudo, as escolas passam a desempenhar papel primordial nesse processo, quando a educação se torna consciente e a sociedade, gradualmente, possibilita que o ato aparentemente simples de ensinar e aprender se torne mais complexo, objetivando o desenvolvimento das pessoas.

2. 4 A Educação Ambiental como caminho para o Desenvolvimento Sustentável

Maia *et al.* (2013) ressaltam que, para reverter os problemas ambientais, é fundamental que a sociedade se reconheça como parte integrante do meio ambiente, sendo que a Educação Ambiental representa uma importante ferramenta para que as mudanças comportamentais ocorram, ou seja, é necessário haver atitudes engajadas e comprometidas. Kecya Brasil (2015, p. 18) comenta que “O homem mantém um relacionamento íntimo com o meio ambiente e é parte integrante dele. Uma ação sobre o meio é uma ação sobre o homem.

Proteger a natureza da destruição é proteger o próprio homem, dando-lhe segurança e qualidade de vida.”

A expressão "Educação Ambiental" tem sido amplamente utilizada na atualidade, mas o termo Educação Ambiental (EA) surgiu em 1965, durante a Conferência de Educação da Universidade de Keele, na Inglaterra (Santos; Toschi, 2015; Camargo, 2016). Entretanto, teve destaque internacional no ensino somente em 1972, após a Conferência de Estocolmo, ocorrida na Suécia (Effting, 2007; Camargo, 2016). Contudo, somente em 1975, a Educação Ambiental (EA) foi oficialmente reconhecida como um campo da Educação.

A partir de 1977, houve a realização de eventos específicos voltados para a EA, tanto em nível nacional quanto internacional. Camargo (2016, p. 28) esclarece que “A EA surgiu, sobretudo, como desdobramento dos anseios do movimento ambientalista, com o intuito de dar respostas para as ‘preocupações com as perdas da qualidade ambiental’, devido às grandes mudanças advindas do mundo moderno”.

De forma geral, a Conferência de 1972 proporcionou significativos acordos e decisões, destacando-se, dentre eles, a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), que objetiva promover a cooperação internacional para tratar questões ambientais, criar políticas ambientais sustentáveis e apoiar países em ações sustentáveis. Segundo Carvalho (2016, p. 70), essas iniciativas trouxeram “conclusões sobre os ‘limites da racionalidade econômica’ e a necessidade de uma ‘racionalidade ambiental’”, o que parece ter sido os primeiros movimentos mais evidentes rumo à ideia de Desenvolvimento Sustentável (DS). Nessa perspectiva, esses foram os primeiros sinais evidentes em direção a esse conceito.

Na década de 1980, ocorreu a junção dos termos “desenvolvimento” e “sustentabilidade”, de forma a ganhar alcance e relevância. Muitas empresas, notando a “onda” da sustentabilidade, bem como a crescente conscientização ambiental em nível mundial, começaram a se unir com governos, investiram no que chamavam de próspero “mercado verde”, unindo os conceitos de “desenvolvimento” e “meio ambiente”.

Naquele momento, então, começava a ser disseminada a noção de “desenvolvimento sustentável” (Camargo, 2016, p. 71). Assim o termo foi difundido na década de 1980. Montibeller Filho (1999, p. 28) comenta que “A tradução oficial francesa para o conceito é *développement durable*, equivalendo, em português, a desenvolvimento durável e bastante próximo ao de sustentável.

Em 1982, aconteceu uma conferência realizada em Nairóbi (Quênia), a qual ficou conhecida como “Conferência de Nairóbi”, tendo como principal objetivo avaliar as condições ambientais em nível global. Contudo, os resultados foram pouco otimistas,

analisando o que havia sido estipulado na Conferência de Estocolmo, ocorrida há 10 anos (Dias, 2017). Também, de acordo com Dias (2017), por decisão da Assembleia Geral das Nações Unidas, foi criada, em 1983, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), tendo como objetivo diagnosticar a degradação ambiental e analisar a eficácia de políticas de enfrentamento. Essa comissão foi presidida pela ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, que estudou durante três anos buscando encontrar alternativas para o desenvolvimento sustentável de forma mundial (Camargo, 2016). Desde então, dentro de 900 dias, o Relatório de Brundtland foi publicado, ou seja, em abril de 1987 (Brundtland, 1991).

Consta nesse documento que muitas pessoas em todo o mundo participaram de alguma forma da sua elaboração, dentre as quais estavam: líderes de governo, especialistas e também cidadãos engajados na temática, o que pode ser evidenciado no seguinte trecho:

Viajamos pelo mundo durante quase três anos, ouvindo as pessoas. Em audiências públicas especiais organizadas pela Comissão, ouvimos líderes governamentais, cientistas e especialistas, ouvimos grupos de cidadãos envolvidos em várias questões ligadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento, e ouvimos milhares de pessoas – agricultores, favelados, jovens, industriais, e povos indígenas e tribais. Encontramos em toda parte uma grande preocupação com o meio ambiente, que não só levou a protestos como também, com frequência, gerou mudanças (Brundtland, 1991, p. 30).

A partir daí, e após a realização da CMMAD, o termo Desenvolvimento Sustentável passou a ser empregado mundialmente em substituição ao ecodesenvolvimento.

O fator diferenciador entre ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável reside a favor deste último quanto à sua dimensão globalizante, tanto desde o lado do questionamento dos problemas ambientais como desde a ótica das reações e soluções que são formuladas pela sociedade. O desenvolvimento sustentável não se refere especificamente a um problema limitado de adequações ecológicas de um processo social, mas a uma estratégia ou modelo múltiplo para a sociedade, que deve levar em conta tanto a viabilidade econômica como ecológica (Jacobi, 1999, p. 178).

Com a CMMAD, foi divulgado um relatório intitulado "*Our Common Future*", que, em português, significa "Nosso Futuro Comum". Nesse relatório, o conceito de Desenvolvimento Sustentável é apresentado e definido com base no princípio de preocupação das gerações presentes com as gerações que virão, conhecido como princípio da "transgeracionalidade". Dessa forma, de acordo com o Relatório:

O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades. Ele contém dois conceitos-chave:

- o conceito de “necessidades”, sobretudo as necessidades essenciais dos pobres do mundo, que devem receber a máxima prioridade;
- a noção das limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente, impedindo-o de atender às necessidades presentes e futuras (Brundtland, 1991, p. 46).

O desenvolvimento sustentável vislumbra o futuro, o futuro das próximas gerações, pois acredita que, dependendo do modo que a geração atual utiliza os recursos naturais, podem surgir não apenas problemas ambientais, como sociais e econômicos para as gerações vindouras. Se pensarmos na qualidade de vida das próximas gerações, conseqüentemente, poderemos garantir a preservação ambiental, o equilíbrio econômico e o bem-estar social (Carvalho, 2016).

Para Rossignoli (2016), existem duas fontes de interpretação em relação ao discurso de sustentabilidade, sendo que a primeira deixa claro que, com a Comissão de Brundtland, a sustentabilidade foi reduzida a dimensões econômicas e tecnológicas, ficando evidente a preocupação em conter o aumento da população mundial, além de incentivar a produção e o consumo de forma ecologicamente sustentável. As ideias de sustentabilidade defendidas visavam aumentar a produção de forma a otimizar e reduzir o uso dos recursos naturais, enquanto aspectos éticos e políticos relacionados a valores biocêntricos, como participação política e justiça social, ficavam em segundo plano. Por essa razão, esse discurso de sustentabilidade ganhou admiração entre empresários e os setores não governamentais.

A segunda matriz abrange a sustentabilidade de forma mais ampla, considerando toda a complexidade da vida individual e social. Nessa abordagem, é valorizada a participação ativa da sociedade civil em busca da sustentabilidade social, em consonância com a defesa da democracia e da equidade. Porém, o conceito de Desenvolvimento Sustentável oficial é permeado por um viés conservador, principalmente quando se analisa o fator econômico. Embora muitas vezes esteja fundamentado no princípio da solidariedade, buscando, teoricamente, conciliar a preservação da natureza com a justiça ambiental, é notável que o termo "desenvolvimento" está frequentemente associado ao crescimento do mercado (Loureiro, 2012 *apud* Rosignoli, 2016).

O discurso da sustentabilidade é um discurso idealista, que apenas acrescentou a variável ecológica a um sistema conservador de crescimento econômico, tornando-se, portanto, passível de questionamentos, por serem os princípios do sistema capitalista, comandados pela economia de mercado,

quem direciona todas as iniciativas econômicas e políticas, ignorando o ideal ético da luta pela justiça socioambiental (Rosignoli, 2016, p. 46).

Conforme Estender e Pitta (2008 *apud* Elkington, 2001), dez anos após a criação da Comissão, ficou evidente que abordar apenas as questões ambientais não seria suficiente para enfrentar os desafios de uma economia mundial sustentável. Diante disso, outras esferas deveriam ser atingidas no processo rumo à sustentabilidade. Estender e Pitta (2008, p. 23) esclarecem que “a questão a ser tratada não era somente uma ambiental ou econômica, mas sim uma questão social”. Assim, o desenvolvimento sustentável pleno ocorreria quando existisse a preservação do capital, dos recursos naturais e o bem-estar da sociedade.

A humanidade é capaz de tomar o desenvolvimento sustentável - de garantir que ele atenda às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também às suas. O conceito de desenvolvimento sustentável tem, é claro, limites - não limites absolutos, mas limitações impostas pelo estágio atual da tecnologia e da organização social, no tocante aos recursos ambientais, e pela capacidade da biosfera de absorver os efeitos da atividade humana (Brundtland, 1991, p. 9).

Nesse cenário, a EA passou a ser discutida entre os países, enfatizando a importância de uma consciência coletiva em relação ao meio ambiente. Isso evidencia a necessidade de promover a conscientização e o engajamento de todos para enfrentar os desafios ambientais globais (Silva, 2022). Nesse contexto, a EA busca promover ações que façam ecoar a necessidade de uma nova consciência ecológica que conduza a uma reflexão da necessidade de promover sustentabilidade.

EA surgiu exatamente com o intuito de ser porta voz de um temor relativo às consequências das atividades do ser humano moderno nos diversos setores, e a ânsia de uma sociedade cujas atividades desenvolvidas se dão ao passo em que, sobretudo, ponderam-se os prejuízos e benefícios socioambientais (Camargo, 2016, p. 30).

No quadro abaixo, é apresentado um resumo dos principais encontros internacionais e documentos que orientaram sua abordagem.

Quadro 5- Encontros, documentos ou fatos internacionais sobre questões ambientais

ANO	ENCONTROS INTERNACIONAIS – DOCUMENTOS
1948	UICN – União Internacional para a Conservação da Natureza – Suíça. Primeiros registros de EA.
1965	Conferência de Educação da Universidade de Keele, Grã-Bretanha. É utilizada a expressão “Educação Ambiental” (Environmental Education).
1966	Pacto Internacional sobre os Direitos Humanos. Assembleia Geral da ONU.

1968	Fundação do Clube de Roma. Manifestações de Maio de 68 na França.
1972	Clube de Roma. Publicação do Relatório “Os Limites do Crescimento”. Conferência de Estocolmo. Discussão do Desenvolvimento e Ambiente, Conceito de Ecodesenvolvimento. Recomendação 96 Educação e Meio Ambiente.
1973	Registro Mundial de Programas em EA – Estados Unidos da América (EUA)
1974	Seminário de EA em Jammi, Finlândia. Reconhece a EA como educação integral e permanente.
1975	Congresso de Belgrado. Carta de Belgrado estabelece as metas e princípios da EA.
1976	Reunião Sub-regional de EA para o ensino secundário – Chosica, Peru. Questões ambientais na América Latina estão ligadas às necessidades de sobrevivência e aos direitos humanos. Congresso de EA, Brasarville, África. Reconhece que a pobreza é o maior problema ambiental.
1977	Conferência de Tbilisi, Geórgia. Estabelece os princípios orientadores da EA e remarca seu caráter interdisciplinar, crítico, ético e transformador. Conferência Intergovernamental sobre EA. Programa de Meio Ambiente da ONU (PNUMA).
1979	Encontro Regional de EA para América Latina – San José, Costa Rica.
1980	Seminário Regional Europeu sobre EA, para Europa e América do Norte. Assinala a importância do intercâmbio de informações e experiências. Seminário Regional sobre EA nos Estados Árabes, Manama, Bahrein. UNESCO - PNUMA. Primeira Conferência Asiática sobre EA Nova Delhi, Índia. Divulgação do Relatório da Comissão Brundtland, Nosso Futuro Comum.
1982	“Conferência de Nairóbi”, tendo como principal objetivo avaliar as condições ambientais em nível global e dos resultados obtidos desde a Conferência de Estocolmo (1972).
1983	Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD).
1987	Congresso Internacional da UNESCO – PNUMA sobre Educação e Formação Ambiental – Moscou. Realiza a avaliação dos avanços desde Tbilisi, reafirma os princípios de EA e assinala a importância e a necessidade da pesquisa e da formação em EA. Relatório de Brundtland foi publicado (Nosso Futuro Comum).
1988	Declaração de Caracas. ORPAL – PNUMA. Gestão Ambiental em América denuncia a necessidade de mudar o modelo de desenvolvimento.
1989	Primeiro Seminário sobre materiais para a EA. ORLEAC - UNESCO - PIEA. Santiago, Chile. Declaração de HAIA, preparatório da RIO 92. Aponta a importância da cooperação internacional nas questões ambientais.
1990	Conferência Mundial sobre Ensino para Todos, Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, Jomtien, Tailândia. Destaca o conceito de Analfabetismo Ambiental. Declara o ano de 1990 o ano Internacional do Meio Ambiente.
1991	Reuniões preparatórias (Rio 92).
1992	Conferência sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, UNCED, Rio/92. Criação da Agenda 21. Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis. Fórum das Organizações Não Governamentais (ONGs) – compromissos da sociedade civil com a EA e o Meio Ambiente. Carta Brasileira de EA. Aponta as necessidades de capacitação na área. Criação da Convenção-Quadro das Nações Unidas para Mudanças Climáticas.
1993	Congresso Sul-americano continuidade Eco/92 – Argentina. Conferência dos Direitos Humanos – Viena.
1994	Conferência Mundial da População. Cairo 1994 – I Congresso Ibero Americano de EA. Guadalajara, México.

1995	Conferência para o Desenvolvimento Social. Copenhague. Criação de um ambiente econômico-político-social-cultural e jurídico que permita o desenvolvimento social. Conferência Mundial da Mulher, Pequim. Conferência Mundial do Clima, Berlim.
1996	Conferência Habitat II, Istambul.
1997	II Congresso Ibero-americano de EA. Junho Guadalajara, México. Conferência sobre EA em Nova Delhi. Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade, Thessaloniki, Grécia.
1999	Lançada a revista Tópicos en Educación Ambiental. Publicação internacional editada no México que contém informações sobre as variadas vertentes e áreas da EA.
2002	Assembleia Geral das Nações Unidas, a responsabilidade pela implementação da iniciativa. 57ª sessão estabelece a Resolução nº 254, declarando 2005 como o início da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Rio +10.
2003	XIV Reunião do Foro de Ministros de Meio Ambiente da América Latina e Caribe, em novembro, no Panamá. Oficializado o PLACEA, o Programa Latino-americano e Caribenho de EA, que teve como principal protagonista a Venezuela, e como foro de discussões a série dos congressos ibero-americanos de EA.
2012	Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável. A mesma objetivou renovar o acordo político em relação ao desenvolvimento sustentável. Rio + 20.
2005/ 2014	Implementação das Nações Unidas para a Década da Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável – Marco para a EA no reconhecimento dos problemas socioambientais onde reforça a sustentabilidade a partir da Educação.
2015	Acordo de Paris e implementação da agenda 2030 (Objetivo de Desenvolvimento Sustentável- ODS).
2023	Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP28), em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos.

Fonte: Rosa (2018, p. 35-37, adaptado).

Como podemos evidenciar, nesse percurso histórico, existe uma crescente preocupação com o meio ambiente, e ainda com a forma que os recursos naturais vêm sendo utilizados. Porém, essa preocupação com o meio ambiente deve chegar a mais pessoas.

2.5 Educação Ambiental no Brasil

Em uma nação democrática e benevolente, é imprescindível a existência de leis que estabeleçam normas para a vida da sua população e orientem sobre o que é aceitável ou não. Nesse contexto, é de extrema importância que os legisladores, responsáveis por criar essas leis, atuem de forma imparcial, evitando qualquer benefício pessoal ou interesse de grupos específicos. O objetivo primordial das leis devem ser o benefício da sociedade como um todo, visando ao bem-estar geral do país. Por conseguinte, a evolução da legislação, ao longo dos diferentes períodos históricos, reflete o contexto e as experiências vivenciadas pela população em cada momento (Moreira *et al.*, 2021).

Assim, a compreensão do percurso percorrido pela Educação Ambiental (EA) no

Brasil é fundamental para situarmos o seu desenvolvimento dentro do contexto nacional. Com esse propósito, é necessário realizar um levantamento dos eventos históricos, encontros e documentos relacionados à EA no país (Rosa, 2018), que pode ser observado no Quadro 6, abaixo:

Quadro 6 – Encontros, documentos ou fatos nacionais sobre questões ambientais

ANO	ENCONTROS NACIONAIS – DOCUMENTOS
1808	Criação do Jardim Botânico no Rio de Janeiro.
1850	Lei 601, de Dom Pedro II, proibindo a exploração florestal nas terras descobertas. A lei foi ignorada, com desmatamento para implantação da monocultura de café.
1876	André Rebouças sugere a criação de parques nacionais na Ilha de Bananal e em Sete Quedas.
1891	Decreto 8.843 cria reserva florestal no Acre, que não foi implantada ainda.
1896	Foi criado o primeiro parque estadual em São Paulo. Parque da Cidade.
1920	O pau-brasil é considerado extinto.
1932	Realiza-se, no Museu Nacional, a primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza.
1934	Decreto 23.793 transforma em Lei o Anteprojeto de Código Florestal.
1937	Cria-se o Parque Nacional de Itatiaia.
1939	Cria-se o Parque Nacional do Iguaçu.
1961	Jânio Quadros declara o pau-brasil como árvore símbolo nacional, e o ipê como a flor símbolo nacional.
1971	Cria-se, no Rio Grande do Sul, a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, AGAPAN.
1972	A Delegação Brasileira na Conferência de Estocolmo declara que o país está “aberto à poluição, porque o que se precisa é dólares, desenvolvimento e empregos”. Apesar disso, contraditoriamente, o Brasil lidera os países do Terceiro Mundo para não aceitar a Teoria do Crescimento Zero proposta pelo Clube de Roma. A Universidade Federal de Pernambuco inicia uma campanha de reintrodução do pau-brasil, considerado extinto em 1920.
1973	Cria-se a Secretaria Especial do Meio Ambiente, SEMA, no âmbito do Ministério do Interior, que, entre outras atividades, começa a fazer EA.
1976	A SEMA e a Fundação Educacional do Distrito Federal e a Universidade de Brasília realizam o primeiro curso de Extensão para professores do 1º Grau em Ecologia.
1977	Implantação do Projeto de EA em Ceilândia (1977 - 81). SEMA constitui um grupo de trabalho para elaboração de um documento de EA para definir seu papel no contexto brasileiro. Seminários, encontros e debates preparatórios à Conferência de Tbilisi são realizados pela Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA-RJ). A disciplina Ciências Ambientais passa a ser obrigatória nos cursos de Engenharia.
1978	A Secretaria de Educação de Rio Grande do Sul desenvolve o Projeto Natureza (1978 - 1985). Criação de cursos voltados para as questões ambientais em várias universidades brasileiras. Nos cursos de Engenharia Sanitária, inserem-se as disciplinas de Saneamento Básico e Saneamento Ambiental.

1979	O Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB/SP) publicam o documento Ecologia: uma Proposta para o Ensino de 1º e 2º Graus.
1981	Lei nº 6.938, de 31 de agosto, dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente (Presidente Figueiredo).
1984	Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) apresenta uma resolução estabelecendo diretrizes para a EA, que não é tratada.
1986	A SEMA, junto com a Universidade Nacional de Brasília, organiza o primeiro Curso de Especialização em EA (1986 a 1988). I Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente. Seminário Internacional de Desenvolvimento Sustentado e Conservação de Regiões de Estuarino – Lacunares (Manguezais) em São Paulo.
1987	O MEC aprova o Parecer 226/87 do conselheiro Arnaldo Niskier, em relação à necessidade de inclusão da EA nos currículos escolares de 1º e 2º Graus. Paulo Nogueira Neto representa o Brasil na Comissão Brundtland. II Seminário Universidade e Meio Ambiente, Belém, Pará.
1988	A Constituição Brasileira, de 1988, em Art. 225, no Capítulo VI – Do Meio Ambiente, Inciso VI, destaca a necessidade de “promover a EA em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”. Para cumprimento dos preceitos constitucionais, leis federais, decretos, constituições estaduais e leis municipais determinam a obrigatoriedade da EA. Fundação Getúlio Vargas traduz e publica o Relatório Brundtland, Nosso Futuro Comum. A Secretaria de Estado do Meio Ambiente de SP e a CETESB publicam a edição piloto do livro “Educação Ambiental”: Guia para professores de 1º e 2º Graus.
1989	Criação do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), pela fusão da SEMA, Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), Superintendência da Borracha (SUDEHVEA) e Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF). Nele funciona a Divisão de EA. Programa de EA em Universidade Aberta da Fundação Demócrito Rocha, por meio de encartes nos jornais de Recife e Fortaleza. Primeiro Encontro Nacional sobre EA no Ensino Formal. IBAMA/ UFPE. Recife. Cria-se o Fundo Nacional de Meio Ambiente (FNMA) no Ministério do Meio Ambiente MMA. III Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente em Cuiabá (MT).
1990	I Curso Latino-Americano de Especialização em EA. PNUMA/IBAMA/CNPq/CAPES/UFMT. CUIABÁ- MT (1990 a 1994). IV Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente, Florianópolis, SC.
1991	MEC resolve que todos os currículos nos diversos níveis de ensino deverão contemplar conteúdos de EA (Portaria 678, de 14/05/91). Projeto de Informações sobre EA, IBAMA/ MEC. Grupo de Trabalho para EA coordenado pelo MEC, preparatório para a Conferência do Rio 92. Encontro Nacional de Políticas e Metodologias para EA. MEC/ IBAMA/Secretaria do Meio Ambiente da Presidência da República/ UNESCO/ Embaixada do Canadá.
1992	Criação dos Núcleos Estaduais de EA do IBAMA, NEAs. Participação das ONGs do Brasil no Fórum de ONGs e na redação do Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis. Destaca-se o papel da EA na construção da Cidadania Ambiental. O MEC promove, no CIAC do Rio das Pedras, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, o Workshop sobre EA cujo resultado encontra-se na Carta Brasileira de EA, destacando a necessidade de capacitação de recursos humanos para EA.

1993	Uma Proposta Interdisciplinar de EA para Amazônia. IBAMA, Universidades e Secretarias de Estado da Educação (SEDUCs) da região, publicação de um Documento Metodológico e um de caráter temático com 10 temas ambientais da região (1992 a 1994). Criação dos Centros de EA do MEC, com a finalidade de criar e difundir metodologias em EA.
1994	Aprovação do Programa Nacional de EA (PRONEA), com a participação do MMA/IBAMA/MEC/MCT/ MINC. Publicação da Agenda 21 feita por crianças e jovens em português – UNICEF. 3º Fórum de EA.
1995	Todos os Projetos Ambientais e/ou de desenvolvimento sustentável devem incluir como componente as atividades de EA.
1996	Criação da Câmara Técnica de EA do CONAMA. Novos Parâmetros Curriculares do MEC, nos quais incluem a EA como tema transversal do currículo. Cursos de Capacitação em EA para os técnicos das SEDUCs e Delegacias Regionais do MEC (DEMECs) nos Estados, para orientar a implantação dos Parâmetros Curriculares. Convênio Unesco – MEC. Criação da Comissão Interministerial de EA – MMA.
1997	Criação da Comissão de EA do MMA. I Conferência Nacional de EA. Brasília. ICNEA. Cursos de EA organizados pelo MEC – Coordenação de EA, para as escolas Técnicas e segunda etapa de capacitação das SEDUCs e DEMECs. Convênio Unesco – MEC. IV Fórum de EA e I Encontro da Rede de Educadores Ambientais. Vitória. I Teleconferência Nacional de EA. Brasília, MEC.
1998	Publicação dos materiais surgidos da ICNEA.
1999	Criação da Diretoria de EA do MMA Gabinete do Ministro. Aprovada a Lei 9.597/99, que institui a Política Nacional de EA. Programa Nacional de EA (PNEA). Criação do Movimento dos Protetores da Vida Carta de Princípios Brasília, DF. A Coordenação de EA do MEC passa a formar parte da Secretaria de Ensino Fundamental – COEA.
2000	Seminário de EA organizado pela COEA/ MEC Brasília, DF. Curso Básico de EA a Distância DEA/ MMA UFSC/ LED/ LEA.
2002	Lançado o Sistema Brasileiro de Informação sobre EA e Práticas Sustentáveis (SIBEA). Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei que institui a Política Nacional de EA e dá outras providências.
2004	Em setembro é realizada a Consulta Pública do ProNEA, o Programa Nacional de EA, que reuniu contribuições de mais de 800 educadores ambientais do país. Em novembro, foi realizado o V Fórum Brasileiro de EA, após sete anos de intervalo ocorrido entre o IV Fórum, com o lançamento da Revista Brasileira de EA e com a criação da Rede Brasileira de Educomunicação Ambiental - REBECA. Ainda em novembro, após dois anos de existência como Grupo de Estudos, é oficializado o Grupo de Trabalho em EA da ANPEd, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Em dezembro, é criado o Grupo de Trabalho de EA no FBOMS, o Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais.
2004 2007	Plano Plurianual – PPA 2004-2007. Em função das novas diretrizes e sintonizado com o ProNEA, o Programa 0052 é reformulado e passa a ser intitulado Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis.
2005	Lançamento do Programa Chico Mendes. O programa fomenta projetos de EA no ensino básico, buscando melhorias na relação escola-comunidade.
2010	Publicações da Revista Brasileira de Educação Ambiental - RevBEA passam a

	ser on-line.
2012	Elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a EA (DCNEA). Com ela, a dimensão socioambiental começou parte dos currículos de formação dos profissionais de educação.

Fonte: Rosa (2018, p. 38-42).

Por meio da evolução dos acontecimentos destacados no Quadro 5, notamos que o conceito de Educação Ambiental (EA) foi gradualmente incorporado à nossa cultura, assim como a nossa visão do meio ambiente tem modificado e conquistado novos caminhos. Segundo Carvalho (2008 *apud* Rosa, 2018, p. 42), “a EA no Brasil não pode ser entendida sem o contexto mundial, pois se estabelece um ‘campo ambiental’, que a autora define como sendo o curso histórico das conexões políticas nacionais e internacionais com as complexas relações sociais com o meio ambiente”.

Com a colonização do Brasil pelos portugueses, percebemos que as preocupações com o meio ambiente não existiam, visto que, devido ao expansionismo naval, houve uma crescente necessidade de madeira e alimentos. Em consequência disso, nossas florestas propiciaram aos portugueses uma alternativa de exploração, pois Portugal estava com escassez de recursos (Moreira *et al.*, 2021). Contudo, com a Constituição Imperial e posteriormete com a República Velha, o país mostra uma preocupação limitada ou insuficiente em relação aos recursos naturais.

O incêndio era usado indiscriminadamente objetivando limpar as glebas e em seu lugar formar pastos e plantios que eram “cuidados” pelas mãos dos escravizados. O incentivo naquela época era o apoderamento das terras no Brasil e a preservação dos meios naturais não apareciam como um ato político correto entre a população e governantes (Moreira *et al.*, 2021, p. 2).

Ainda de acordo com a Tabela 2, percebemos que acontecimentos que envolvem o meio ambiente ocorreram no Brasil desde 1808, embora muitos acontecimentos e leis tenham sido decisivos para atingirmos avanços no cenário ambiental. Após a Revolução Industrial, uma série de fatores colaborou para suscitar a preocupação em relação aos recursos naturais. Porém, no contexto brasileiro, a história tomou um rumo diferente, uma vez que poucos estudiosos abordavam a temática, e mesmo a Constituição de 1891 não fazia menção ao assunto (Santos; Toschi, 2015). Sem dúvida, a Conferência de Estocolmo se destaca como um significativo passo para a implementação da EA tanto no mundo quanto no Brasil.

Segundo Carvalho (2016), os brasileiros que participaram da Conferência de 1972 foram representados por profissionais de órgãos ambientais, que eram militantes dos movimentos ambientalistas do nosso país e também representantes do Governo, que

provocaram escalização durante o discurso, alegando que, para alcançar o desenvolvimento econômico, podia-se tudo, inclusive, desrespeitar restrições e ignorar cuidados com o meio ambiente.

Apesar das discussões em relação ao meio ambiente obterem um grande avanço após a realização da Conferência de Estocolmo, ocorrida em 1972, no Brasil⁶, sua consolidação foi mais tardia, acontecendo uma década após. Uma das explicações para tal fato se deve ao contexto político que nosso país estava passando, ou seja, estávamos no período da ditadura militar, em que o conservadorismo dominava. Ao longo do período ditatorial, o país seguia uma trajetória oposta à conservação do meio ambiente (Silva, 2022). Essa época caracterizava-se por um desenvolvimento econômico e crescimento industrial acelerados, percebidos como a resposta para os problemas sociais. Nesse contexto, as questões ambientais eram consideradas um obstáculo, encaradas como uma interferência negativa que atrapalhava o progresso (Santos; Toschi, 2015).

Talvez, por isso, nossa sociedade apresente resquícios conservadores e uma certa ingenuidade ao lidar com as questões ambientais (Camargo, 2016). Santos e Toschi (2015) esclarecem que a questão ambiental ganhou relevância no contexto brasileiro apenas em resposta à pressão exercida por organismos internacionais. Isso ocorreu porque o país atravessava um período marcado por um cenário adverso à conscientização ambiental, devido ao notável crescimento econômico e ao funcionamento do sistema político vigente.

Após a realização da Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada pela Unesco, em Tbilisi, em 1975, a qual promoveu uma série de discussões ambientais, o Brasil, conforme Santos e Toschi (2015), vivia um momento diferente do que ficara acordado em Tbilisi. Em resposta a isso, em 1976, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) publicou um documento intitulado “Ecologia- uma proposta para o ensino de 1º e 2º graus” na qual apresentava uma Educação Ambiental sob um viés reducionista, limitando-a a apenas uma abordagem biológica. Em consequência, essa abordagem ecológica se disseminou entre as escolas. Outro problema encontrado foi que os professores não tiveram formação apropriada para ministrar aulas acerca dessa temática, o que causou dúvidas e confusões.

Apartir da década de 1980, ocorreram significativos avanços na EA no Brasil, mas o principal motivo se relacionava com a redemocratização do país, que envolveu uma série de

⁶ O Brasil estava vivendo o milagre econômico (1968 e 1973), período marcado por um notável crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) a uma taxa anual expressiva de 11,1%, em contraste com os 4,2% ao ano registrado no período anterior (1964 a 1967) (Veloso; Villela; Giambiagi, 2008).

mudanças sociais e políticas. Essas, por sua vez, tiveram influência no contexto ambiental, dando origem a diversos avanços e iniciativas. Ainda segundo Santos e Toschi (2015, p. 243), “foi a partir dessa década que a educação popular, instituída por Paulo Freire, começou a exercer grande influência sobre EA, rompendo com a tradicional concepção tecnicista da educação, de simples repasse do conhecimento”. A pedagogia crítica tem como objetivo formar indivíduos comprometidos com a responsabilidade ambiental, que estejam engajados social, histórica e politicamente com a construção de sociedades sustentáveis.

Em 1992, ocorreu, na cidade do Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Eco-92 ou Rio-92. Segundo Carvalho (2016, p. 32), “Nessa Conferência foi atribuído à EA o seguinte objetivo: contribuir para a construção de ‘Sociedades Sustentáveis’ e equitativas ou socialmente justas e ecologicamente equilibradas”.

Ao longo da ECO-92, foi reportado sobre o aumento da conscientização acerca da situação econômica atual. Isso impulsionou debates sobre a interação entre desenvolvimento social, econômico e as transformações ambientais. Nesse sentido, Estender e Pitta (2008, p. 23) afirmam que “o desenvolvimento sustentável estaria apoiado no tripé formado pelas dimensões ambientais, econômicas e sociais, ou seja, a sustentabilidade estaria condicionada ao desenvolvimento simultâneo dos três pilares”.

Com a ampliação das pesquisas em Educação Ambiental (EA) e o reconhecimento de sua relevância, especialmente a partir da década de 1990, vem ocorrendo a realização de diversos eventos específicos nesse campo. Essas iniciativas têm sido fundamentais para a consolidação da EA tanto em âmbito nacional quanto internacional. Entre esses eventos, destaca-se o "Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental" (EPEA) (Carvalho, 2016).

Esse encontro iniciou-se em 2001, sendo organizado por pesquisadores de três universidades públicas do Estado de São Paulo: Unesp (Câmpus de Rio Claro), USP (Câmpus de Ribeirão Preto) e UFSCar (Câmpus de São Carlos). Dentre os objetivos do EPEA, estão: a criação de espaços para apresentação e discussão de pesquisas em EA e a identificação e análise das tendências, perspectivas e possibilidades teórico-metodológicas nesse campo. Carvalho (2016, p. 33) ressalta que “O EPEA foi o primeiro evento realizado no Brasil e se tornou um evento bastante representativo no que se refere à pesquisa em EA”.

Carvalho (2016) afirma também que existem outros eventos de extrema relevância para a pesquisa em Educação e Educação Ambiental (EA) no Brasil, como os encontros da "Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação" (ANPEd) e da "Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Ambiente e Sociedade" (ANPPAS).

Essas reuniões possibilitaram significativas aberturas para o compartilhamento de conhecimentos, debates e avanços nas áreas de Educação e EA. A ANPED, segundo Carvalho (2016, p. 33), é “uma referência no acompanhamento da produção científica na área da Educação no Brasil”. No contexto da Educação Ambiental (EA), o campo tem um Grupo de Trabalho (GT) desde 2004, o qual é dedicado exclusivamente à discussão de pesquisas, conhecido como GT22, que se consolidou ao longo do tempo. Em relação à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Ambiente e Sociedade (ANPPAS), desde sua fundação, em 2002, foi estabelecido um Grupo de Trabalho direcionado às questões de Educação e meio ambiente. Em 2004, passou a ser intitulado "Sociedade, Ambiente e Educação" (Carvalho, 2016).

A EA vem alcançando destaque em nosso país. Assim, em 1997, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o Ministério da Educação propôs que o meio ambiente passasse a ser estudado como um tema transversal nos currículos básicos do Ensino Fundamental, porém, somente em 1999, com a criação da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que trata da Política Nacional de Educação Ambiental (Pnea). No Artigo 2º dessa lei, consta que: “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (Brasil, 1999).

O Artigo 3º dessa mesma lei estabelece que todos têm direito à Educação Ambiental como parte integrante do processo educativo. É responsabilidade do Poder Público, de acordo com os artigos 205 e 225 da Constituição Federal, estabelecer políticas públicas que integrem a dimensão ambiental, promovendo a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, além de incentivar o envolvimento da sociedade na conservação, recuperação e aprimoramento do meio ambiente.

Desde então, a EA passa a ter relevância no cenário educacional. Por meio dessa lei, a EA não deve ser implementada como disciplina, mas deve ser trabalhada com caráter interdisciplinar, de forma a interligar todas as disciplinas do currículo básico, sendo trabalhada tanto dentro da escola como fora. De forma singela, a EA vem ganhando espaço na sociedade e no contexto escolar. Porém, a preocupação com o meio ambiente e seus recursos ainda necessita ter maior relevância e comprometimento.

É fundamental que a EA seja crítica ou transformadora (será discutida logo mais), sendo capaz de provocar mudanças individuais e coletivas. Segundo Rossignoli (2016, p. 38), “Uma educação ambiental para ser transformadora precisa ser dialógica, participativa, contextualizada e emancipatória”. Sendo assim, torna-se fundamental que mais discussões

sobre essa temática ocorram, que as pessoas tenham o sentimento de pertencimento, para que, de fato, tenham condições de adquirir atitudes e comportamentos, emancipatórios e significativos. Ainda de acordo com Rossignoli (2016, p. 38), “A EA transformadora considera, em sua prática pedagógica, os aspectos políticos, éticos, sociais, científicos, econômicos, tecnológicos, culturais e ecológicos.” O conhecimento somente se torna significativo quando faz sentido para o aprendiz, quando leva em consideração aspectos culturais, sociais, dentre outros, que compactuam com as vivências dos alunos, ou seja, quando ocorre com a inserção crítica do cotidiano do estudante. Somente assim, poderemos romper com atitudes e estigmas da sociedade contemporânea.

Cabe também ressaltar que tanto a Educação Ambiental quanto o “Desenvolvimento Sustentável” e a “sustentabilidade” são expressões bastante comentadas atualmente, e quase sempre demonstram o objetivo de preservarem o meio ambiente. No entanto, muitas vezes aparecem mascaradas por jogos de interesse dos dominantes, não se preocupando de fato com o meio ambiente e sim com o capital na busca pelo lucro a qualquer custo, o que representa o discurso de muitas empresas (Rossignoli, 2016). Nesse sentido, Carvalho (2016, p. 34) destaca que “[...] estes temas também são utilizados frequentemente e de variadas formas por empresas e partidos políticos, de acordo com interesses diversos, em suas campanhas de marketing e programas de governo”.

2. 6 Macrotendências da Educação Ambiental

De acordo com Santos e Toschi (2015), existem três macrotendências em relação à Educação Ambiental, sendo: Conservadora, Pragmática e Crítica. Na Figura 5, está representado um esquema resumindo as principais ideias de cada uma:

Figura 5- Macrotendências da EA



Fonte: Santos e Toschi (2015, adaptado).

2.6.1 Educação Ambiental Conservadora

A EA conservadora foi fundamentada em um contexto de ênfase na sensibilidade humana em relação à natureza, ou seja, diante da crise ambiental, em que era percebida principalmente pela destruição do meio ambiente natural. Porém, nessa perspectiva, não eram consideradas as questões sociais em suas bases teóricas. Com base nesse pressuposto, Santos e Toschi (2015, p. 245) alertam que, “além de reduzir os problemas ambientais aos aspectos ecológicos, o ser humano é tratado somente como o destruidor da natureza, sem qualquer conotação social”.

Essa se fundamenta em uma visão fracionada da realidade, de modo a reduzir ou perder suas especificidades. Assim, está centrada em partes individuais, desfocando a compreensão da totalidade e suas complexidades. O enfoque está na conclusão da ação educativa, com ênfase na transmissão e memorização de conhecimento para uma posterior “cobrança” através do processo avaliativo (“educação bancária”, de Paulo Freire) e na mudança do indivíduo (Guimarães, 2004).

É oportuno frisar que, nessa vertente conservadora, alguns aspectos são priorizados em relação a outros, como esclarecem Santos e Toschi (2015), tais como:

- ❖ Valorizar a transmissão do conhecimento (seria a transmissão de fato, ou seja, um ensino baseado em práticas pedagógicas tradicionais) de forma que o indivíduo entenda questões relevantes ambientalmente e transforme suas atitudes e comportamentos;

- ❖ Dar mais importância à mudança cultural e de comportamento em relação às transformações nos sistemas econômico e político da sociedade;
- ❖ Valorizar a teoria em detrimento da prática, o que pode resultar em um distanciamento entre os conceitos ambientais abordados e sua aplicação real;
- ❖ Privilegiar o tecnicismo, ou seja, soluções técnicas e tecnológicas, em vez de abordar questões políticas mais amplas relacionadas ao meio ambiente.

Essa abordagem conservadora permaneceu fortificada até a década de 1990, quando surgiu a vertente pragmática. No entanto, mesmo não sendo mais dominante, ela ainda se mantém como uma tendência fortemente consolidada (Santos; Toschi, 2015).

2.6.2 Educação Ambiental Pragmática

Essa vertente, por sua vez, é defensora da ideia do individualismo, ou seja, atribui a responsabilidade de cuidar do meio ambiente de forma individual, com a noção de que “cada um deve fazer a sua parte”. Além disso, é amplamente presente nos meios midiáticos, bem como entre o meio empresarial, pelos quais essas ideias são replicadas.

Inicialmente, o foco principal baseava-se nos resíduos sólidos. Entretanto, depois passou a concentrar esforços nas questões relacionadas ao consumo sustentável. Por fim, as preocupações dessa vertente têm focado na “Mudança Climática” e na “Economia Verde”.

É entendida como ambientalismo de resultados, pois acredita que a força do Mercado pode resolver a crise e espera a conscientização de consumidores a fim de que sacrifiquem um pouco de seu conforto em favor da preservação do meio ambiente e, além disso, não considera que o Estado deva intervir na economia (Santos; Toschi, 2015, p. 246).

A EA pragmática tem origem nas ideias da EA conservadora, mas difere da última por inserir o contexto social, econômico e tecnológico da sociedade atual. Apesar de apresentar esse diferencial, a EA pragmática apresenta limitações, pois deveria englobar também análises mais reais dos contextos sociais, econômicos, culturais e políticos e suas implicações no modelo atual de desenvolvimento. Outro fator limitante dessa vertente está no fato de buscar solucionar os problemas ambientais de forma rápida, o que, na maioria das vezes, necessita de mais aprofundamento nas raízes dos problemas ambientais para não gerar soluções superficiais e de curto prazo. Além disso, ignora a responsabilidade dos envolvidos na criação dos problemas ambientais.

2.6.3 Educação Ambiental Crítica

Também conhecida ou relacionada com a EA transformadora, popular, emancipatória e dialógica, está fundamentada em ideais democráticos e emancipatórios da educação popular, sendo oposta à abordagem tecnicista e tradicional de ensino, a qual se limitava à mera transmissão de conteúdo.

O objetivo da Educação Ambiental crítica é contribuir para a formação de um "sujeito ecológico", promovendo a mudança de valores e atitudes e a reorientação dos modos de vida, tanto no âmbito coletivo quanto no individual. Dessa maneira, é enfatizado que a educação não deve limitar-se apenas ao indivíduo ou a coletivos abstratos; a formação deve emergir das relações entre indivíduo e sociedade, uma vez que ambos só têm significado se pensados em conjunto (Santos; Toschi, 2015). De acordo com Ribeiro (2009, p.70), “Essa tendência tem como objetivo o desvelamento da realidade, inserindo o processo educativo nela. Além disso, contribui para a transformação da sociedade contemporânea, de forma questionadora, no âmbito sociopolítico”.

Paulo Freire é uma das principais referências da Educação Crítica. Ele defende uma abordagem educacional que visa formar cidadãos emancipados, capazes de serem autores de suas próprias histórias. Assim, a EA crítica:

[...] enfatiza a educação enquanto processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida. Está focada nas pedagogias problematizadoras do concreto vivido, no reconhecimento das diferentes necessidades, interesses e modos de relações na natureza que definem os grupos sociais e o “lugar” ocupado por estes em sociedade, como meio para se buscar novas sínteses que indiquem caminhos democráticos, sustentáveis e justos para todos. Baseia-se no princípio de que as certezas são relativas; na crítica e autocrítica constante e na ação política como forma de se estabelecer movimentos emancipatórios e de transformação social que possibilitem o estabelecimento de novos patamares de relações na natureza (Loureiro, 2004, p. 81).

Além de Freire, essa nova Educação Ambiental foi influenciada pelos paradigmas marxistas e neomarxistas, que destacam a importância de inserir nas discussões ambientais os fatores econômicos e sociais, bem como priorizar abordagens interdisciplinares de forma a buscar a sustentabilidade. Então, Santos e Toschi (2015, p. 248) afirmam que “A vertente crítica, por ser complexa, necessita de vários aportes teóricos, tais como os naturais, os sociais, os filosóficos, ou seja, deve estabelecer pontes entre vários saberes, deve ser interdisciplinar”.

A Educação Ambiental crítica é crucial para subsidiar transformações de crise socioambiental em que o mundo se encontra, pois vai além das abordagens limitadas,

reconhecendo as conexões intrínsecas entre os indivíduos, a sociedade e a natureza, e promovendo uma compreensão mais profunda e sistêmica das questões ambientais e sociais (Guimarães, 2004).

Observamos, diante do exposto, que a temática relacionada à Educação Ambiental está em constante construção, buscando solidificar-se ao longo da história. Todo esse processo de ressignificação faz parte da evolução desse campo epistemológico, que, como uma dimensão da educação, reflete também diversas tendências presentes nesse âmbito.

Após refletir sobre conceitos de fundamental importância, desvelando-os na construção histórica que permanece em constante modificação, passaremos a traçar um debate sobre a relação cooperativismo e sustentabilidade.

3 COOPERATIVISMO E SUSTENTABILIDADE

“Trata-se de um processo de interlocução de diferentes vozes que se aproximam, solidarizam-se, identificam-se para a construção de espaços comuns de atuação, sem, no entanto, renunciarem a si mesmas, preservando, assim, as condições e as posições do diálogo de seus saberes, de suas experiências de vida. Na argumentação em favor do entendimento comum, configuram-se, educam-se para a cooperação. Organizam as suas relações, associam-se”.

(Walter Frantz)

Independentemente do tipo de cooperativa, o cooperativismo desempenha um papel essencial na vida de muitas pessoas, impulsionando o envolvimento e a organização para atender a uma ampla variedade de necessidades. Nesta seção, buscamos traçar uma breve trajetória do cooperativismo, realçando o seu caráter social. Além disso, abordamos o cooperativismo e sua relevância na busca pela sustentabilidade. Em seguida, adentramos o cenário dos cooperados de materiais recicláveis, catadores que desempenham um papel crucial ao separar materiais recicláveis e impulsionar o processo de reciclagem, tornando-se agentes ambientais significativos. Por fim, destacamos os principais desafios enfrentados pelos catadores e a criação do Movimento Nacional dos Catadores na luta pelos direitos fundamentais.

3.1 História do cooperativismo

O cooperativismo originou-se em um período histórico marcado pelo início da doutrina econômica liberal, no século XIX, sistematizada por Adam Smith, um filósofo e economista britânico nascido na Escócia. Essa doutrina defendia a separação do Estado da sociedade, estabelecendo que os governos deveriam garantir apenas os direitos fundamentais, como paz e segurança, não tendo responsabilidade com a educação, saúde, trabalho e moradia, dentre outros. Nessa perceptiva, com o tempo, o Estado foi adquirindo poder, no entanto, a revolução industrial intensificou esse processo.

O Estado liberal tornou-se cada vez mais poderoso a partir do advento da revolução industrial, que alavancou a sua economia e, ao mesmo tempo, foi fonte de expressiva exclusão social, apresentando diversas consequências, como: o êxodo rural, altas taxas de desemprego, salários baixíssimos, péssimas condições de trabalho e jornadas extremamente longas. Mulheres e crianças eram admitidas nas fábricas em condições desumanas, pois eram mão de obra mais barata. Alastrou-se a miséria, com uma legião de

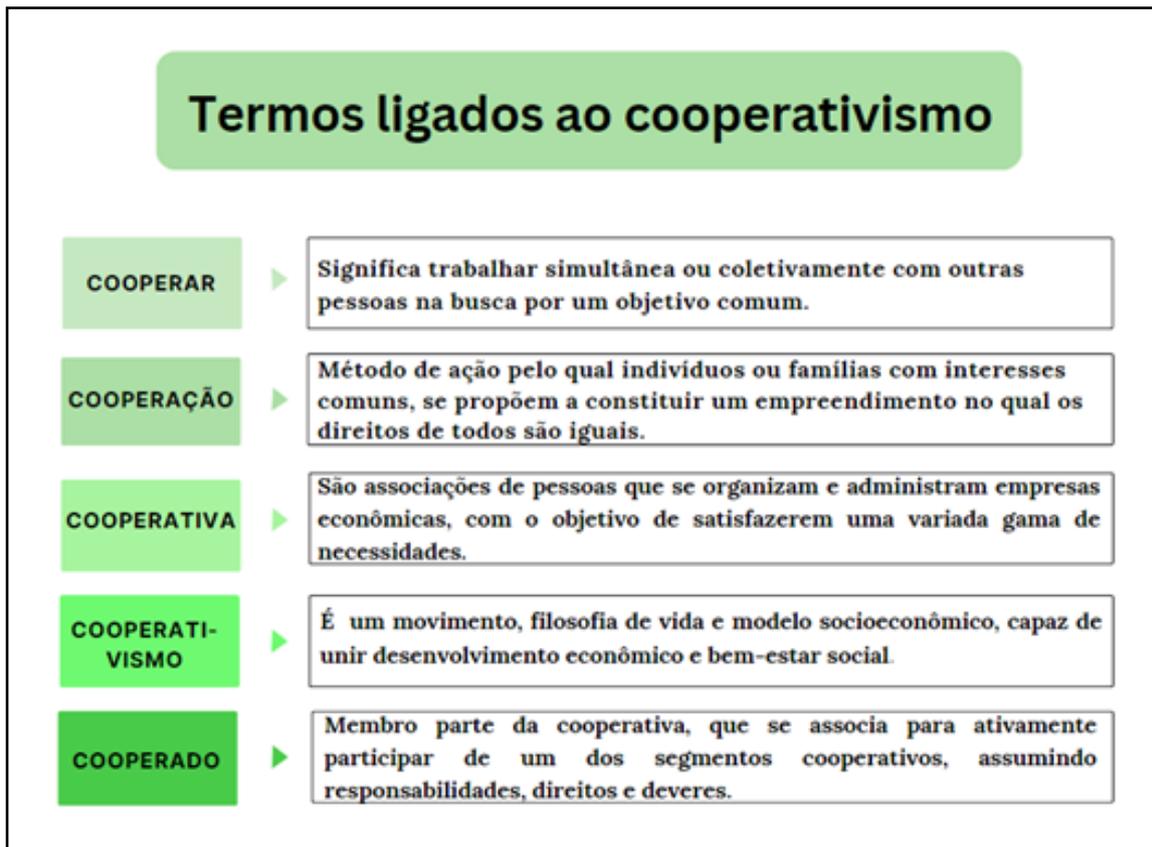
mendigos espalhados pelas ruas dos centros industriais (Fardini, 2017, p. 42).

Com o substancial aumento do desemprego e, como resultado, intensificação da pobreza, observou-se uma série de reações por parte de trabalhadores, que passaram a procurar maneiras de enfrentar os desafios sociais e econômicos que os assolavam. Esse fato favoreceu a prática da colaboração entre a população, em que as pessoas se agrupavam e se ajudavam mutuamente como podiam (Farias; Gil, 2013). Porém, cabe ressaltar que associativismo e cooperativismo se distinguem no que se refere à distribuição de excedentes financeiros gerados. Para Abelha (2023, p. 158):

O conceito de cooperativismo se diferencia do conceito de associativismo, já que o último não prevê o rateio de sobras financeiras para os membros pelo desempenho de suas funções, e não se orienta para fins econômicos, mas exclusivamente para fins sociais, cujos excedentes são reinvestidos integralmente no objetivo social da associação.

Quando se fala de cooperativismo, Reisdorfer (2014, p. 15) esclarece que “é comum encontrarmos termos como ‘cooperação’, ‘cooperado’, ‘cooperativo’, ‘cooperativa’, ‘cooperativismo’ e outras formas de referenciar o ato de cooperar embora nem sempre haja um significado preciso atribuído a essas expressões”. Apesar disso, esse autor apresenta as definições para esses termos da seguinte maneira:

Figura 6- Termos ligados ao cooperativismo



Fonte: Reisdorfer (2014, p. 15-16, adaptado).

Segundo o artigo 4º da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971, as cooperativas podem ser entendidas como "sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas à falência, constituídas para prestar serviços aos associados, distinguindo-se das demais sociedades pelas suas características próprias".

Para Farias e Gil (2013, p. 15), o termo “cooperação vem do latim *cooperari*, que significa operar juntamente. Também está associada à prestação de auxílio mútuo para um fim comum”. Já para Piaget (1973 *apud* Büttgenbender, 2009, p. 23), “a cooperação é uma relação social que pressupõe a democracia como ocasião de tomar decisões em conjunto, de coordenar diferentes pontos de vista para alcançar um acordo entre eles”.

O cooperativismo é pautado, segundo Reisdorfer (2014), por valores tais como: solidariedade, liberdade, democracia, justiça social e equidade. Contudo, em 1886, ocorreu em Lyon, na França, o II Congresso das Cooperativas de Consumo, no qual foram definidos os valores da doutrina cooperativa, estando entre eles:

- **Viver melhor** – através da solução cooperativa dos problemas comuns, a partir da necessidade do comum acordo e do desejo de satisfazer essa necessidade.
- **Pagar a dinheiro** – evitando o endividamento que gera a dependência.
- **Poupar sem sofrimento** – no cooperativismo, todos são incentivados a poupar conforme as possibilidades de cada um. A aplicação e a constituição dos fundos devem considerar prioritariamente a satisfação das necessidades dos associados.
- **Suprimir os parasitas** – afastando os atravessadores ou intermediários na compra e venda de produtos e serviços.
- **Combater o alcoolismo** – (os vícios de maneira geral) incentivando a todos a viverem de maneira sadia, evitando os vícios e enfrentando a realidade com coragem.
- **Integrar as mulheres nas questões sociais** – ressaltando a importância da participação feminina.
- **Educar economicamente o povo** – de forma a gastar com responsabilidade considerando as condições de pagamento dos compromissos assumidos. A educação é uma ferramenta para o desenvolvimento do homem.
- **Facilitar a todos o acesso à propriedade** – é essencial unir esforços para conquistar os meios de produção (capital).
- **Reconstituir uma propriedade coletiva** – para ter acesso à propriedade, o passo inicial é investir em um patrimônio coletivo.
- **Eliminar o lucro capitalista** – o objetivo da produção é a satisfação das necessidades humanas.
- **Abolir os conflitos** – trabalhar com o diálogo e tomar decisões com base na opinião da maioria (um sócio, um voto). As disputas diminuem pelo fato de que o associado é dono e usuário da cooperativa (Barbosa, 2012, p. 43-44, grifo da autora).

As cooperativas são fundamentadas em valores de ajuda mútua, responsabilidade coletiva, democracia, igualdade, equidade e solidariedade (Farias; Gil, 2013). Para Annibelli (2008), ao examinarmos os princípios cooperativos juntamente com os fundamentos da Constituição brasileira de 1988, torna-se evidente uma harmonia entre esses princípios e os valores essenciais do Estado Democrático. Tais valores incluem liberdade, igualdade, democracia, dignidade da pessoa humana e justiça.

O cooperativismo, que tem ampla participação na maioria dos países do mundo, possui a sua organização nacional e internacional. O sistema internacional é representado pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), com sede em Genebra, na Suíça, criada em 1895 (Farias; Gil, 2013). O sistema nacional é organizado e representado pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), sediada em Brasília/DF. Porém, cada um dos Estados brasileiros possui a sua organização estadual (Büttenbender, 2009). Com base nisso, Farias e Gil (2013) afirmam que, de acordo com a Lei 5.764/71, é estipulado que cada estado do Brasil estabeleça sua própria OCB estadual. No entanto, todas as cooperativas estão incumbidas de realizar seu cadastro no respectivo OCB do seu estado.

No Brasil, a legislação que regula a estruturação, organização e operação do cooperativismo é conhecida como "Lei do Cooperativismo," especificamente a Lei nº 5.764, publicada em 16 de dezembro de 1971, no Diário Oficial da União. Contudo, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o sistema cooperativista brasileiro recebeu uma acolhida ampla que refletiu tanto os princípios cooperativistas quanto as aspirações da sociedade brasileira por um cooperativismo autônomo e livre. De acordo com Büttenbender (2009), a Constituição de 1988 reconheceu a importância dessa autonomia, enfatizando, de maneira insistente, que nem o Estado nem outros agentes devem interferir na constituição e no funcionamento das cooperativas. Essa autonomia, que abrange tanto a formação quanto a gestão autônoma, impulsionou a necessidade de novos incentivos e fomentos ao cooperativismo em diversos campos.

[...] cooperativismo dentro da Ordem Econômica brasileira, fundada na Constituição Federal de 1988, como mecanismo para que se atinja, acima de tudo, o bem-estar econômico e social da população, visando garantir, assim, uma existência digna a todos. O cooperativismo pode ser considerado como instrumento econômico e social, com suporte constitucional, que propicia que se atinjam os princípios fundamentais da República, haja vista seu potencial emancipatório, pois serve como instrumento de inclusão, de resgate da cidadania e, portanto, de desenvolvimento. O cooperativismo pode ser considerado como instrumento econômico e social, com suporte constitucional, que propicia que se atinjam os princípios fundamentais da República, haja vista seu potencial emancipatório, pois serve como instrumento de inclusão, de resgate da cidadania e, portanto, de desenvolvimento (Annibelli, 2008, p. 223).

A autogestão cooperativa está intrinsecamente ligada à relevância dos mecanismos e órgãos de representação do cooperativismo brasileiro. Essas entidades desempenham um papel crucial na defesa dos interesses cooperativistas, na promoção da transparência, na observância de princípios éticos e na melhoria da qualidade da autogestão e do controle interno nas cooperativas.

A cooperativa caracteriza-se como uma união de indivíduos, mas também desempenha o papel de uma entidade econômica. Enquanto união, a cooperativa congrega pessoas com interesses compartilhados, as quais possuem obrigações e prerrogativas estabelecidas nos estatutos. Nessa perspectiva, os membros devem estar bem informados acerca das atividades da cooperativa e ativamente envolvidos. Para viabilizar essa informação e participação, uma estrutura organizacional se faz necessária, sendo uma alternativa para atingir tal organização a articulação do corpo associativo.

De maneira geral, uma cooperativa exhibe essencialmente dois aspectos simultâneos, uma vez que incorpora tanto uma sociedade de pessoas como uma entidade empresarial. Conforme delineado por Farias e Gil (2013), uma cooperativa é incluída por um conjunto de indivíduos que se reúnem e colaboram de forma conjunta para alcançar metas comuns. Além disso, ela ostenta uma estrutura organizacional parecida com uma empresa, mesmo que sua finalidade seja desprovida de lucro, embora tenha propósitos econômicos e sociais.

3.2 O caráter social do cooperativismo

Na contemporaneidade, observamos um aumento nas iniciativas que buscam alternativas para enfrentar os desequilíbrios sociais originados pelo sistema econômico neoliberal (Stahl; Schneider, 2013). As cooperativas podem representar possibilidades de suprir deficiências presentes nos mercados e nas instituições governamentais, visto que desempenham um papel crucial para proporcionar organização e participação às pessoas, seja facilitando o acesso ao crédito e bens de consumo, garantindo estabilidade econômica através de seguros, viabilizando moradias acessíveis ou atendendo a diversas necessidades, adaptando-se à abordagem específica de cada tipo de cooperativa (Annibelli, 2008).

A cooperação é uma das principais estratégias para o enfrentamento de uma economia por natureza excludente, identificada como a globalização. Daí a necessidade de criação de associações diversas, especialmente cooperativas e empresas da economia solidária, como um canal importante de organização do produtor e da produção, geração de trabalho e renda, agregação de valor e comercialização da produção (Stahl; Schneider, 2013, p. 199).

O Cooperativismo e os empreendimentos recentes de economia solidária proporcionam uma participação mais efetiva e mais ampla da sociedade no âmbito econômico, em que se definem e garantem os meios essenciais de subsistência. Isso ocorre mediante a implementação de autogestão democrática, que resulta na diminuição das disparidades sociais e na garantia da inclusão social, mas vai além por ser uma inclusão social enriquecedora, através da consolidação da cooperação, o que inclui a adoção de abordagens mercadológicas e administrativas em favor da autogestão orientada para as pessoas, e não para o capital.

O cooperativismo concorre para o resgate da dignidade, contribuindo para incluir socialmente as pessoas, na medida em que as valoriza como seres humanos e como geradores de riqueza. Os sócios de uma cooperativa são, ao mesmo tempo, donos e usuários da entidade e devem administrá-la de forma consciente, através da autogestão. Isso contribui para o resgate de valores que foram se perdendo ao longo do tempo, em meio ao sistema capitalista,

como a importância do potencial de trabalho e de geração de riqueza de cada um, seja homem ou mulher (Farias; Gil, 2013, p. 51).

Assim, as cooperativas têm como objetivo primordial a elevação do valor da pessoa humana, indo além da mera ênfase no capital. Nas empresas capitalistas, tal fato não é observado, pois o foco central reside no capital, em que aqueles que detêm maior poder aquisitivo exercem maior influência nas decisões. Felizmente, nas cooperativas, ocorre uma inversão desse cenário: todos os participantes são considerados iguais e incluem os benefícios econômicos de acordo com a medida de sua contribuição laboral. Em outras palavras, o retorno financeiro em uma cooperativa é diretamente proporcional ao esforço individual investido nas atividades conjuntas da cooperativa (Farias; Gil, 2013).

Farias e Gil (2013) reiteram ainda que, no contexto do cooperativismo, a solidariedade e a cooperação não são limitadas somente às interações entre os membros que compõem uma cooperativa, mas também devem extravasar até atingir diferentes cooperativas. Dessa forma, não deve existir entre cooperativas competições entre si, mas sim colaboração de maneira conjunta para fortalecer o próprio sistema cooperativo. Contrapondo-se ao individualismo e à competição, um dos fundamentos do cooperativismo é direcionado à instrução de todos os envolvidos nas cooperativas, bem como daqueles que se relacionam com elas de alguma maneira. Nessa perspectiva, a educação cooperativa desempenha um papel crucial, ou seja, vai em busca da formação de uma sociedade mais equitativa, baseada em princípios humanitários.

Cabe ressaltar também que o ato de cooperar estabelece um cenário propício para o desenvolvimento intelectual e moral dos envolvidos, conferindo-lhes uma mudança qualitativa. Em outras palavras, à medida que as pessoas se envolvem em interações cooperativas, elas experimentam um aprimoramento moral e intelectual, facilitando assim o estabelecimento de relações cooperativas entre elas. É devido ao envolvimento dos participantes e pela própria dinâmica cooperativa que as relações de cooperação gradualmente superam as anteriores em qualidade (Büttenbender, 2009).

3.3 Cooperativismo e o tripé da sustentabilidade

Uma sociedade em busca de sustentabilidade deve abarcar as três dimensões: a social, a ambiental e a econômica. Esses elementos são comumente referidos como o "tripé da sustentabilidade" ou *triple bottom line* (TBL). Alternativamente, também podem ser denominados como os "3Ps" na língua inglesa – *people, planet, profit* (pessoas, planeta e

lucro). É essencial que esses três pilares sejam equilibrados dentro de uma organização, sendo todos considerados igualmente cruciais (Silva, 2020).

O Cooperativismo defende o desenvolvimento sustentável que garanta não apenas crescimento econômico e preservação ambiental, mas também um aprimoramento tangível na qualidade de vida de todas as pessoas. Isso implica a distribuição equitativa de renda e a preservação dos recursos naturais do nosso planeta, assegurando, ao mesmo tempo, a previsão das gerações vindouras (Farias; Gil, 2013).

O cooperativismo tem como objetivo conciliar, por meio das cooperativas, o capital e o trabalho, atribuindo destaque primordial ao valor do trabalho. Consequentemente, por meio de uma cooperativa, os membros passam a exercer controle não apenas sobre seu próprio capital, mas também sobre seu potencial laboral. Isso ocorre devido ao fato de que cada associado detém uma parcela proporcional da propriedade da cooperativa de qualquer parte.

Portanto, podemos inferir que o cooperativismo é uma ideologia econômica, porém, com uma atenção significativa ao aspecto social, evitando qualquer caráter assistencialista. Dessa maneira, ele se distancia das diretrizes do capitalismo e do socialismo, mas não as descarta completamente. Ao invés disso, busca integrá-las de forma complementar. A essência do cooperativismo é a busca pelo equilíbrio por meio de abordagens tanto econômicas quanto sociais (Büttenbender, 2009).

3. 4 Contexto enfrentado pelos catadores de materiais recicláveis

Cavalcante e Silva (2015) destacam que os problemas ambientais afloraram com maior intensidade no final do século XX, representando adversidade atual. Então, a produção em larga escala de resíduos sólidos torna-se uma realidade. Segundo Rêgo, Barreto e Killinger (2002), o lixo, também chamado de Resíduo Sólido Urbano (RSU), provoca uma grande inquietação mundial, principalmente nas grandes cidades, visto que está aumentando consideravelmente.

Diante desse contexto, o lixo surge como principal produto gerado pelo modo de vida contemporâneo. Assim, Ribeiro, Mendes e Mattos (2012) afirmam que a presença dos resíduos sólidos pode provocar doenças, pragas e vários problemas ambientais, mas uma das formas de minimizar tais problemas é a redução do lixo. A reciclagem surge como uma alternativa para metamorfosear os impactos ambientais provocados pelo aumento de tais resíduos, representando um gerenciamento sustentável. Ribeiro, Mendes e Mattos (2012) ainda destacam que a reciclagem pode ser apontada como uma opção para mitigar os problemas ambientais citados. Sendo assim, além da diminuição de impactos ambientais, com

a redução dos resíduos sólidos nos lixões e aterros sanitários, também podemos obter melhorias econômicas e sociais.

Heine (2012, p. 3) ressalta que “Lixo é tudo aquilo que se joga fora, que não tem mais possibilidade de ser usado. Mas nem tudo que se joga no lixo pode ser assim classificado”. O resíduo sólido passou a representar uma opção para a busca de lucro, representando uma fonte de riqueza. Desde então, recebeu uma nova denominação: material reciclável. Assim, muitas pessoas, bem como empresas, começaram a investir tempo e dinheiro nesse setor, o que garante o sustento de muitas famílias.

Segundo Teixeira (2015), várias dessas pessoas estão desempregadas, não encontram formação para inserção no mercado de trabalho e vivem das sobras dos mais abastados, porém, infelizmente, a culpa de tamanha vulnerabilidade recai sobre o próprio indivíduo. No entanto, percebemos que a situação é resultante de falta de investimentos governamentais, ausência de políticas públicas e capacitação adequada. O desemprego e a falta de acesso às condições mínimas de vida são reflexos da desigualdade econômica do Brasil, o que origina a exclusão social.

O desemprego é um acontecimento social que acontece em todos os países, em especial nos subdesenvolvidos, devido à crescente mecanização e informatização dos processos de trabalho, extinguindo cargos que antes eram desempenhados por pessoas sem instrução/qualificação. A exigência de conhecimento e formação/capacitação profissional, aliados às altas taxas de analfabetismo, excluem muitos trabalhadores do mercado (Teixeira, 2015, p. 99).

Ainda de acordo com Teixeira (2015), o trabalho proporciona a formação da identidade do indivíduo e proporciona integração social. Diante disso, a reciclagem tem gerado oportunidades significativas aos catadores, garantindo uma renda familiar fundamental para o sustento dos seus membros, visto que, para muitos catadores de resíduos sólidos, o ofício torna-se a única opção de sobrevivência. Bauman (2010, p. 68) afirma que “Os homens constroem suas histórias de acordo com suas condições e não com suas escolhas”.

De acordo com Kecya Brasil (2015), nós, seres humanos, somos diferenciados uns dos outros por meio da identidade, que é construída ao longo das nossas vidas. Assim, por meio dela, somos únicos e ao mesmo tempo semelhantes, pois possuímos distinções. A identidade gera o reconhecimento, que, por sua vez, construirá admiração, respeito etc. No entanto, também pode gerar uma forma de reconhecimento impiedoso, que resulta em exclusão. Ainda de acordo com Kecya Brasil (2015, p. 15), “[...] a visão depreciativa que a sociedade possui

do catador de humilhação e vergonha via de regra produz exclusão cultural, subjetiva, econômica e política, além da marginalidade”.

Rossignoli (2016) destaca, em seu trabalho, que esses catadores são pessoas que (sobre)vivem nas ruas, despertando desprezo, inquietações e preconceitos. São homens, mulheres e, infelizmente, até crianças, que realizam o árduo trabalho de catar e puxar “carrocinhas” pesadas pelas ruas das cidades, sujeitando-se a diversas formas de contaminação em condições pouco apreciadas.

Somando-se a todos esses problemas, os catadores também apresentam dificuldades em vender os materiais recicláveis diretamente para as cooperativas. Por isso, em muitos casos, precisam vender para “atravessadores” que são pessoas que compram esses materiais e os armazenam para vender para as cooperativas por valores mais vantajosos. De acordo com Rossignoli (2016), apesar de os catadores fazerem o trabalho mais pesado, são os atravessadores que recebem em média cem por cento (100%) de lucro, resultante da exploração humana. Em meio ao descaso e à falta de reconhecimento, é necessário que mudanças ocorram e que os catadores de materiais recicláveis gozem de fato de seus direitos. No entanto, é fundamental refletirmos sobre nossas ações em relação ao meio ambiente: será que estamos contribuindo para que a reciclagem ocorra?

Cabe ressaltar que tanto “educação ambiental” quanto “desenvolvimento sustentável” são expressões bastante comentadas atualmente e que quase sempre demonstram o objetivo de preservar o meio ambiente. No entanto, muitas vezes aparecem mascaradas por jogos de interesse dos dominantes, não demonstrando preocupação com a questão ambiental de fato, e sim com o capital, ou seja, há a busca pelo lucro máximo em detrimento de uma relação harmoniosa com o meio (Rossignoli, 2016). O desenvolvimento sustentável só ocorrerá se o ser humano obtiver as necessidades básicas, sem colocar em risco os recursos naturais.

3.5 O Movimento Nacional dos catadores: a busca pelos direitos fundamentais

Os catadores de materiais recicláveis vivem em situação dicotômica. Dessa forma, favorecem a preservação ambiental, contribuindo para que a reciclagem ocorra, sendo agentes essenciais nesse setor, que vem demonstrando ser bastante rentável e produtivo. No entanto, que lucros adquirem, já que o trabalho realizado por eles proporciona apenas sua própria subsistência?

Rossignoli (2016) evidencia que os catadores são indivíduos necessitados de direitos sociais, que apresentam pouca ou nenhuma esperança de participar do mercado de trabalho formal, ficando às margens da sociedade. Isso ocorre principalmente porque esses catadores

são privados de qualificação profissional, restando apenas o trabalho informal para seu sustento. De acordo com Pinheiro (2017), nossa sociedade é composta pelos “hiper incluídos” e pelos estigmatizados. Nesse caso, enquanto todas as atenções estão direcionadas aos primeiros, cabe aos estigmatizados viverem excluídos na sombra dos mais privilegiados. Conseqüentemente, a sociedade somente enxerga aquilo que os detentores do poder querem, o que resulta na invisibilidade de muitas pessoas. Lamentavelmente, esse é o reflexo de um sistema perverso, onde a grande maioria é excluída pelo capitalismo. Pinheiro (2017, p. 48) ainda reitera:

É preciso, diante desta situação, que a sociedade - que exclui, estigmatiza, humilha, “reifica” e, sobretudo, invisibiliza as experiências contra-hegemônicas (que podem ser as formas de produção ou mesmo as próprias pessoas) - adquira uma “consciência libertária” frente a este contexto de alarme invisibilidade social. Esta, por sua vez, que atinge variados grupos sociais e é, dentre outros fatores, proveniente de um descaso populacional de grandes proporções, em que os casos de exclusão social tornam-se comuns e rotineiros.

No contexto da invisibilidade, os catadores procuraram se unir a fim de ganharem mais forças e buscarem melhorias nas condições de trabalho. Rossignoli (2016) esclarece que, no final de 1980, surgiram as primeiras organizações de catadores em cooperativas. No entanto, Pinheiro (2017) relembra que foi somente em 2001 que foi criado o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, tendo como objetivo principal lutar pela valorização da categoria e contrapor à exploração exacerbada do capital.

Cunha (2011) analisa que uma associação não é uma mera união de catadores, pois, de acordo com o autor, existem diferenças bastante significativas em relação a um catador associado e ao catador de rua. Essas diferenças ocorrem em várias modalidades, porém, no que se refere à visibilidade, os catadores não associados são vistos muitas vezes como se estivessem justificando um pedido de esmola, como se fossem marginais, ao passo que os catadores associados são vistos como trabalhadores. Dessa forma, sozinho, é um ser invisível, mas, à medida que vários invisíveis se juntam, passam a ser vistos, tornando-se visíveis. Isso não quer dizer, no entanto, que recebem o reconhecimento pessoal e salarial necessário, mas demonstra mais uma conquista, mesmo que singela.

Como a luta pela garantia de direitos representa uma longa caminhada, a criação de cooperativas representa alguns passos concretizados, sendo indiscutível que, quanto mais organizada a associação/cooperativa, maiores são as garantias de melhorias e o trabalho se torna menos difícil e desgastante. Além disso, existem parcerias dos associados com

prefeituras e com empresas. Dessa forma, os catadores de materiais recicláveis podem ir menos às ruas, que são o palco de intensas injustiças, preconceitos e desgastes físicos. Sendo assim, têm a oportunidade de trabalhar com os recicláveis em locais com cobertura, sem ter de trabalhar no sol escaldante ou sob chuvas repentinas, o que já é um avanço nas condições laborais.

Cunha (2011, p. 56) afirma que “a sociedade trata de forma diferente o catador organizado, visto como um catador limpo, livre de vícios e sério, mesmo que isso não signifique sua inclusão na sociedade formal”. Percebemos que o simples fato de o catador sair das ruas e fazer parte de uma cooperativa já lhes garante preceitos como se tornar “limpo, livre ou sem vícios”. No entanto, ainda não lhes proporciona a inclusão no mercado formal, bem como em tantas outras situações.

Movimentos sociais vêm ganhando mais visibilidade na atualidade, estando muito presentes na sociedade, pois buscam por leis e direitos para os excluídos e estigmatizados. Mas para que tenham êxito, torna-se essencial que sejam organizados. Além disso, é fundamental que os membros tenham “voz e vez”, ou seja, autonomia para conseguir as tão almejadas conquistas. Os catadores de materiais recicláveis já iniciaram processos de movimentos sociais, porém, é urgente que tenham mais comprometimento com a causa, sendo necessárias muitas lutas ainda para que ocorra a efetivação de seus direitos. O Movimento Nacional de Catadores Recicláveis é exemplo disso, pois é importante elo na defesa dos interesses dos catadores. Dessa forma, vem adquirindo grandes progressos nos interesses dos associados perante o mercado, gerando a sua inserção no sistema capitalista.

A criação de projetos educativos (atividades recreativas, oficinas artesanais), tendo como finalidade preservar a cultura dos catadores, é um dos objetivos do Movimento. Outro objeto de trabalho é a capacitação dos catadores a fim de proporcionar conhecimento adequado para atuação no trabalho de catação (Pinheiro, 2017).

O Movimento em questão busca direitos essenciais, como afirma Rossignoli (2016, p. 51): “O MNCR defende os interesses dos catadores, como o direito ao trabalho, o fim dos lixões, a concessão de galpões com condições dignas para os catadores, a prioridade pela coleta seletiva e a remuneração para esse serviço, com ajuda social e ambiental”. Outrossim, o Movimento Nacional de Catadores tem o objetivo de procurar avanços no contexto da educação, moradia digna, transporte, lazer, saúde, alimentação, bem como o direito à cidade (Rossignoli, 2016).

Logo após a criação do MNCR, ocorreu o reconhecimento da categoria perante o Estado. Segundo Gonçalves *et al.* (2013), desde 2002, os catadores de resíduos sólidos foram

reconhecidos pela Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego, pois desempenham função fundamental ao planeta, reduzindo os impactos ambientais nas cidades do nosso país. Em 2006, o Decreto nº 5.940 entrou em vigor e passou a estimular os órgãos do poder público federal a separar os resíduos na sua origem, destinando esses materiais às associações de catadores. O referido decreto foi revogado pelo Decreto nº 10.936/2022, que passou a incluir no processo de produção a obrigação de logística reversa em todas as operações referentes ao reaproveitamento ou destinação correta de resíduos.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) foi sancionada em 2010 e representou um marco na política ambiental do Brasil, pois determinou que todos os municípios brasileiros criassem um Plano Municipal de Gerenciamento de Resíduos Sólidos. Além disso, determinou que fossem elaboradas e implementadas estratégias para a inclusão dos catadores. Conforme o art. 4º da Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010,

A Política Nacional de Resíduos Sólidos reúne o conjunto de princípios, objetivos, instrumentos, diretrizes, metas e ações adotados pelo Governo Federal, isoladamente ou em regime de cooperação com Estados, Distrito Federal, Municípios ou particulares, com vistas à gestão integrada e ao gerenciamento ambientalmente adequado dos resíduos sólidos (Brasil, 2010).

Dessa forma, a PNRS possibilitou a implementação de um gerenciamento ambiental específico para os resíduos sólidos, englobando todos os materiais suscetíveis à reciclagem, reutilização ou descarte, independentemente de sua origem, seja ela doméstica, industrial, eletroeletrônica, entre outras (Silva, 2020). Além disso, por meio Política Nacional de Resíduos Sólidos, foram estipuladas datas para a extinção dos lixões (Na introdução, discutimos também sobre a PNRS, destacando a definição de lixões, aterro controlado e aterro sanitário).

Levando em consideração as condições de trabalho dos catadores, foram criados o Programa Pró-Catador e o Comitê Internacional de Reutilizáveis e Recicláveis, por meio do Decreto nº 7.405, de 23 de dezembro de 2010. Pinheiro (2017, p. 22) comenta, de forma detalhada, um dos artigos em questão:

De acordo com a disposição do artigo 2º, o referido programa tem por objetivo promover e integrar: “capacitação, formação e assessoria técnica”; “organização e apoio a redes de comercialização e cadeias produtivas integradas por cooperativas e associações de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis”; “fortalecimento da participação do catador de materiais reutilizáveis e recicláveis nas cadeias de reciclagem”; e, por fim, “abertura e manutenção de linhas de crédito especiais para apoiar projetos voltados à institucionalização e fortalecimento de cooperativas e associações

de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis.

As legislações supracitadas foram fundamentais para a garantia de melhorias nas condições de trabalho, entre outros direitos importantes para a classe dos trabalhadores que lidam com materiais recicláveis. Contudo, nosso país passou por um período de crescente declínio em relação a questões ambientais. Assim, Silva (2022) aponta que, desde os governos da presidente Dilma Rousseff (2011-2016) e, posteriormente, de Michel Temer (2016 -2018), os espaços de discussões ambientais criados até então retrocederam novamente graças a atuações no Ministério da Educação (MEC) e Meio Ambiente (MMA). Layrargues (2018, p. 13) afirma que o governo Temer foi marcado pelo “conservadorismo neoliberal”, gerando intensas denúncias de corrupção, o que fez com que assuntos relacionados ao meio ambiente se transformassem em peças estratégicas de negociação política em troca de votos parlamentares, resultando em prejuízos ambientais.

Em 2019, com a chegada de Jair Bolsonaro à presidência da República, o cenário, já marcado por certa fragilidade, experimentou um retrocesso significativo. Conforme promessas feitas durante a campanha eleitoral, o presidente passou a fomentar o agronegócio, legitimando, assim, a degradação ambiental. Exemplo disso está na proposta de unificação do Ministério da Agricultura com o Ministério do Meio Ambiente, os quais apresentam interesses opostos. Embora a proposta não tenha sido aprovada, Silva (2022) observa que esse fato evidenciou os verdadeiros interesses de Bolsonaro em relação ao meio ambiente, indicando que a preservação ambiental não seria prioridade.

Para agravar ainda mais a situação, Ricardo de Aquino Salles assumiu o Ministério do Meio Ambiente no início do governo Bolsonaro, adotando uma postura de descaso em relação à preservação dos recursos naturais ao permitir a utilização de áreas de reservas para atividades relacionadas ao agronegócio e turismo, devido à falta de fiscalização e controle nas atividades madeireiras e de mineração. Diante disso, foi denunciado ao Supremo Tribunal Federal (STF), o que, por sua vez, ocasionou sua demissão em 23 de junho de 2021 (Franco; Miguel, 2022).

Finalizando o mandato em 2022, Bolsonaro concorreu à reeleição. Porém, não conseguiu alcançar a maioria dos votos que foram destinados a Luiz Inácio Lula da Silva, o qual foi o 39º presidente do Brasil, em que conquistou três vitórias em eleições presidenciais no país (Brasil, 2023a).

A posse de Lula foi cercada de simbolismo. Sousa (2023) classifica esse simbolismo como “simbolismo democrático”, que, segundo ele, “é um conjunto de símbolos e cerimônias

que representam os valores e princípios fundamentais da democracia”. Colaborou para isso um fato bastante peculiar e inédito, em que Bolsonaro, o então Presidente da República, viajou para o exterior na véspera da nova posse, negando-se a entregar a faixa presidencial para o Presidente eleito (Lula), fato esse que quebrou protocolos.

Essa ausência, no entanto, permitiu que o evento fosse carregado de simbolismo, onde foram convidados um grupo de pessoas para representar o “povo brasileiro”, estando, dentre eles, uma criança, uma catadora, uma representante indígena, um metalúrgico, um professor, uma cozinheira, um *influencer* na luta anticapacitista e um artesão, além de uma cadela chamada “Resistência” (adotada por Lula)⁷.

Apesar de muitos convidados estarem presentes, representando a diversidade, a catadora de materiais recicláveis, Aline Souza, mulher, trabalhadora, mãe e negra, foi a responsável por passar a faixa para Lula. De acordo com a reportagem divulgada pelo *site* G1 (2023), “As mãos que coletam aquilo que ninguém mais quer, aquilo que jogaram fora, entregaram um dos símbolos de maior poder do país no domingo, dia 1º de janeiro, na posse do presidente Lula”.

Sem dúvida, a cerimônia de posse do presidente Lula representou esperança de dias melhores, demonstrando um compromisso do governo em relação ao povo brasileiro. Esse ato simbólico buscou evidenciar que sua meta é governar para todos, e não apenas para grupos privilegiados, assumindo a promessa de voltar sua atenção para educação, saúde, ciência, cultura e meio ambiente (Sousa, 2023).

No início do terceiro mandato do presidente Lula, precisamente em 13 de fevereiro de 2023, os catadores de materiais recicláveis tiveram uma conquista bastante importante. Segundo Saes (2023), essa data “deve ser também um simbólico marco para aqueles que lutam pela construção de um país socialmente mais justo e sustentável”. Isso porque Lula assinou o Decreto nº 11.413, que estabelece o Certificado de Crédito de Reciclagem de Logística Reversa (CCRLR), o Certificado de Estruturação e Reciclagem de Embalagens em Geral (CERE) e o Certificado de Crédito de Massa Futura. De acordo com o art. 3º desse decreto, são objetivos do CCRLR, do CERE e do Certificado de Crédito de Massa Futura:

- I - aprimorar a implementação e a operacionalização da infraestrutura física e logística;
- II - proporcionar ganhos de escala na reciclagem de resíduos;
- III - possibilitar a colaboração entre os sistemas de logística reversa e de reciclagem;
- IV - adotar medidas para a não geração e para a redução da geração de resíduos sólidos e do desperdício de materiais no ciclo de vida dos produtos;

⁷ A cadela “Resistência” é sem raça definida. Animal encontrado facilmente nas ruas das cidades do país, popularmente chamada de caramelo, por ser a cor predominante desses cães.

- V - promover o aproveitamento de resíduos sólidos e o seu direcionamento para a sua cadeia produtiva ou para outras cadeias produtivas;
- VI - compatibilizar os interesses dos agentes econômicos e sociais e dos processos de gestão empresarial e mercadológica com os de gestão ambiental, por meio do desenvolvimento de estratégias sustentáveis;
- VII - incentivar a utilização de insumos com menor impacto ambiental;
- VIII - estimular o desenvolvimento, a produção e o consumo de produtos derivados de materiais reciclados e recicláveis;
- IX - incentivar atividades produtivas, eficientes e sustentáveis, por meio da utilização de produtos e de embalagens com maior reciclabilidade e retornabilidade e conteúdo reciclado; e
- X - possibilitar adicional de valor para a cadeia de reciclagem, prioritariamente para catadores e catadoras individuais ou vinculados a cooperativas ou outras formas de associação e organização (Brasil, 2023b).

Também foi sancionado o Decreto nº 11.414, que institui o Programa Diogo de Sant'Ana Pró-Catadoras e Pró-Catadores para a Reciclagem Popular⁸, juntamente com a criação do Comitê Interministerial para Inclusão Socioeconômica de Catadoras e Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis⁹.

Com o Programa Diogo de Sant'Ana Pró-Catadoras e Pró-Catadores, “o governo volta a reconhecer a importância dos quase 1 milhão de catadores existentes no País, que trabalhando individualmente ou organizados em cooperativas e associações populares atuam na coleta, triagem, processamento, transformação e comercialização de materiais reutilizáveis e recicláveis” (Saes, 2023).

Em um momento repleto de esperança, em 18 de julho de 2023, a Secretaria Geral da Presidência da República aprovou o aumento das alíquotas de importação para determinados materiais recicláveis, atendendo às reivindicações pelo MNCR. De acordo com esta decisão, a alíquota para plásticos, anteriormente em 11,2%, foi elevada para 18%. No que diz respeito ao vidro e ao papel, a mudança foi ainda mais expressiva, visto que, partindo de uma taxa de 0%,

⁸ O Programa Pró-Catador foi implementado em 2010, coincidindo com a implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305/10) e o regulamento da Lei de Diretrizes para o Saneamento Básico (Decreto nº 7.217/10). Esses eventos marcaram uma transformação significativa no panorama ambiental do Brasil, onde os resíduos sólidos passaram a ser tratados com maior seriedade. Integrar e promover iniciativas direcionadas ao apoio e estímulo de melhorias aos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, aprimorando as condições de trabalho, buscando inclusão social e econômica, além de expandir a coleta seletiva de resíduos sólidos, a reutilização e a reciclagem de materiais. Com a entrada de Temer na Presidência da República e posteriormente de Bolsonaro, várias medidas foram utilizadas para conter gastos, que, por sua vez, causaram diminuição de recursos aos ministérios. Muitos programas sofreram impactos, tais como o Pró-Catador (Ferreira, 2019). Assim, em 24 de agosto de 2020, por meio do Decreto nº 10.473, o Programa Pró-Catador foi revogado, sendo instituído apenas em 2023 pelo Decreto nº 11.414/2023. Em homenagem a Diogo Sant'Ana, que foi um dos responsáveis pela criação do programa original da Presidência, em 2010, Diogo era defensor das pautas dos catadores, trabalhou no gabinete da Presidência da República e da Casa Civil durante os governos de Lula e Dilma Rousseff e, como secretário executivo da Presidência da República de Dilma, foi responsável pelo Marco Legal das Organizações Sociais. Em 31 de dezembro de 2020, aos 41 anos, Diogo Sant'Ana foi vítima de uma tragédia fatal, resultante de uma descarga elétrica ao entrar em contato com uma cerca energizada.

⁹ Este comitê tem como objetivo coordenar iniciativas específicas para a inclusão socioeconômica dessa categoria.

passou a ser tributado em 18%, refletindo o ajuste realizado nos materiais plásticos (Brasil, 2023b). Essas ações têm o potencial de valorizar o trabalho dos catadores de materiais recicláveis, já que podem resultar em um aumento de renda.

Em 2023, os catadores de materiais recicláveis obtiveram melhorias importantes. Porém, é notável a carência de maiores investimentos nesse setor. Ainda há um longo percurso para que ocorra a inclusão social dessas pessoas. Mudanças na legislação ainda são necessárias, visando à visibilidade jurídica, bem como uma maior representatividade no Poder Público, para que esses trabalhadores reivindiquem e busquem melhores condições de trabalho.

Após a construção teórica discutida nos capítulos anteriores, chegou o momento de incorporar as experiências e vivências dos catadores de materiais recicláveis que participaram desta pesquisa. Dessa forma, a seção subsequente busca estabelecer uma ponte de diálogo entre a teoria e a prática empírica.

4 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

“As pessoas podem esquecer o que você fez, o que você disse, mas nunca esquecerão o que você as fez sentir.”
(Fernando Pessoa)

Esta seção tem como propósito resgatar memórias por meio das vivências e experiências dos cooperados da COOPERFAMI. Inicialmente, 11 cooperados participaram da pesquisa. No entanto, após análises posteriores das respectivas e

ntrevistas, notamos que não predominou a ocorrência de narrativas espontâneas. Vários motivos podem justificar ou explicar tal acontecimento, podendo estar entre eles: falta de compreensão clara sobre como as entrevistas seriam conduzidas; não estiverem de fato interessados em participar, concordando apenas porque a maioria concordou; estarem com o pensamento em seu trabalho, querendo finalizá-lo; não estarem à vontade em relatar suas vidas a uma pessoa (pesquisadora) recém-conhecida; acharem que suas histórias de vida não mereciam ser estudadas (baixa estima) por serem pouco valorizadas etc. Assim, os entrevistados, de forma geral, respondiam apenas ao que era perguntado, de forma bastante objetiva. Como mencionado na seção referente ao corpus metodológico, a premissa fundamental de utilizar as entrevistas narrativas em uma pesquisa é trazer a subjetividade vivida. Portanto, optamos por concentrar nossa atenção em sete sujeitos que concordaram em participar de um segundo momento de entrevistas. Antes, porém, foi necessário explicar novamente os objetivos do presente estudo, destacando a importância individual de cada narrativa, que somos únicos e que cada momento vivido é fundamental para determinar quem somos. Além disso, foi retomado mais uma vez com os participantes sobre o porquê de serem escolhidos como objeto deste estudo. Nesse sentido, utilizamos as narrativas desses catadores para estabelecer uma conexão entre a empiria e a teoria, de forma dialógica.

É fundamental ressaltar que o processo de construção das narrativas é embasado na compreensão particular da abordagem fenomenológica. Desse modo, buscamos assimilar e interpretar as narrativas dos sujeitos pesquisados, reconhecendo a importância da linguagem para identificar as unidades de significação, as quais serão apreciadas e analisadas em sequência. Antes de mais nada, achamos oportuno trazer informações históricas sobre a COOPERAMI para, posteriormente, fazermos uma breve discussão sobre os termos vivências e experiências e em seguida adentrarmos as narrativas.

4.1 Criação da cooperativa COOPERFAMI

A COOPERFAMI¹⁰ foi criada em 10 de abril de 2010 por um grupo de 20 catadores que se reuniram em uma unidade da Igreja Assembleia de Deus de Campinas¹¹ com o propósito de formarem uma sociedade cooperativa. Dentre os presentes estavam: Jorge Moreira da Silva (Coordenador do Programa Goiânia Coleta Seletiva/COMURG), Sérgio Antônio de Paula (Secretário Municipal do Trabalho e Renda), Fernando Bartholo (Tecnólogo em Cooperativismo da UFG e Coordenador da Incubadora Social da UFG). No mesmo dia, foram escolhidos, por meio de uma eleição, os membros da Diretoria (presidente, diretor administrativo/financeiro, diretor comercial e diretor de comunicação), conforme o estatuto recém-aprovado. Além disso, foram escolhidas, também por meio do voto, as pessoas que comporiam o Conselho Fiscal. Assim, a COOPERFAMI possui como Diretor-Presidente Valdo Alves de Souza (informações obtidas por meio da ATA da Assembleia Geral de Constituição da Cooperativa, que pode ser visualizada na íntegra no Anexo B).

Até o momento das entrevistas, observei que muitos cooperados que participaram de sua criação continuam a fazer parte da cooperativa. No entanto, ao longo dos 13 anos de sua existência, houve tantas admissões quanto saídas de cooperados. Nesse período, também ocorreram alterações de membros da diretoria, uma vez que essas mudanças ocorrem a cada quatro anos, conforme estatuto da COOPERFAMI. A atual presidente da Cooperativa (Caroline) explicou, durante a entrevista, que, apesar de desconhecer a origem do nome da cooperativa (Família Feliz-COOPERFAMI), inicialmente os cooperados, em sua grande maioria, não pertenciam à mesma família, o que pode ser evidenciado no trecho seguinte:

Aqui nois começou na fase de grupo, nessa época eu não trabalhava aqui na cooperativa, foi ummm...por coincidência um grupo de pessoas que não era família, trabalhava um ou outro, um tio, um parente e eu não sei como eles conseguiram o nome CooperFami, porque é família feliz né? Eu não sei como que eles conseguuiu, né? [...] (Caroline).

Por essa razão, provavelmente, a escolha do nome Família Feliz esteja relacionada com os objetivos elementares de uma cooperativa que é trabalhar visando à integração e ajuda mútua de seus membros, de forma a obter o bem comum, exatamente como uma família feliz. Apesar de a origem do nome não estar relacionada por um grupo familiar inicialmente, Caroline explica que, com o tempo, vários integrantes da sua família entraram na cooperativa.

¹⁰ Razão social, Cooperativa dos Catadores de Material Reciclável Família Feliz – COOPERFAMI.

¹¹ Situada na Rua 48, Qd. 08, Lt. 10 Setor Santos Dumont, Goiânia- GO (CEP: 74.463-800).

Aí foi vindo a família, foi vindo pai...[depois de falar, pensou um pouco e reformulou], "meu pai nunca trabalhou né, mas vive aí né"... e minha mãe, minhas tias, minhas irmãs, já tá a família inteira aqui, até meu menino esses tempos pra trás estava sem serviço né? Que ele tá fazendo faculdade, trabalhou um tempo aí com nois... [...] mas a maioria aqui é família, não é fácil mexer com trabalhar com família não, porque é muita coisinha né? Mas estamos aí trabalhando tem seu lado positivo e negativo, né?

Quando assumiu a presidência da COOPERFAMI, Caroline disse (com certa modéstia) que acreditava não estar preparada, que foi aprendendo com o tempo:

Eu não sabia nem andar em Goiânia direito né? Ai tinha que ir em muita reunião naquela época, era muitas reunião, reunião pra tudo que era lado, era Ministério Público, Ministério do Trabalho, era ...um monte de reunião né e eu saía procurando daqui, dali, até que hoje em dia eu já tô me saindo melhor, né?

Outra importante e significativa mudança relaciona-se à alteração de endereço, fato que aconteceu no ano de 2019, resultante da inauguração de três galpões destinados a cooperativas de materiais recicláveis da região metropolitana, estando entre os quais o novo galpão da cooperativa COOPERFAMI.

Dessa forma, em 13 de fevereiro de 2019, ocorreu a inauguração dos referidos galpões. O evento foi realizado na sede da Cooperativa de Materiais Recicláveis Carrossel, na Rua 8 com Rua 8-D, Quadra APM 3, Setor Santos Dumont, os quais foram destinados às cooperativas de materiais recicláveis (Cooper Rama, Fênix Carrossel e a COOPERFAMI). Na Figura 7, podemos visualizar algumas imagens registradas dessa solenidade. Segundo o Ministério Público de Goiás, a construção desses galpões ocorreu com recursos oferecidos pelo Ministério Público de Goiás, em terrenos doados pela Prefeitura de Goiânia. Os projetos para essa iniciativa foram concebidos pelo município, contando com o suporte técnico da Universidade Federal de Goiás (UFG) (Goiás, 2019).

Figura 6- Registro da solenidade de inauguração dos galpões em 2019



Fonte: *Site* do Ministério Público de Goiás¹².

Já na Figura 8, podemos observar a entrega das licenças de funcionamento às presidentes das cooperativas contempladas. Na primeira imagem, com roupa vermelha, temos a Caroline, presidente da COOPERFAMI, e as presidentes das demais cooperativas.

¹² Disponível em: <https://www.mpggo.mp.br/portal/noticia/por-articulacao-do-mp-go-tres-galpoes-sao-entregues-a-cooperativas-de-material-reciclavel>

Figura 7- Entrega de licenças de funcionamento às presidentes das cooperativas contempladas



Fonte: *Site* do Ministério Público de Goiás.

De acordo com o então presidente da Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA), Gilberto Marques Neto, divulgadas pelo *site* do Ministério Público de Goiás, “[...] as obras entregues são de qualidade e obedecem aos princípios de sustentabilidade, utilizando recursos como energia fotovoltaica, fossas com biodigestores, reuso de água e telhas feitas com material reciclável.” (Goiás, 2019).

No mesmo dia da inauguração, o promotor de Justiça Juliano Araújo de Barros visitou as novas instalações da COOPERFAMI, visto que se localizava próximo ao galpão da cooperativa Fênix Carrossel (Local da inauguração). A Figura 9, abaixo, destaca a estrutura física do galpão e a referida visita.

Figura 8- Visita do promotor de Justiça Juliano Araújo de Barros às novas instalações da COOPERFAMI, destaque para a estrutura física do galpão recebido



Fonte: Site do Ministério Público de Goiás.

4.2 Informações relevantes sobre a COOPERFAMI

Conforme dados extraídos da ATA nº 6 de Assembleia Geral extraordinária realizada em 3 de janeiro de 2022 pela COOPERFAMI, no período de janeiro a dezembro de 2020, a cooperativa comercializou 436.879 toneladas de materiais recicláveis, sendo obtida uma receita total de R\$ 181.431,15 durante esse intervalo de tempo. As despesas correspondentes foram de R\$ 25.632,00, deixando um valor rateado entre os cooperados de R\$ 155.799,15. Esses números refletem uma média mensal de 36.406,6 toneladas comercializadas, com uma produtividade média de 3,3 toneladas por cooperado. A receita mensal média bruta atingiu R\$ 15.104,95. Após a dedução das despesas, a receita mensal média líquida foi de R\$ 12.983,26, resultando em uma renda média mensal de R\$ 1.180,29 por cooperado. Ao perguntar para a presidente sobre dados mais atualizados, ela disse que não possuía essa informação, mas que não houve mudanças significativas. Assim, o balanço econômico da cooperativa permaneceu desde então com números semelhantes.

No Brasil, a classificação dos resíduos sólidos urbanos não segue um único padrão adotado. Em geral, os autores recorrem a três sistemas de classificação distintos. O primeiro deles é o sistema da ABNT, que é comumente utilizado para classificar a periculosidade dos

resíduos industriais. Além disso, existem dois sistemas específicos para classificar os Resíduos da Construção Civil e os Resíduos de Serviço de Saúde.

No entanto, vale ressaltar que, no caso dos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU), não há uma classificação formalmente documentada. O procedimento usual é considerar como recicláveis os resíduos secos ou inorgânicos, dividindo-os em categorias como plástico, papel, metais e vidros. Por outro lado, os resíduos úmidos ou orgânicos geralmente são tratados como não recicláveis. Assim, os principais materiais recicláveis, de acordo com Yamashiro (2021), são: papéis, metais, plásticos, vidros, entre outros.

Na Figura 10, são demonstrados alguns materiais já separados pela COOPERFAMI durante as visitas realizadas.

Figura 10- Registro de alguns dos materiais separados pela cooperativa COOPERFAMI





Fonte: Dados da pesquisa.

As visitas à cooperativa foram registradas com fotos do galpão e dos cooperados exercendo a separação. As imagens seguintes foram capturadas em dois dias diferentes, em que foi perguntado para a presidente da cooperativa por que essa diferença de quantidade de materiais recebidos. Ela disse que a alteração em relação ao volume era porque, no caso da última imagem, ocorreu logo após a chegada dos caminhões da coleta seletiva da prefeitura. Nesse dia, o galpão estava com uma quantidade significativa de materiais para serem separados.

Figura 9- Comparativo do antes e depois da chegada de materiais recicláveis em momentos distintos



Fonte: Dados da pesquisa.

Diante da enorme quantidade de materiais recebidos naquele momento, Caroline demonstrou que, em pouco tempo, conseguiriam separar tudo e que, às vezes, ficam até aguardando novas entregas. A cooperativa, que atualmente apresenta apenas 14 cooperados ativos, poderia receber mais cooperados pelo seu tamanho e sua estrutura, mas, segundo a presidente, para isso, eles dependem apenas do recebimento de mais materiais e da instalação de equipamentos adquiridos, tais como: esteira, prensa, triturador de papel e empilhadeira que já foram adquiridos, só necessitando de preparos técnicos para instalação. Na Figura 13, podemos visualizar alguns deles:

Figura 10- Prensa e esteira recém-adquiridos (ainda não estavam em uso)



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com informações da Comurg (2023), a coleta seletiva em Goiânia está em vigor desde 2008, completando 15 anos de implementação em março de 2023. Este serviço, conforme indicado pela empresa, não foi interrompido nem mesmo durante a pandemia de

Covid-19. Para isso, são usados 20 caminhões, que percorrem os bairros de Goiânia, coletando aproximadamente 2,5 mil toneladas de materiais recicláveis (incluindo papel, plástico, papelão, metais e vidros) por mês. Esses itens são enviados, posteriormente, para cooperativas cadastradas, estando entre elas a COOPERFAMI. O serviço contempla todos os 711 setores da capital, sendo realizado de uma a três vezes por semana, dependendo do local. Informações sobre dias e horários da coleta seletiva podem ser consultados no *site* da Comurg.

Desde 2011, por meio do Programa Cata-Treco, a prefeitura de Goiânia passou a incluir nas coletas móveis e utensílios que não estão sendo usados, que muitas vezes eram descartados de forma inadequada em praças, lotes, terrenos baldios e calçadas. Assim, contribui para a prevenção da poluição visual, maus odores, incidência de pragas urbanas (oferecem riscos à saúde humana), como é o caso da dengue, já que tais materiais podem servir como criadouros de larvas do mosquito da dengue (*Aedes aegypti*). Para solicitar o serviço, contudo, é necessário agendamento, que pode ser feito por meio do WhatsApp (98596-8555) ou pelo aplicativo Prefeitura 24h de Goiânia (Comurg, 2023).

4.3 O que são vivências e experiências

No nosso cotidiano, as palavras “vivência” e “experiência” são empregadas como se tivessem o mesmo significado, porém, cabe esclarecer que ambas possuem significados distintos. É fundamental destacar a diferença entre esses termos antes da apresentação das narrativas. Dessa forma, embora a experiência represente a assimilação dos conhecimentos obtidos por meio das vivências, são elementos específicos que compõem a experiência em si. Sem as vivências, a experiência reduzir-se-ia a um mero conhecimento adquirido, como destacado por Cardoso (2007).

Ainda segundo Cardoso (2007, p. 45), “Etimologicamente, ‘vivência’ deriva do grego *viventia*, que significa ‘o fato de ter vida’”. Assim, a vivência está diretamente ligada à formação da subjetividade de um indivíduo influenciando, por conseguinte, sua interação tanto consigo quanto com o mundo, ou seja, a vivência está relacionada a processos psíquicos intrínsecos à natureza de todos os seres humanos, tais como a percepção, as memórias, a imaginação e a fantasia. Nesse sentido, Boff (2002, p. 43) afirma que,

A vivência é a situação psicológica, as disposições dos sentimentos que a experiência produz na subjetividade humana. São as emoções e valorações que antecedem, acompanham ou se seguem à experiência dos objetos que se fazem presentes no interior da psique humana. [...] Ela pertence ao fenômeno

total da experiência, mas este é mais amplo e profundo do que aquele, a vivência.

Já o termo “*experiência*”, Larrosa (2002, p. 21) procura trazer sua origem em diferentes línguas, a saber:

[...] em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”.

Cardoso (2007, p. 48) também traz alguns significados do termo “*experiência*” em outras línguas:

“*Experiência*”, seja na origem grega *empeiria*, no latim *experientia*, ou no alemão *Erfahrung*, significa “tentar” “comprovar”, ou num sentido mais amplo, percorrer o objeto em todos os sentidos. “*Ex*” é um prefixo do latim que exprime “estar orientado, aberto para fora”, “estar exposto a”.

A experiência é aquilo que vivenciamos, aquilo que nos afeta profundamente. Não se trata apenas do que ocorre ou do que se acontece de forma superficial. Mesmo que ao longo de nossas vidas aconteçam muitos eventos, as experiências são de fato o que realmente nos impacta, é o que “nos marca” em nossas vidas. Isso é evidenciado nas palavras de Larrosa (2002, p. 21),

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça... Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.

Cabe ao pesquisador que trabalha com “vivências e experiências” ter a consciência de que, ao longo de uma entrevista, pode comportar-se como ouvinte, narrador ou intérprete de histórias, dependendo do caminho que a narrativa vai tomando, mas que o ato de ouvir uma narrativa compartilhada permite ao ouvinte relacioná-la com suas próprias vivências e com os significados que atribuem a elas. Isso possibilita uma análise que pode confrontar acontecimentos do passado com a realidade atual, abrindo espaço para a exploração de novas perspectivas e alternativas para futuras vivências e experiências, além de novos entendimentos não apenas de textos ainda não compreendidos completamente, mas também de experiências. Nesse viés, Castro (2013, p. 80) afirma:

Deste modo, as narrativas além de serem empregadas como meio profícuo para compreender a multiplicidade de sentidos atribuída pelos/as narradores/as às situações vivenciadas. Por meio das narrativas se pode

ainda, chegar ao entendimento dos textos e contextos mais amplos, diferenciados e mais complexos da experiência.

Com base nisso, este capítulo se destina, em sua essência, a trazer as narrativas de pessoas que trabalham na cooperativa de materiais recicláveis chamada Cooperativa COOPERFAMI. Para distinguir suas falas, dos teóricos consultados no decorrer da pesquisa, consultados para escrita desta dissertação, optamos por grafá-las em *itálico*. Além disso, para resguardar os nomes dos participantes, foram escolhidos outros nomes para identificar suas narrativas, bem como para garantir anonimato de cada um.

Durante as entrevistas, nas transcrições e análises das falas dos entrevistados, ficaram evidentes a força de vontade e a superação enfrentadas pelos cooperados diante de tantas adversidades diárias, que são pessoas que merecem todo o respeito e admiração da sociedade, visto que, mesmo diante de situações difíceis que vão marcando suas vidas, procuram vivê-las de cabeça erguida, com muito esforço e dignidade. Portanto, achamos pertinente identificá-las com nomes que significam guerreiros, lutadores, trabalhadores, dentre outros. Para facilitar a escolha, utilizamos o *site* “Dicionário de nomes próprios”. Como participaram 6 mulheres e apenas 1 homem, foram escolhidos os seguintes nomes: Caroline, Nice, Luana, Matilda, Valentina, Hilda e Enzo.

Quadro 7- Nomes atribuídos aos participantes da Pesquisa juntamente com seus respectivos significados

NOMES	SIGNIFICADOS
CAROLINE	"mulher do povo", "mulher doce". Imponente, forte e, ao mesmo tempo, delicada.
NICE	“a vitoriosa”.
LUANA	“a reluzente”; “combatente gloriosa cheia de graça”, “guerreira famosa e graciosa”; “aproveitar”, “prazer”, “leoa”.
MATILDA	"força na batalha" ou "forte combatente".
VALENTINA	"valente, forte, vigoroso, cheio de saúde".
HILDA	“a combatente”, “a guerreira”.
ENZO	"gigante", "o que vence", "vencedor".

Fonte: *Site-* Dicionário de nomes próprios, 2023 (adaptado).

A fim de buscar melhor compreender as narrativas dos participantes, identificamos as seguintes unidades de significação: Autobiografia, relações de trabalho, escolaridade, exclusão social e estigmatização, mulheres e cooperativismo, contribuições para a sustentabilidade ambiental. Estas serão discorridas em mais detalhes a partir desse momento.

4.4 Autobiografia

No Quadro 8, é apresentada a unidade que corresponde às narrativas autobiográficas realizadas durante as entrevistas. Assim, temos uma prévia de que cada protagonista compartilhou conosco, acontecimentos ou situações específicas de suas vidas¹³.

Quadro 8– Narrativas autobiográficas dos participantes – recorte

COOPERADO (A)	NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA
CAROLINE	<i>Eu me chamo Caroline, não sou casada hoje né [união estável com o catador Enzo]. Estudei até o 7º ano. Tenho dois filhos e já trabalhei de doméstica, trabalhei de faxineira, trabalhei de babá à noite e então, minha vida assim não foi fácil. Nasci na Bahia, vim pra Goiânia eu tinha 18 anos.</i>
NICE	<i>A minha infância foi trabalhar, trabalhava muito, não ia para escola porque os pais naquele tempo não botava as pessoas pra estudar. Aí eu... eu comecei a trabalhar com 7 anos de idade ni roça, era ni roça porque aqui, por aqui não tem o serviço que nois trabalhava na Bahia, na Bahia...eu sou da Bahia e nois trabalhava era em cinzal, eu comecei a trabalhar muito nova, então a minha infância foi trabalhar né. Aí quando eu fui ficando mais velha, eu casei com 16 anos, se os filhos tivesse vivo era pra ser 12, mas com os que morreram ficou 7.</i>
LUANA	<i>Meu nome é Luana, tenho 38 anos, sou baiana, fiquei na Bahia até os 10 anos né, e vim morar aqui para Goiânia aqui já tinha 10 anos eu e meus irmão e minha mãe e meu pai né então a gente morou muito tempo aqui não mora muito tempo aqui já tem um tem uns 28 anos aqui né muito, tempo né.</i>
HILDA	<i>Meu nome é Hilda, tenho 33 anos, solteira, tenho um filho de 13</i>

¹³ As narrativas podem ser consultadas na íntegra no Apêndice B desta pesquisa.

	<i>anos, fui casada já duas vezes, meu filho é do meu primeiro casamento. Eu trabalhei na cooperativa já 4 anos quando não era aqui, era na outra localização, saí da cooperativa trabalhei 2 anos num motel, sai do motel trabalhei na outra cooperativa, na Carrossel, fiquei 2 anos lá, quase dois anos lá, trabalhei numa indústria de palha de aço e aí fiquei 2 anos lá e agora tô aqui (Sorrisos) de novo na cooperativa.</i>
MATILDA	<i>Matilda, 62 anos, antes trabalhava de doméstica. Então eu acho que é mais favorável do que doméstica, então é por isso que eu vim pra cá. Nasci aqui, sou goiana, menor nos trabalhava em casa mesmo, eu sou nascida aqui, criada aqui, morava mais no interior né, mas eu nasci aqui em Goiânia, minha mãe morava lá no setor Coimbra na época, aí a gente mudou pro interior, e casei, Deus me deu 4 filhos, hoje sou divorciada, sou sozinha e Deus, não tenho companheiro, marido.</i>
VALENTINA	<i>Meu nome é Valentina, e eu moro aqui em Goiânia, mas eu não nasci aqui, eu nasci no Estado do Ceará, me criei no estado do Tocantins e quando casei, no primeiro ano que casei vim morar no Goiás. Eu tinha, tava com 19 anos, e aí tô aqui até hoje [Sorrisos] vim em 2004, eu cheguei aqui em Goiânia.</i>
ENZO	<i>A princípio meu nome é Enzo, tenho 44, 44 anos sou natural da cidade de Goiatuba-Goiás, fica a cerca de 200 km daqui, indo pra Minas Gerais, lá eu trabalhava de serviços gerais, servente de obras, trabalhei também em cerâmica, em posto de gasolina, por final conheci a Caroline e vim morar aqui com ela.</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

No decorrer da fala de Caroline, destacamos o quão é importante esse compartilhamento de experiências. Assim, ouvir relatos que compõem suas memórias é emocionante e extremamente importante para sermos pessoas melhores e exercitarmos a empatia. Ela disse em sequência: “*É mais não foi fácil não, foi difícil a minha vida*”. Essa catadora, de rosto delicado e bonito, tamanho mediano, pele e olhos claros, carrega, aos longo dos 47 anos de idade, muitas lembranças ruins, vivendo em meio a poucas oportunidades.

Nasceu no estado da Bahia, veio para Goiânia aos 18 anos em busca de uma vida melhor, vivia juntamente com seus irmãos e pais numa cidade do interior da Bahia. No trecho abaixo, Caroline relembra um pouco desse período:

Nois vivia de roça né? Lá tinha algodão, tinha feijão que era próxima de vencer...[pausa, seguida de reformulação da frase] tinha as temporadas de feijão, tinha as temporadas de algodão, tinha caqui também, que a gente cortava umas sementes...então a vida era difícil...água a gente buscava, não sei quantos quilômetros porque eu não entendo de quilômetros assim, mas eu sei que era longe pegar água na cabeça, pegava água na cabeça, lata d'água na cabeça, e como eu era a mais velha da família, eu sofria mais, porque meus irmãos era menor então eu carregava água pra todo mundo lavar roupa, tomar banho... [silêncio, seguido de um sorriso].

Aos 14 anos, Caroline juntamente com uma de suas irmãs mais novas saem de casa com destino a Brasília. Ao questionarmos com quem elas foram, recebemos a seguinte resposta:

Ninguém, uma mulher [pausa para articulação de ideias], o povo pegava meninas no interior [ficou pensativa] aparecia pessoas lá para pegar meninas para vir trabalhar né, nesses lugares, na época foi lá em Brasília, aí cai lá de gaiato, e lá eu não tinha a experiência, aí não deu certo com essa mulher, aí ela... “não, eu vou devolver você de novo”, aí tinha uma outra senhora lá que trabalhava no postinho de saúde, aí falou: “não, eu vou ficar com ela, eu vou ensinar ela [sorrisos]”.

Imaginamos o quão difícil foi esse período, visto que mudanças de forma geral podem causar medo, ansiedade, frustrações, insegurança, dentre outros sentimentos. Mas, certamente, para essas duas adolescentes chegarem a uma cidade desconhecida, sem conhecer ninguém, foi um momento repleto de sentimentos. Embora Caroline não tenha relatado explicitamente o que sentiram, é razoável supor que o desejo de transformar suas vidas, de auxiliar a família e escapar do sofrimento que enfrentavam justificasse a saída de casa. Talvez, seus pais [conheci nas visitas a cooperativa, a mãe é cooperada e o pai, porém, por ser aposentado, vai à cooperativa com frequência], ao permitirem que suas filhas buscassem uma vida diferente, tinham a esperança de mudanças em suas vidas, semelhante a que eles próprios buscavam para escapar da vida que levavam.

Apesar das dificuldades, conseguiu trabalho e moradia, ficando em Brasília por três anos. Durante a entrevista, Caroline não mencionou o destino de sua irmã, que, possivelmente, tenha retornado à Bahia. Aos 18 anos, decidiu visitar sua família e optou por não permanecer em Brasília, mudando-se com sua irmã para Goiânia. Entretanto, ela estava grávida, obrigando-a a voltar meses depois para o parto. Contando com a ajuda de duas tias

que residiam na cidade, Caroline conseguiu um emprego como doméstica, onde também fixou residência. Com o aumento gradual de seu salário, tomou a decisão de trazer sua mãe e irmãos, dos quais muitos trabalham na cooperativa atualmente.

Ouvindo um pouco de suas experiências, percebemos que, apesar de tantas dificuldades, Caroline apresenta um grande otimismo e alegria de viver, sendo, sem dúvidas, uma “Caroline”, uma mulher do povo que, ao exercer o cargo de presidente da cooperativa, sabe lidar bem com os cooperados, sendo forte e imponente, mas, ao mesmo tempo, é impregnada de delicadeza e doçura. No relato seguinte, ela transparece esse otimismo e gratidão a Deus: “*Nossa eu tô no céu”, eu avisto assim [pausa em sequência fica emocionada], mas eu não reclamo não, eu acho a minha vida ótima, eu agradeço a Deus todos os dias por ela, porque tem pessoas com muita [pausa para articulação de ideias] pelo menos eu tenho vontade de trabalhar, força de vontade né?*”

Nice, que tem o significado de “a vitoriosa”, possui 67 anos, é aposentada, casada, mãe de 12 filhos, dos quais apenas sete estão vivos. Caroline é a sua filha mais velha. Portanto, a história de Caroline contextualiza um pouco de sua vida. Sendo assim, é nascida na Bahia e veio para Goiânia há quase 30 anos, depois de sua filha. Conta que todos os filhos nasceram na Bahia:

[...] meus meninos é tudo de lá, não tem nenhum filho aqui não, tudo de lá na Bahia, o mais novo que eu trouxe foi a Maria, que veio com um ano e 9 meses, e um neto que eu criei que veio com 6 meses, mas os outros, foi tudo lá, não tem nenhum filho daqui, elas que os delas são daqui, mas os meus filhos nasceram lá, veio da roça, no hospital mesmo só tive 3, uma que eu pedir com 8 mês e dois de 3 anos.

Nice compartilhou a dolorosa experiência de perder cinco filhos, a maioria deles crianças, bebês e uma filha, já adulta, há cinco anos. Embora não tenha detalhado claramente, minha reflexão se volta para as possíveis causas dessas perdas, ponderando se estão relacionadas a fatores genéticos, à falta de acesso a cuidados médicos, diagnóstico precoce e medidas preventivas devido às condições financeiras da família. Não sabemos, mas o que fica evidenciado é, sem dúvida, a mulher extraordinária e vitoriosa que é Nice, conseguindo se perseverar mesmo diante de tantas tragédias. Acreditamos que a dor de perder um filho é algo incompreensível e inexplicável; assim, imaginar o peso de perder cinco filhos torna-se uma tarefa verdadeiramente impossível de conceber. Assim sendo, Nice é, indiscutivelmente, uma mulher vitoriosa, e seu nome reflete com precisão essa realidade. O simples fato de ela persistir diariamente, dedicando-se a proporcionar amor aos seus filhos e esposo, é uma demonstração notável de triunfo constante.

Luana, por sua vez, também é oriunda da Bahia, assim como Caroline e Nice. Ela veio com seus pais e irmãos quando tinha 10 anos. Relatou que aos 13 anos já começou a namorar e com 20 anos já estava casada. Casou-se com seu primeiro namorado. Sua vida foi marcada por desafios ao lado de seu cônjuge, que faleceu recentemente (não foi relatada a causa da morte). Porém, segundo Luana, seu esposo enfrentou alcoolismo, uma luta que perdurou durante toda a vida. Apesar de Luana ser uma mulher jovem, que tem apenas 38 anos e ser simpática, com sua recente viuvez, ela manifestou o desejo de não buscar outros relacionamentos.

[...] eu sou uma mulher assim, que realmente [pausa para articulação de ideias] eu penso na minha vida, não penso mais em casar não, porque eu fico é com medo sabe? De viver o que eu vivi, então eu sou muito mais é viver sozinha na minha casinha e cuidar dos meus filhos (Luana).

O nome “Luana” foi escolhido para essa cooperada em virtude de ser uma mulher reluzente, vitoriosa, por refletir a imagem de uma "leoa", uma mãe extremamente dedicada aos seus filhos. Mesmo enfrentando diversos desafios, coloca em primeiro plano o bem-estar e a atenção aos mesmos.

Já a catadora denominada “Hilda” recebeu esse nome também devido ser uma “combatente”. É filha de uma ex-catadora e, assim como as demais catadoras supracitadas, apresentou ao longo de sua vida vários problemas, tais como: dois casamentos interrompidos, um dos quais resultou em um filho (13 anos), portanto, é mãe solo, e frustrações em empregos. Porém, vem buscando se qualificar e entrar no mercado de trabalho formal. Hilda é mulher de 33 anos, com uma aparência jovial, olhos expressivos e bonitos, cabelos e unhas bem cuidados, sendo bastante simpática e educada. No entanto, ela falou pouco. Sua forma de se expressar sugere que ela é um tanto reservada, sendo bastante objetiva em suas palavras.

Matilda, que significa “forte combatente”, foi escolhida para identificar uma catadora de 62 anos, mulher de pele clara, sobrancelhas expressivas, voz rouca e de fala baixa. Matilda, apesar de ter nascido em Goiânia, passou sua infância no interior (Cesarina e Goianira). Depois retornou com sua família em busca de emprego, sua família era grande, era composta por 10 irmãos. Casou-se e teve quatro filhos, divorciou-se em seguida. Assim como Hilda, Matilda não era de muitas palavras, talvez por não achar sua vida passível de ser contada em um primeiro momento.

Valentina, que, como mencionada, tem vários significados, como “valente” e “forte”, foi o nome escolhido para uma catadora que, apesar de não falar sua idade, é uma mulher de aproximadamente 40 anos, tem baixa estatura, cabelos compridos e castanhos, pele e olhos

claros e angelicais. Assim como Caroline, Valentina tem um jeito meigo, falando com certa delicadeza. Nasceu no Ceará, passou a infância e adolescência em Tocantins, mudando-se para Goiás quando tinha 19 anos com seu esposo, logo após o casamento. Juntos, ela e o marido, saíram de seus estados e vieram construir suas vidas em Goiânia. Ao final da narrativa, perguntei a Valentina o que ela achava que foi mais marcante em sua vida, e ela disse:

Marcante mesmo foi isso, né? Porque a gente veio lá do cantinho, com a cara e a coragem, chegamos aqui, fomos bem recebido, bem acolhido e hoje em dia nós todo mundo tem casa, todo mundo tem família, então foi isso mesmo de mais marcante assim, que foi bom, as expectativas né, superou, é isso (Valentina).

Conseguiram, com o tempo, adquirir a casa própria e construir o lar para seus dois filhos.

O único cooperado homem que participou desta pesquisa foi Enzo, que significa “o que vence”, “vencedor”. Enzo tem 44 anos, nasceu em Goiatuba-Goiás, começou a trabalhar na cooperativa há pouco tempo, porém, teve Covid-19, ficando 30 dias em coma, mas se recuperou bem, sem nenhuma sequela. Em seguida, fraturou a coluna, ficando sem poder trabalhar 45 dias e, para completar a situação emblemática, teve um acidente com a moto e quebrou o braço.

Como eu te falei teve o caso que te falei, teve o caso da Covid que eu passei um período ruim, passei internado, sem ver praticamente nada, fui ver depois de 30 dias que eu fiquei em coma ...[...] aí eu consegui sair do Covid, passou um tempo, fracturei a coluna, fique cerca de, mais ou menos 45 dias parado... aí logo, logo eu voltei, depois de 45 dias, aí eu comecei a trabalhar de novo, mesmo serviço, mesmo lugar, com as mesmas pessoas. E logo, logo eu tive um acidente também com o braço, consegui comprar uma moto com muito custo, nova, 0 km, um vacilo meu, eu freei o freio errado e ela tombou, quebrou esse braço aqui, dois osso, um ficou intacto e o outro separou (Enzo).

Ao examinar esse breve trecho, observamos que Enzo passou por diversos problemas de saúde em um curto espaço de tempo, sendo vencedor em todas elas, sem apresentar sequelas significativas.

4.5 O catador de materiais recicláveis - sua relação com o trabalho

Os catadores de materiais recicláveis são trabalhadores que vivem em áreas urbanas e coletam materiais recicláveis. Frequentemente, esses trabalhadores representam os primeiros na cadeia de produção da reciclagem e desempenham um papel fundamental na promoção da

sustentabilidade ambiental. Nas áreas urbanas de nossas cidades, é notável um contingente específico de homens, mulheres, crianças e adolescentes que rapidamente se integram ao mercado de trabalho informal e pouco qualificado de coleta de lixo e materiais recicláveis (Ferraz; Gomes; Busato, 2012).

Esses profissionais apresentam trajetórias ocupacionais caracterizadas pela instabilidade das atividades laborais. Trabalham, ao longo de suas vidas, em diversos tipos de emprego. Isso ficou evidenciado no Quadro 9:

Quadro 9- Relações de trabalho dos cooperados da COOPERFAMI- recorte

COOPERADO(A)	TRABALHO DESEMPENHADO
CAROLINE	<i>[...] já trabalhei de doméstica, trabalhei de faxineira, trabalhei de babá à noite e então, minha vida assim, não foi fácil.</i>
NICE	<i>[...] eu comecei a trabalhar com 7 anos de idade ni roça, era ni roça porque aqui, por aqui não tem o serviço que nois trabalhava na Bahia, na Bahia...eu sou da Bahia e nois trabalhava era em cinzal, eu comecei a trabalhar muito nova, então a minha infância foi trabalhar né. [...]Aí depois trabalhei muito na roça, fui pá rua e botei as meninas pra estudar, aí morei um monte de tempo lá, aí depois eu vim pra cá, aqui já tem quase 30 anos que eu vim pra cá. Aí cheguei aqui, botei elas pra estudar, trabalhei 5 anos fora em casa de família, depois ...até chegar na cooperativa.</i>
LUANA	<i>[...] trabalhei muito cedo com 16 anos para ajudar minha mãe que meu pai tava doente, com problema de coração né, minha mãe trabalhava de doméstica meu pai meu pai deu problema de coração então ele não não podia ajudar em casa, no caso como eu era mais velha né, eu trabalhava pra ajudar minha mãe eu era bem novinha, não nova [reformulou], eu já tava com 17 anos, ajudando ela, essas coisas, o remédio, o dinheiro do meu pai era só para comprar, então eu fui ajudar minha mãe. Aí depois conheci meu marido, casei com o primeiro namorado né, tive dois filhos, e aí continuei trabalhando, aí tive meu menino, aí depois tive minha menina. Eu trabalhava de doméstica né, eu trabalhava de doméstica aí tive o meu menininho, meu menino era um pouquinho doente, sempre</i>

	<i>ficava parada essas coisas, aí depois tive a menina, saí...fui trabalhar em outra reciclagem, porque eu já tinha comentado né? Fiquei lá muito tempo, fiquei uns 8 anos gostava muito de lá né que eu trabalhava fichado, tinha meus direitos essas coisas né, aí fechou lá não deu certo, aí eu vim pra cá né aí eu fiquei aqui tô gostando daqui né [...].</i>
HILDA	<i>Eu trabalhei na cooperativa já 4 anos quando não era aqui, era na outra localização, saí da cooperativa trabalhei 2 anos num motel, sai do motel trabalhei na outra cooperativa, na Carrossel, fiquei 2 anos lá, quase dois anos lá, trabalhei numa indústria de palha de aço e aí fiquei 2 anos lá e agora tô aqui de novo na cooperativa.</i>
MATILDA	<i>[...] trabalhava de babá e ainda ajudava em algumas coisas de casa, com 12 anos. [...] antes trabalhava de doméstica. Então eu acho que é mais favorável do que doméstica, então é por isso que eu vim pra cá.</i>
VALENTINA	<i>Quando eu vim eu comecei a trabalhar no restaurante né, trabalhei em restaurantes, tive vários empregos até chegar aqui na cooperativa.</i>
ENZO	<i>[...] lá eu trabalhava de Serviços Gerais, servente de obras, trabalhei também em cerâmica, em posto de gasolina, por final conheci a Caroline e vim morar aqui com ela, aí fui trabalhar na CONCREPOST mas não deu certo porque eles queriam, precisava de muito documento que eu não tinha na época, até reservista...uma pessoa de 43 anos precisar de reservista pra entrar num serviço...eu aí ter que rodar muita coisa pra trás, aí fui lá pra trabalhar aqui e tô aqui já faz, vai fazer dois anos, dois agora [...].</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

Caroline, que já trabalhou como doméstica, faxineira e babá, há 12 anos é catadora de materiais recicláveis. Ela diz que gosta de sua profissão. Isso pode ser percebido na seguinte fala: “[...] eu gosto muito de trabalhar aqui, nossa [suspirou], é como uma coisa que você costuma fazer e se não tiver lá, parece que não tá bom, até de férias, quando eu tô de férias eu tenho vontade de vir trabalhar aqui”. Durante o tempo que passei com Caroline, ficou

nítido o quão importante é a cooperativa para ela. Cremos que a cooperativa surgiu em sua vida como um bote após vários naufrágios e frustrações, em que ela agarrou com todas as forças para se salvar. Por isso, apesar do pouco que recebe, já se sente feliz, feliz, sim, mas não satisfeita, pois tem a esperança de que os seus rendimentos possam melhorar:

[...] eu não tenho intenção de sair tão cedo, eu tenho esperança que a cooperativa vai crescer mais, nós vamos ter um salário digno né? Porque eu creio que nós estamos tentando lutar pra ver se consegue ser contratada pela prefeitura e não ficar só o salário da cooperativa, porque tem seus altos e baixos né? (Luana).

Conforme afirma Severo (2008), muitos catadores tiveram origens rurais, crescendo em ambientes onde adquiriram habilidades relacionadas à agricultura e à criação de animais. Ao se deslocarem para áreas urbanas, encontram-se frequentemente envolvidos em ocupações que não exigem formação profissional específica. É o caso de Nice, que lida com o trabalho desde muito nova, começando com atividades agrícolas e, posteriormente, desempenhando funções diversas na cidade, incluindo trabalho doméstico, lavagem e passagem de roupas. Atualmente, é aposentada, porém, encontrou na COOPERFAMI uma chance de complementar sua renda:

[...] aí eu trabalho mais pra complementar a renda né? Porque hoje tudo é caro, e negócio de coisa de mercado é caro [pausa], tem que comprar remédio, né? Aí gasta muito, aí só a aposentadoria não dá, a gente tem que se virar um pouco. Gosto de trabalhar aqui, não é só aqui não. Todo serviço, toda vida eu gostei de trabalhar. Não gosto de tá em casa, eu gosto de tá em serviço. Se eu ficar em casa eu adoço.

Ao falar que não gosta de estar em casa, Nice se referia a trabalhar apenas em casa. Ela pode estar encontrando na cooperativa não apenas uma fonte de renda, mas também um espaço onde pode estar mais próxima de seus familiares, especialmente considerando as perdas que ela enfrentou ao longo de sua vida. Talvez por ter perdido tantos filhos ao longo de sua vida, ela, de forma consciente ou inconsciente, queira desfrutar da companhia dos que restaram. Nesse viés, seu esposo, que também é aposentado, ao levá-la todos os dias para trabalhar, acaba ficando na cooperativa. Caroline, sua filha, relata isso: “*Meu pai nunca trabalhou né? [na cooperativa], mas vive aí*”. Mesmo que não trabalhe diretamente, sugere que o ambiente da cooperativa também é um espaço onde sua família pode se reunir e compartilhar momentos. Isso pode proporcionar a Nice uma sensação de proximidade e apoio emocional, o que pode ser especialmente valioso para ela, dada a perda de seus filhos.

Assim como Carolina e Nice, Matilda expressou uma certa satisfação em sua experiência de trabalho na COOPERFAMI. Segundo ela, quando enfrentava dificuldades financeiras, teve a oportunidade de se juntar à cooperativa. Atualmente, aos 62 anos, não sendo contribuinte do INSS e, portanto, não aposentada, ela continua necessitando do trabalho para sobreviver. Matilda destaca a relevância significativa desse emprego em sua vida:

[...] então eu tava desempregada, endividada, tava em tempo de ficar doida mesmo, tanta dívida, tanta [fez um gesto balançando a cabeça em sinal de negação, enquanto fechava os olhos]. Aí eu falei pra mãe da Caroline [presidente da Cooperativa] arrumar uma vaga, aí saiu uma e eu entrei. Tô aqui até hoje, agora em novembro vai completar 4 anos, aqui eu acho o serviço mais leve do que de doméstica, eu acho [gargalhada], sem falar que tem umas patroas que é muito enjoada, muito exigente, e aqui não. Aqui é bom, eu gosto, é isso (Matilda).

Yamashiro (2021, p. 66) confirma, em seu estudo, que esse trabalho para os catadores representa uma “necessidade” e “única oportunidade” de seus sustentos, sendo vista como uma profissão digna e valorizada por eles.

Hilda e Valentina também expressaram satisfação em trabalhar na COOPERFAMI. Hilda então comenta: “[...]então, por enquanto, eu não tô pensando em sair não. O salário é bom, eu gosto. Dá pra suprir minhas [pausa], pode melhorar? Pode, sempre dá pra gente melhorar, mas tá tranquilo, dá pra suprir as necessidades da gente”. Nesse sentido, Valentina também afirma: “[...] já depois de muito que conheci esse emprego né? Na cooperativa, tô aqui já a praticamente há 4 anos, e gosto de trabalhar no que eu trabalho. É isso, sou feliz assim.”

Luana, que desde a adolescência teve de assumir a responsabilidade de contribuir para o sustento da casa, começou a trabalhar aos 16 anos, em decorrência de carência de recursos e problemas de saúde de seu pai. Após se casar e ter filhos, a situação não mudou, pois Luana assumiu o desafio de manter praticamente sozinha sua família, dada a condição de alcoolismo de seu marido. Depois, com a viuvez, permanece como a única provedora, já que o marido não era contribuinte do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), não tendo direito à pensão por morte. Portanto, como não havia na data de falecimento de seu esposo a qualidade de segurado, um dos benefícios básicos do benefício à viúva, de acordo com o que o que é previsto na Lei 8.213/91, em seu art. 15 (Brasil, 1991).

Já Enzo destacou, durante sua fala, os vários problemas de saúde que passou, as dificuldades em não ter um trabalho formal, com garantias trabalhistas. Um grande problema da cooperativa, nas falas dele, é este: “como aqui é produção, trabalhou ganha, não trabalhou

não ganha”. Ele também declarou que a cooperativa o apoiou em alguns dias, durante os quais recebeu remuneração sem trabalhar, mas reconhece que não é viável manter essa situação de forma contínua para os cooperados. Isso se deve ao fato de ter passado muito tempo afastado de suas atividades laborais. Caso não fosse pela assistência de sua companheira Caroline, que também está empregada, e de sua família, que o ajudou financeiramente, ele estaria em uma situação ainda mais delicada.

Nesse sentido Yamashiro (2021) reitera que, em associações de catadores, é raro encontrar a configuração típica de emprego com carteira assinada e salário fixo.

4.6 Escolaridade

Por meio do Quadro 10, temos, de forma esquemática, um resumo em que constam informações sobre a escolaridade dos (as) participantes deste estudo:

Quadro 10- Informações sobre a escolaridade dos cooperados da COOPERFAMI- recorte

COOPERADO(A)	INFORMAÇÕES SOBRE ESCOLARIDADE
CAROLINE	<i>Estudei até o 7º ano. [...] Antigamente eu comecei a estudar, depois desisti...aí veio os meninos na época, ficou mais difícil com meus filhos né, e trabalhar e estudar assim era mais difícil porque eu não tinha marido na época, aí só eu para manter a casa ...trabalhava de domingo a domingo, não tinha uma folga na semana, durante a semana. Então era difícil pra mim, aí não quis mais estudar, mas hoje eu tô feliz aqui na cooperativa.</i>
NICE	<i>A minha infância foi trabalhar, trabalhava muito, não ia para escola porque os pais naquele tempo não botava as pessoas pra estudar.</i>
LUANA	<i>Eu estudei até o 2º ano...Eu parei porque tipo assim, como eu vim da Bahia e eu já tava atrasada...não tava atrasada na escola, minha mãe deixou o nosso...a transferência tudo lá, não trouxe, aí no caso nois tinha que começar tudo de novo, tipo com 10 anos eu fui pra 1ª série, aí com 20 anos eu tava no 2º, engravidei, aí eu tava grávida do menino, aí o menino nasceu só que ele deu é...tipo adenoide, carne no nariz, só que ele chorava muito, era um bebê chorão, aí eu tive que parar, aí como meu marido bebia muito eu tive que manter a casa, aí eu fiquei desanimada.</i>

HILDA	<i>Eu tenho o 2º grau completo [Ensino Médio]. Eu fiz o curso de Técnico em segurança do trabalho, só não fiz os estágios. Fiz curso de informática, de telecomunicações também e fiz de primeiros socorros.</i>
MATILDA	<i>[...] estudei até a 4ª série primária, não estudei mais porque não tinha condições, mas também não tinha vontade não, porque a gente morava no interior né, então a gente pobre, [reformulou], era de classe fraca, porque pobre é coisa ruim, pobre é aquele que não tem vontade e espírito de trabalhar, enfim, ir à luta né. Então, a gente quando vai ficando mocinha quero um sapatinho, uma roupinha melhor, então nois tem que sair da escola pra trabalhar, não dava. Ainda mais no interior.</i>
VALENTINA	<i>Eu estudei até o segundo ano do..., segundo... do primeiro grau né [estava se referindo ao Ensino Médio atualmente].</i>
ENZO	Não Relatou.

Fonte: Dados da pesquisa.

Durante as entrevistas e posteriormente nas análises, tornou-se evidente a baixa escolaridade dos catadores de materiais recicláveis, revelando-se como resultado de diversos fatores, tais como: desigualdade, discriminação, escassez de oportunidades e falta de recursos, dentre outros. Rocha (2020, p. 18) explica que “Nestas condições, a questão educacional é desconsiderada e o trabalho é primordial à condição de manter as necessidades básicas de vida”. Portanto, a maioria dos catadores, com exceção de Hilda (que concluiu o Ensino Médio), teve de, em algum momento, fazer a difícil escolha entre estudar e trabalhar. Naturalmente, essa decisão se inclina fortemente para o trabalho, dada a sua importância crucial para a sobrevivência. A educação acaba ficando em segundo plano, e embora alguns consigam retomá-la, não é tão comum, visto que, quando melhoram um pouco suas condições financeiras, consideram que não vale a pena por estarem mais velhos.

Confirmando as informações referentes ao nível educacional dos catadores, Santos *et al.* (2018) realizaram um estudo entre 15 catadores na cidade de Três Passos (RS), obtendo os seguintes resultados: a maioria dos cooperados, apesar de iniciarem os estudos, não concluíram o Ensino Fundamental. Dentre as razões apontadas para tal fato, estavam a carência de estímulo, a necessidade de complementar a renda familiar e a distância da escola. Rocha (2020, p. 117) também traz resultados de seu estudo, este, porém, foi realizado na

Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Dois Vizinhos-PR (ACAT-DV), contando com a participação de 13 catadores, cujos resultados obtidos foram:

A maioria dos(as) trabalhadores(as) frequentaram até o Ensino Fundamental. Na faixa etária dos jovens, com maior alcance da escolaridade, são 46% frequentaram entre os graus da 6ª série ao 3º ano do Ensino Médio. Na faixa de idade maior, 18% interromperam os estudos na 1ª série dos anos iniciais. Entre a faixa dos 30 – 36 anos ficam no grau de Ensino Fundamental, com apenas 9% terminado os anos iniciais e 9% os anos finais (Rocha, 2020, p. 117).

Da mesma forma que os estudos apresentados acima, os catadores da COOPERMI apresentam pouca escolaridade em sua maioria. A catadora Nice, por sua vez, nunca frequentou a escola. Segundo ela, desde a infância apenas trabalhava para garantir a sua sobrevivência e de sua família, tanto que, ao final da entrevista, quando perguntei se poderia assinar o TCLE, ela afirmou: *“Mal assinado, tá? Não me botaram pra estudar, me botaram pra trabaiá.”* Essa fala reflete uma profunda desigualdade social. Uma criança sendo privada de aprender a ler, escrever e, mais ainda, sendo privada de ter acesso a direitos básicos.

A escolaridade é um quesito de valoração no mercado de trabalho, quanto mais qualificado, ou seja, quanto mais se estuda, maiores são as chances de conseguir empregos com remunerações justas e melhores. Sterchile e Batista (2011 *apud* Rocha, 2020, p. 55) reiteram que os “Marginalizados dos bancos escolares, não têm um leque de alternativas no mercado de trabalho”. Portanto, com pouca escolaridade, torna-se muito difícil conseguir empregos formais. Matilda que, só estudou até a 4ª série (atual 5º ano), confirma isso neste relato:

Nossa, até chegar aqui eu passei falta das coisas em casa né? Porque hoje em dia a escolaridade, eu vou te contar, exige muito né? Quem não tem uma qualificação e um grau de estudo não consegue, até quem tá tendo só o 2º grau tá tendo dificuldade, então quem não tem grau de estudo e não tem qualificação [pausa], passa necessidade, porque até pra trabalhar de gari, hoje, eles estão exigindo escolaridade. Imagina quem não sabe ler? [...] (Matilda).

No tópico anterior, no qual foram discutidas as relações de trabalho dos cooperados da COOPERFAMI, notamos um predomínio de catadores felizes e contentes por estarem trabalhando na cooperativa, demonstrando não querer buscar qualificações e até mesmo mudar de profissão, apesar da pouca valorização salarial e social. Agora, ao analisar a relação entre a escolaridade dos participantes e seus sentimentos de contentamento, em um estudo realizado por Seitenfus (2007) entre trabalhadores da Associação de Recicladores e Catadores do município de Esteio (RS), observou-se que os catadores com menor escolaridade

demonstravam maior satisfação e orgulho em relação ao trabalho. Por outro lado, aqueles com maior nível educacional mostraram-se mais descontentes e frustrados por estarem envolvidos com a reciclagem. Talvez, essa seja a justificativa encontrada para explicar a felicidade e o conformismo dos cooperados da COOPERFAMI.

4. 7 Mulheres e cooperativismo - em busca de melhores condições de vida

Quando se analisa o ingresso no mercado de trabalho, percebemos nitidamente que as mulheres se deparam com mais dificuldades e discriminação salarial quando comparadas aos homens. De acordo com Yamashiro (2021, p. 57), “A maioria das mulheres, que vivem na cidade estão em desvantagens profundas em comparação com os homens em suas vidas diárias”.

A população feminina, diante dos muitos obstáculos enfrentados para entrar no mercado de trabalho, (como já mencionado neste estudo), passa a encontrar seus sustentos na informalidade. Exemplo disso são as mulheres que trabalham nas cooperativas de materiais recicláveis.

De acordo com Mallak e Sakurai (2020), a maioria dos catadores de materiais recicláveis é composta por mulheres, sendo que a maior parte delas encontra-se vinculada a cooperativas (situação inversa ocorre com os catadores autônomos¹⁴, onde é mais comum encontrarmos homens, esses se deparam com adversidades em que muitas mulheres preferem não enfrentar, tais como: exposição ao sol, chuva, risco de atropelamentos, além de preconceito devido ao contato com outras pessoas nas ruas). Há uma predominância de mulheres trabalhando com recicláveis em cooperativas porque os homens encontram maior facilidade em obter empregos com salários mais altos e com proteções trabalhistas, mesmo quando possuem qualificações mais baixas, uma realidade que representa um desafio consideravelmente maior para as mulheres que se encontram nas mesmas situações (Mallak; Sakurai, 2020).

A atividade de catação de materiais recicláveis surge como uma alternativa para a mulher frente ao desemprego e a exclusão do mercado de trabalho formal. Portanto, a falta de oportunidades e de qualificação profissional tem conduzido homens e, em maior número, mulheres para o trabalho com resíduos sólidos, representando uma possibilidade de promover sustento para a família. Além disso, o fato da maior parte das catadoras terem atuado em empregos tipicamente femininos e de baixo reconhecimento social, como

¹⁴ São os catadores de materiais recicláveis que trabalham catando nas ruas de forma livre, sem vínculo com cooperativas.

mostram os dados sociolaborais, reforça a interface entre a feminização do trabalho e a precariedade (Coelho *et al.*, 2016, p. 4).

No Brasil, observamos um aumento no número de famílias lideradas por mulheres, a maioria das quais pertence a grupos de baixa renda. Essa realidade leva essas mulheres a aceitarem empregos precários, principalmente devido à sua flexibilidade, que permite conciliar a dupla jornada de trabalho, possibilitando que as mulheres conciliem suas responsabilidades no trabalho com as demandas da maternidade e afazeres domésticos (Vieira *et al.*, 2020). Caroline, Luana, Hilda e Nice sustentam essa afirmação. No Quadro 11, temos um recorte dessas falas:

Quadro 11- Motivos e facilidades apontadas pelas cooperadas em trabalharem na cooperativa- recorte

COOPERADO(A)	MOTIVO/FACILIDADE
CAROLINE	<i>[...] até chegar aqui na cooperativa eu passei por muito serviço porque na época o meus meninos era pequeno, não tinha como trabalhar direito, eu trabalhei à noite porque não tinha quem olhasse eles né, uma luta, mas até que conheci a cooperativa...pra gente trabalhar, aí ficou mais fácil porque eu podia ficar mais tempo com meus meninos, né, porque trabalhava mais perto né. Aí eu podia dar almoço para eles, levar para escola, depois eu ia trabalhar, aí facilitou bastante.</i>
LUANA	<i>Eu trabalhava de doméstica né, eu trabalhava de doméstica aí tive o meu menininho, meu menino era um pouquinho doente, sempre ficava parada essas coisas [sem trabalhar], aí depois tive a menina, saí...fui trabalhar em outra reciclagem, porque eu já tinha comentado né?[...]então aí eu vim parar aqui né porque eu comecei pegar seguro, aí não queria ficar parada, porque tipo meu marido tava bebendo muito, então no caso eu tinha que cuidar da casa, manter a casa, tava com medo de procurar outro serviço, aí eu li e eu falei para as meninas, as meninas [ela era conhecida de algumas cooperadas] me indicou aqui aí, eu tô aqui fazendo 4 anos.</i>
NICE	<i>Ixi, quando chego em casa dá pra fazer tudo, eu vou no mercado, eu limpo casa, eu vou fazer janta. Quando dá 7 da manhã eu já tô aqui</i>

	<i>dentro. Não, e o tanto que é bom, é bom demais. Toda vida, eu comecei a trabalhar muito cedo, sempre eu gosto de trabalhar.</i>
HILDA	<i>[...] porque se eu for trabalhar agora, assinar carteira, trabalhar agora eu não vou poder fazer umas coisas que eu tenho em mente, e aqui me proporciona isso, igual meu irmão adoeceu, eu precisei ficar com ele no hospital porque minha mãe não tem idade pra ficar, as meninas me liberou, eu fiquei uma semana com meu irmão no hospital, então me dá essa...fica mais fácil pra mim assim...mais flexível pra mim, então por enquanto eu não tô pensando em sair não...</i>
MATILDA	Não Relatou.
VALENTINA	Não Relatou.

Fonte: Dados da pesquisa.

Um outro agravante, como apontado por Caroline, é a ausência de salário fixo para os cooperados, uma vez que suas remunerações dependem das vendas de materiais recicláveis, sujeitos a variações de mercado. Dessa forma, como a maioria dos cooperados são mulheres que “sustentam” a família, quando a renda se torna inviável, algumas delas optam por sair da cooperativa em busca de melhores condições. Essa situação é apresentada nos seguintes recortes:

Tudo tá muito baixo, então, como a maioria daqui da cooperativa são mulheres, então, são responsáveis pela casa porque a maioria não tem marido, aí fica difícil você manter o salário, aí então muita gente sai, nessa época [se referindo a quando os materiais não vendidos com bons preços], fica pouca gente nas cooperativas (Caroline).

Caroline reitera ainda que, em alguns períodos, necessita fazer um planejamento de gastos priorizando apenas a alimentação, sem fazer compromisso, já que a renda oscila, caindo muito.

Marques Júnior e Freitag (2022) esclarecem que, para o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, a quantidade mais significativa de mulheres trabalhando nas cooperativas se deve ao fato de que muitas desempenham um papel fundamental na administração de suas casas, facilitado na adaptação do trabalho cooperativo, ocupando cargos de liderança nesses contextos. Com base nisso, Caroline justifica: “os pontos positivos que eu acho bom trabalhar aqui, é que aqui, a gente trabalha à vontade, não tem patrão, né.

Então a gente faz um serviço...claro que a gente trabalha com responsabilidade, não tem patrão, mas a gente mesmo é o patrão né”.

Cardoso (2022, p. 73) também enfatiza o contentamento dos cooperados de trabalharem em um ambiente onde todos são iguais, não havendo hierarquia de funções:

Em torno do convívio coletivo, mediado pela solidariedade e apoio mútuo, há os processos de distribuição de tarefas, bem como se formam pessoas para agirem em nossa sociedade, as quais vivem na prática um processo produtivo sem a figura do patrão, o que lhe obriga a aprender sobre o sistema como um todo. A distribuição em partes iguais dos frutos conquistados pela cooperativa, sem nenhuma figura que centraliza e concentra as riquezas, e que distribui apenas o trabalho, é um grande aprendizado.

Nice também aponta que gosta de trabalhar na cooperativa porque eles têm horários determinados, o que não acontecia quando trabalhava de doméstica:

Trabalhar fora assim, não gostei, trabalhei, mas não gostei. Aqui você tem seus horários certinhos, você entra 7 horas aí quando dá 8:30 a gente para, lancha, pega...para 11:30, volta 1 hora. Aí 3 horas a gente para um pouquinho, aí para às 5 horas. Acho bom né, em casa de família, nossa, você trabalha pra morrer e nunca dá conta das coisas [Gargalhada] (Nice).

Na Figura 14, podemos observar algumas das cooperadas em sua rotina de trabalho, sendo notável a alegria com que lidam com materiais muitas vezes negligenciados quando descartados nas lixeiras de nossas casas. Durante as visitas à cooperativa, ficou claro que essas mulheres desempenham suas funções com grande entusiasmo, compartilhando histórias, ouvindo músicas e até mesmo cantando. Antes de conhecer essas cooperadas, confesso que não tinha ideia de como seria o ambiente onde trabalham. Mesmo enfrentando o odor, a presença de moscas, outros insetos e até ratos (a presidente da cooperativa relatou informalmente), é um local de grande resiliência e superação.

Figura 11- Registro de algumas das mulheres da Cooperativa COOPERFAMI na rotina de trabalho



Fonte: Dados da pesquisa.

4.8 Exclusão social e estigmatização

Notamos que os catadores são vistos pela população em geral como pessoas menos admiráveis, sendo pouco reconhecidos pela sociedade, o que, por sua vez, ocasiona a exclusão social. Assim, a catação, apesar de ser a única forma encontrada por muitas pessoas para garantir suas necessidades básicas, também pode fazer com que essas pessoas se tornem excluídas da vivência social.

Os excluídos são, portanto, aqueles que foram obrigados a sobreviver nas franjas da sociedade, em decorrência da sua não integração ao sistema capitalista e pelo fato de terem ficado pelo caminho trilhado rumo ao desenvolvimento econômico. Desta forma, como tais indivíduos não se enquadraram na forma de produção disseminada pelo modelo econômico capitalista, ou seja, pelo fato deles não produzirem com a finalidade de gerar lucro ou mesmo não possuírem condições de consumo, são descartados pelo sistema (Pinheiro, 2017, p. 29).

Ainda de acordo com Pinheiro (2017), a exclusão social representa um subproduto do capitalismo, ou seja, os excluídos são marginalizados e submetidos à exploração, à violência e

às desigualdades. O sistema capitalista é o grande gerador dessa miséria, ora existente, da situação de indigência e pobreza que muitos apresentam pelo país. Esse estrato social apresenta economicamente cidadãos marginalizados, excluídos socialmente e destituídos politicamente de seus direitos essenciais. Dumke e Ratto (2013) enfatizam que, em algum momento das nossas vidas, seremos ou já fomos excluídos, pois o sistema capitalista apresenta suas próprias normas e regras e tem o objetivo de segregar as pessoas que não seguem os modelos preestabelecidos pelos dominantes. De acordo com Kecya Brasil (2015), o sistema capitalista promove a individualidade e a competitividade. Dessa forma, o ser humano se torna individualista e competitivo quando exclui os mais vulneráveis.

Viana (2020, p. 43) assegura que “[...] Marx encarava a sociedade capitalista como sendo fundada na alienação, na exploração, na dominação e na repressão da natureza humana”. Kecya Brasil (2015) destaca que a sociedade é composta por grupos, a saber: os dominantes e os dominados. Comumente, os dominantes detêm o poder e determinam as normas sociais. Assim, resta aos dominados se submeterem aos demais, vendendo sua força de trabalho para obterem sua própria sobrevivência.

Os catadores, representados por mulheres e homens de diferentes idades, buscam trabalhar de forma digna e honesta pelas ruas, almejando encontrar, das sobras jogadas nos lixos, a sua sobrevivência e de suas famílias. No entanto, perante a sociedade, passam sem serem vistos, tornando-se invisíveis. Que profissão é essa que tem a capacidade de transformar uma pessoa em um ser invisível? É uma profissão que representa uma importante função econômica, social e ambiental. Então, por que esses catadores não são vistos?

Para responder a essa pergunta, é necessário entendermos que essa invisibilidade ocorre em consequência de um fenômeno cultural e social já consolidado, que tem a premissa de segregar os indivíduos em níveis hierárquicos, ou seja, mesmo que o sujeito esteja em um recinto, ele não será percebido se pertencer a níveis inferiores da hierarquia.

Observa-se que a expressão “invisibilidade pública” nos remete a uma ideia de “cegueira social”, a qual envolve toda a sociedade frente a um contexto de exclusão e desigualdade social típico das camadas mais pobres. É como se a sociedade já estivesse acostumada com aquela realidade que se reproduz por diversos anos e, por isso, determinadas situações tornam-se comuns a elas (Pinheiro, 2017, p. 45).

Assim sendo, o capitalismo acarreta, além de impactos econômicos, uma consequência bastante relevante para a sociedade, pois influência de forma direta a formação da identidade das pessoas, ou seja, promove a estigmatização. Para entendermos a relação da estigmatização com o capitalismo, faz-se necessário entendermos o conceito de estigma.

Morando *et al.* (2018) elucidam que a construção do conceito de estigma passou por muitas alterações ao longo da história, desde a Antiguidade até nossos dias. No período da Grécia antiga, pessoas que possuíam sinais e cicatrizes no corpo eram consideradas “pessoas ruins”, pois tais sinais serviam como alerta, demonstrando que as pessoas que os possuíam representavam perigo à sociedade. Esses sinais eram feitos pelos grupos dominantes para identificar escravizados, criminosos ou ladrões. Na era cristã, por sua vez, podiam demonstrar positividade, sendo um sinal da graça divina. No entanto, na contemporaneidade, a palavra estigma relaciona-se com fatores negativos, sendo apresentada não apenas com demonstrações físicas. Ela vai muito além de uma cicatriz ou marca – busca classificar pessoas com base em estereótipos e ações comportamentais. Indivíduos que não se enquadram nos padrões tidos como “normais” são excluídos e privados de direitos fundamentais.

Partindo desse pressuposto, Pinheiro (2017) comenta que a estigmatização se apresenta quando existe conflito entre a identidade social exposta e as características que essa pessoa possui. Sendo assim, se não forem apresentados padrões e características esperados, tal pessoa será excluída da sociedade, não tendo aceitação e inclusão no grupo.

Deste modo, se o outro possui uma diferença que não pode ser suportada por determinado grupo ou comunidade, ele estará automaticamente rotulado de “diferente” e deve, portanto, carregar este estigma para outro espaço, já que ele também sofrerá as consequências da exclusão sendo impedido de permanecer naquele núcleo social (Pinheiro, 2017, p. 32).

Percebemos que uma pessoa estigmatizada poderá ser excluída de várias formas, podendo ser proibida ou impedida de entrar em determinados locais e/ou eventos – nesse caso, temos a exclusão física¹⁵. No entanto, infelizmente, também poderá ocorrer a exclusão de forma simbólica. Quando isso ocorre, o excluído se encontra em uma nova modalidade de exclusão, pois ele passa a ser excluído de direitos e garantias fundamentais, levando-o à privação de direitos como moradia, educação e saúde.

Pinheiro (2017) nos adverte que esse processo pode ocorrer tendo como base diversos critérios, tais como: características físicas, formas de pensar e de agir, posição social etc. Porém, o estigma pode ocorrer de acordo com a profissão e a situação econômica dos indivíduos também. No caso dos catadores, isso se torna muito evidente. A profissão faz com que os catadores de materiais recicláveis fiquem segregados da sociedade. Notamos que os estigmatizados vivem às margens na companhia de outros estigmatizados, que, por sua vez,

¹⁵ Regime de segregação racial também conhecido como Apartheid.

também foram segregados e invisibilizados. Dessa forma, ocorre a formação de grupos do mesmo status social.

Kecya Brasil (2015) relembra que o catador, muitas vezes, se enquadra nos grupos dos excluídos antes mesmo de se tornar catador. Isso porque o sujeito não escolheu a profissão – essa foi a única opção que encontrou, visto que não teve acesso ao mercado formal. Nesse caso, notamos que o problema vai além de uma simples escolha, visto ser um problema estrutural. Partindo desse pressuposto, os catadores foram excluídos bem antes de se tornarem catadores porque foram excluídos quando não tiveram acesso ou condições de moradia, educação, saúde e capacitação profissional.

No decorrer das entrevistas, alguns cooperados falaram como lidam com a questão do preconceito e se têm vergonha de exercer a profissão de catador. A fala da catadora Hilda (33 anos), que é filha de uma ex-catadora da cooperativa, evidencia que sua mãe a criou de uma forma que não sentisse vergonha, pelo contrário, que é uma profissão digna e respeitada e que, além disso, contribui para melhorias ambientais.

Não, não tenho. Igual minha mãe sempre fala, daqui foi de onde ela conquistou muita coisa, então eu tenho esse mesmo pensamento, tem umas pessoas que falam: Ah eu tenho vergonha de falar que trabalho em cooperativa, cara eu não tenho. Entendeu? Porque é uma coisa [pausa para articulação de ideias], ali a gente tá ajudando o meio ambiente, entendeu? (Hilda, 2023).

A educação sem preconceitos e estigmas que os jovens recebem determina como será o futuro do nosso país. Luana, viúva e mãe de dois adolescentes, também procura passar valores essenciais aos seus filhos. É o que pode ser evidenciado no relato seguinte: “*Sim, meus filhos todos os dois né, também tá de boa, eles assim, as vez ficava com vergonha né? ‘A minha mãe...não sei o que...’ aí não fala né? Mais eu explico pra eles direitinho, que é o sustento da família. Aí eles entendem né?*” Ela esclareceu que existe muito preconceito, mas que não dá atenção, pois acredita no seu trabalho e depende deste para garantir o sustento da família. Se porventura dessem créditos a determinadas situações, haveria muito sofrimento.

Luana ainda relata que ela e seus filhos não sentem constrangimento de utilizar roupas e sapatos encontrados em meio aos materiais em separação, como pode ser evidenciado no trecho seguinte:

[...] aí a minha menina é uma menina bonita sabe, ela tipo assim, ela não tem vergonha, as vezes a gente acha roupa aqui e eu levo pra ela, ela usa. Eu uso também...eu não tenho vergonha, às vezes assim...um sapato, uma roupinha bonitinha que a gente quer, a gente acha aqui e usa, cada roupa boa que o povo joga fora, sabe? E a gente usa [gargalhada]. E fala: “Mãe, o

que a senhora trouxe pra mim? “Quando a gente acha uma roupinha sabe, tipo assim é roupa boa, a gente chega e passa no álcool, lava bem lavadinha e põe no sol, assim [esticando sua blusa para mostrar o tipo das roupas encontradas] e usa (Luana).

Durante a entrevista com a participante Luana, veio-me à mente um trecho da obra de Carolina Maria de Jesus, que, assim como Luana, também foi catadora de materiais recicláveis, porém, não em uma cooperativa, mas de forma autônoma na favela do Canindé a partir de 1948. Carolina Maria de Jesus apresenta uma história notável, pois, apesar de ser filha de analfabetos, aprendeu a ler e escrever e nutria uma paixão pela leitura. Ela documentou sua vida sofrida em diários, que, posteriormente, transformaram-se no livro *Quarto de despejo - Diário de uma favelada*¹⁶, publicado em 1960 (Jesus, 1960). Na Figura 7, apresentamos uma imagem dessa mulher destemida.

Figura 12- Imagem de Carolina Maria de Jesus



Fonte: Site Recanto do poeta (2023).

Em um de seus relatos registrados em seu diário, Carolina Maria, mãe de três filhos, relatou uma situação semelhante à experiência de Luana. Ela encontrou um par de sapatos no meio do lixo, enquanto procurava materiais recicláveis, e decidiu presentear sua filha no dia de seu aniversário. Assim como Luana fez, Carolina Maria também lavou e cuidou dos sapatos para que fossem usados.

¹⁶ Foi traduzido para 13 idiomas e lançado em mais de 40 nações, incluindo os Estados Unidos, França, Itália, Japão, Cuba e Tchecoslováquia. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/quarto-de-despejo-da-mineira-carolinamaria-de-jesus-completa-60-anos-1.2361191>. Acesso em: 10 out. 2023.

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Os catadores de materiais recicláveis, infelizmente, enfrentam a desvalorização de seu trabalho, mas é importante frisar que são trabalhadores, que trabalham de forma digna em busca de melhores condições para suas famílias (Jesus, 1960, p. 10).

Ao analisarmos a cronologia entre as vivências de Carolina Maria e Luana, passaram-se mais de 60 anos. Nesse tempo, houve mudanças, como a organização política dos catadores em grupos, associações ou cooperativas e transformações significativas com o reconhecimento, em 2002, da ocupação de catador pelo Ministério do Trabalho, resultando na conquista de direitos essenciais para essa população. Porém, percebemos que ainda são necessários muitos avanços para diminuição da desigualdade e distribuição de renda. No caso das duas catadoras citadas anteriormente, verificamos que a história se repete, mesmo se passando mais de seis décadas. Não estamos aqui diminuindo a importância da reutilização de materiais (roupas, sapatos, utensílios, dentre outros), mas sim analisando em que contexto tais produtos foram reutilizados e porque foram utilizados.

4.9 Percepções dos catadores sobre suas contribuições na sustentabilidade

Um aspecto, também levantado ao longo das entrevistas, refere-se à percepção dos catadores de materiais recicláveis em relação ao trabalho que desempenham. No Quadro 12, estão esboçadas as principais falas dos catadores sobre essa temática.

Quadro 12- Percepções dos catadores de materiais recicláveis em relação à sustentabilidade - recorte

COOPERADO(A)	PERCEPÇÕES SOBRE CONTRIBUIÇÕES NA SUSTENTABILIDADE
CAROLINE	<i>É um serviço assim, bem [pensativa e emocionada], é muito gratificante, quando você olha assim que você vê, que vai nessas reunião, que vê essas palestras do povo, as pessoas falando sobre o meio ambiente [articulação de ideias] sobre essas coisas é gratificante trabalhar, aí você anima né? Você pensa: Meu Deus!</i>
NICE	<i>Ah, é muito bom né? Porque pelo menos tá fazendo a limpeza da rua, né? Porque quando não tinha essas cooperativas, era muita sujeira na rua, e hoje em dia a gente passa [pausa], o povo nem vê que tira</i>

	<i>material porque nem vê né? Aí mudou muitas coisas, é muito bom.</i>
LUANA	<i>Ah! Eu aprendi, tipo assim né? Porque, assim que a gente... A gente tipo assim, limpa a cidade, mesmo porque a gente separa o que vem da casa da gente, a gente separa aquele material, a gente separa bastante né? Tipo é uma coisa que eu [pausa para articulação de ideias], que faz o nosso salário né? Porque eu vejo, as vezes eu tô lá na minha casa, eu vejo assim, como garrafa pet essas coisas aí eu penso: “Gente, esse aqui é o meu salário, é o que eu ganho, o que eu tiro pra ganhar lá, né?”. Então eu acho muito bom aqui, porque tipo assim, a gente separa tudo, tipo assim...a gente joga uma garrafa fora, mas a gente realmente pensa, não toca fogo nem nada, porque eu penso mesmo... porque eu mexo com isso porque eu sei que é o meu ganha pão, então no caso, as vezes eu queimava...minha casa é grande né?</i>
HILDA	<i>Eu acho muito interessante, é um trabalho muito [pausa para articular as ideias], a gente descobre muita coisa, aprende muita coisa porque a gente no dia a dia da casa da gente é totalmente diferente né? Quando você trabalha você tem uma visão, quando você não trabalha com a reciclagem sua visão é outra, é totalmente diferente.</i>
MATILDA	<i>Não relatou.</i>
VALENTINA	<i>É importante a educação ambiental né? Seria bem mais fácil das pessoas separassem o rejeito e vinhesse com material de qualidade pra gente trabalhar, seria bom pra ele, para o meio ambiente e pra gente que precisa desse emprego.</i>
ENZO	<i>Não relatou.</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

De forma geral, a maioria dos catadores demonstrou, nas narrativas, ter consciência das melhorias ambientais que desempenha ao lidar com os materiais recicláveis diariamente em seu trabalho. Caroline destaca que, ao participar das reuniões do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, de palestras e outros eventos pelos quais é convidada, fica maravilhada. Ao relatar o pequeno trecho, inclusive, chega a se emocionar e diz:

[...] é muito gratificante, quando você olha assim [olha para lado e suspira], que você vê, que vai nessas reuniões, que vê essas palestras do povo, as pessoas falando sobre o meio ambiente [pausa para articulação de ideias], sobre essas coisas [se referindo ao serviço prestado ao meio ambiente], é gratificante trabalhar, aí você anima né, você pensa: Meu Deus!

Caroline demonstra contentamento ao garantir o sustento de sua família. Além disso, transparece que encontra satisfação adicional ao perceber que está contribuindo para a sustentabilidade. Contudo, essa catadora acredita que os catadores deveriam receber maior reconhecimento, especialmente por parte dos líderes governamentais do país. Na visão dela, a Logística Reversa já representa um sinal promissor, como evidenciado em suas palavras subsequentes:

Mas eu tenho esperança que vai melhorar, talvez com essa logística reversa que tá vindo aí pra ajudar a melhorar né? Se o governo olhasse pra esse lado né? Eu acho que tem chance de nós ter um salário digno, porque o meio ambiente tá precisando de pessoas mais engajadas né? Aquele aterro ali [apontando para a direção do aterro sanitário, que é bem próximo a COOPERFAMI] tá... Ave Maria, não aguenta mais ver lixo não, tá pedindo socorro. Socorro, porque não tem mais espaço pra por, né? Então vai muita coisa pro aterro ainda né, as pessoas não têm consciência, então eu acho que a hora que tiver mais consciência vai melhorar para as cooperativas e para o aterro né? (Caroline).

Após expressar otimismo em relação a possíveis melhorias, ela lança um alerta, destacando que o aterro sanitário está sobrecarregado devido à quantidade crescente de resíduos, chegando a um ponto insustentável. Destaca a urgência da presença de indivíduos engajados e comprometidos para lidar com essa situação. Ao falar que “*Então vai muita coisa pro aterro ainda né, as pessoas não têm consciência [...]*”, ela estava se referindo a muitos resíduos que poderiam ser usados na reciclagem, mas que, como as pessoas não têm “consciência”, acabam descartando como se fossem lixo.

Nesse contexto, Caroline abordava a importância da Educação Ambiental como um meio de transformar a mentalidade e o comportamento das pessoas. Ela ressaltava que, apenas quando as pessoas adquirirem essa consciência, poderá haver uma melhoria significativa, beneficiando tanto as cooperativas (que se dedicarão à separação dos resíduos sólidos, reduzindo a quantidade de lixo destinado a aterros) quanto o meio ambiente. Cavalcante *et al.* (2012) afirmam que os catadores de materiais recicláveis viabilizam a reciclagem dos resíduos sólidos, reduzindo a demanda por recursos naturais, e evitando que esses materiais cheguem até os lixões ou aterros sanitários, transformando-se em lixo, ou seja, material não passível de reciclagem ou reutilização (Cavalcante *et al.*, 2012).

Ao abordar a Educação Ambiental, Valentina destaca sua relevância, enfatizando que sua adoção seria benéfica para a sociedade, o meio ambiente e os catadores, que dependem dos materiais recicláveis. Se as pessoas organizassem esses materiais de maneira a garantir qualidade, evitando a mistura com itens não recicláveis, como materiais contaminados, cortantes e orgânicos, isso poderia otimizar significativamente o trabalho dos catadores.

É importante a Educação Ambiental né? Seria bem mais fácil das pessoas separassem o rejeito e vinhesse com material de qualidade pra gente trabalhar, seria bom pra ele, para o meio ambiente e pra gente que precisa desse emprego (Valentina).

Hilda também comenta sobre a Educação Ambiental, afirmando que contribui para melhorias ambientais, mas também observa que a natureza de sua profissão desperta a curiosidade de muitas pessoas, o que, por sua vez, motiva-os a promover a Educação Ambiental, explicando como funciona seu trabalho de separação de materiais recicláveis. Diante dessa curiosidade, os cooperados acabam desempenhando também um papel ativo no processo educacional:

Porque é uma coisa [pausa para articular as ideias], ali a gente tá ajudando o meio ambiente, entendeu? Então de certa forma existe aquela Educação Ambiental, a gente acaba passando para as pessoas, as pessoas têm a curiosidade de saber como é que... [Inicia algumas perguntas]. Como que a gente faz? Mas como que é? Como que vocês separam? Como que vocês fazem? Então a gente acaba ensinando essas pessoas que tem essa curiosidade de separar o lixo...o material dentro de casa, o que que é reciclável e o que que não é [...] (Hilda).

Hilda também expressa que, ao lidar com materiais recicláveis, desenvolveu uma perspectiva diferente sobre o tema e adquiriu um aprendizado significativo. É inegável que, sendo filha de uma ex-catadora e testemunhando sua mãe sustentar a família através da reciclagem, Hilda já tinha consciência da relevância econômica desse trabalho. No entanto, ao efetivamente vivenciar essa experiência, ela adquiriu conhecimentos adicionais, passando a compreender a importância desse trabalho para a sustentabilidade do nosso planeta.

Demonstra que experienciar é um processo de ganhos de aprendizado, de ressignificação de sentidos, mas também de mudanças comportamentais. A pesquisa de Rocha (2020, p. 123) destaca que “Para elas, este trabalho também tem sentido de aprendizagem, de educação e se autoeducar pelo trabalho, ou seja, é por serem catadoras que carregam esse conhecimento para a vida em sociedade”. No caso, quando a pesquisadora diz: “para elas”, estava se referindo às catadoras participantes do seu estudo.

Como Luana também menciona sobre as mudanças comportamentais, no trecho seguinte, comenta: *“Eu juntava aquelas garrafas pet e tudo e queimava, hoje eu não faço isso, porque eu sei que é o meu ganha pão, porque eu ganho daqui né? Às vezes eu junto [pausa para articulação de ideias], porque lá tem catador também, aí eu penso isso né?”* Nesse relato, Luana destaca como sua atitude em relação ao descarte de materiais a serem descartados mudou desde que começou a trabalhar com recicláveis. Agora, em vez de queimar, ela opta por separar e destiná-los aos catadores locais próximos à sua residência.

Na pesquisa conduzida por Silva (2020), entre os catadores de materiais recicláveis, ao explorar as percepções desses profissionais sobre a relevância de suas atividades, a pesquisadora identificou claramente que, embora a maioria aprecie suas funções na cooperativa e esteja ciente do impacto ambiental positivo que promovem, muitos expressaram insatisfação quanto à valorização pela sociedade, percebendo uma falta de reconhecimento de seu trabalho por parte da população. Nice também demonstra ter consciência da importância ambiental do trabalho dos catadores, afirmando que contribuem limpando as ruas, o que antes era repleto de sujeira. Porém, da mesma forma que os catadores participantes da pesquisa realizada por Silva (2020), também percebemos uma desvalorização por parte da sociedade. O recorte seguinte demonstra isso, pois nele Nice então comenta: *“[...] e hoje em dia a gente passa [se referindo a realização da reciclagem], o povo nem vê que tira material, porque nem vê... né? Aí mudou muitas coisas, é muito bom”*. Nesse sentido, Silva (2020, p. 38) afirma:

A realidade é que os recicláveis interessam ao Capital devido a perspectiva de transformar-se em valor de uso enquanto suporte ao valor de troca. Sem um posicionamento crítico acerca disso, o catador contribui na limpeza urbana e no processo de produção capitalista, mas não é reconhecido nem como atuante do Estado nem do Capital.

Enzo, apesar de não mencionar sobre suas percepções em relação à sustentabilidade, deixou claro seu descontentamento em relação aos governantes.

Nessa batalha, poderia melhorar com o auxílio dos governantes? Poderia, mas eles fecham o olho para a sociedade, na época da política tá lá, vamos ajudar os catadores, os coletores, as cooperativas [faz sinal de negação com a cabeça e complementa], mas passou isso aí, esquece. Igual eles esquece o resto da humanidade, fica a ver navios, mas restando um susto aqui e outro ali.

Enzo, assim, faz uma crítica em relação aos detentores do poder, destacando que eles não demonstram preocupação em promover ações proativas em benefício das pessoas

pertencentes às classes menos favorecidas. Essas pessoas acabam sendo negligenciadas, privadas de atenção e das garantias fundamentais, sobretudo as pessoas que trabalham com recicláveis.

Diante do exposto nesta seção, cabe ressaltar a importância da Educação Ambiental como caminho em busca da sustentabilidade. Percebemos que os catadores de materiais recicláveis são fundamentais no processo da reciclagem. Contudo, a responsabilidade não deve ser direcionada apenas para esse grupo de trabalhadores, mas para toda a sociedade. Devemos adotar o sentimento de pertencimento e de responsabilidade para alcançarmos a sustentabilidade tão almejada e necessária. Não apenas termos consciência das nossas ações, mas também sensibilidade para aprender a amar e cuidar do Meio Ambiente, já que somos parte integrante dele. Boff (2003 *apud* Cavalcante *et al.*, 2012, p. 1) elucida que “estudar o próprio meio é atividade fundamental para desenvolver a percepção ambiental aliada a atitudes de respeito ao meio em que se vive, ou seja, trabalha-se com a sensibilização e afetividade, já que as pessoas cuidam daquilo que amam e amam aquilo que conhecem”.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Ao analisarmos os processos históricos e socioeconômicos da reciclagem, constatamos que, desde o seu surgimento até os dias atuais, essa prática tem sido adotada predominantemente por indivíduos pertencentes a classes sociais mais desfavorecidas. Essas pessoas encontraram na coleta e separação de materiais uma maneira de suprir as suas necessidades básicas. A reciclagem desempenha um papel significativo nos âmbitos social, ambiental e econômico, uma vez que oferece uma nova finalidade aos resíduos e, ao mesmo tempo, cria oportunidades de emprego e renda para essa parcela da população. Desse modo, essa atividade representa uma busca ativa por meios de subsistência e integração social por parte daqueles que a adotaram como forma de sustento. Além disso, os aspectos ligados à reciclagem adquirem uma relevância mais abrangente, visto que esta prática não apenas contribui para a preservação ambiental, mas também otimiza os serviços ecossistêmicos. Assim, para elucidar as considerações ao final deste estudo, resgatamos a pergunta motivadora da pesquisa, a saber: “como entender os processos/trajetórias vivenciados pelos (as) catadores (as) de materiais recicláveis da cooperativa COOPERFAMI, localizada no município de Goiânia-GO?”

Dado que esta pesquisa segue em uma aproximação do método fenomenológico, a compreensão das subjetividades envolvidas só se tornou possível por meio de uma escuta sensível das vivências e experiências dos participantes. Portanto, todas as questões relacionadas às possíveis contribuições emergiram somente após a coleta de dados, que utilizou as narrativas como o principal instrumento de coleta de informações e as unidades de significação como critério de interpretação/percepção.

Visando alcançar a(s) resposta(s) para a pergunta inicial, foi formulado o objetivo geral desta pesquisa: desvelar as vivências e experiências dos catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de Goiânia-GO, de forma a dar mais visibilidade a esses importantes agentes ambientais. Para atingir esse propósito, foi essencial desmembrá-lo em objetivos específicos, que foram os seguintes: (i) compreender a relação entre sustentabilidade, meio ambiente e educação ambiental, (ii) entender a relação entre cooperativismo e sustentabilidade ambiental, social e econômica; e (iii) compreender as condições de vida de catadores de materiais recicláveis e as potencialidades ambientais de suas ações.

Para alcançarmos os objetivos específicos, foi essencial utilizarmos múltiplas fontes bibliográficas, visando a uma compreensão mais abrangente da temática pesquisada, ou seja, o contexto em que os catadores de materiais recicláveis estão inseridos e, por fim, ir a campo

buscando algumas das vivências e experiências desses importantes trabalhadores, os quais foram apresentados na última sessão deste estudo.

Na primeira seção, traçamos o percurso metodológico percorrido nesta pesquisa, e trouxemos uma breve discussão sobre o que é pesquisa, destacando sua relevância para o meio científico. A relevância de uma pesquisa está atrelada à aplicação de procedimentos e etapas predefinidas. Devido a esse fato, foram exigidos planejamento, organização e uma abordagem questionadora e investigativa ao longo deste estudo. Além disso, foi imprescindível que, em todas as fases percorridas, ocorresse a prática de leituras para a construção de um referencial teórico sólido e enriquecedor.

Na seção seguinte, por sua vez, propusemos alcançar o primeiro objetivo específico. Portanto, exploramos conceitos relacionados ao meio ambiente e sustentabilidade, de forma a levantar discussões sobre os seguintes temas: meio ambiente, sustentabilidade e educação, destacando o papel da Educação Ambiental como caminho em busca do desenvolvimento sustentável. Quando discutimos sobre o meio ambiente, é crucial compreendermos que a definição do termo "meio ambiente" vai além da esfera biofísica. Assim, ao conceituá-lo, muitos tendem a excluir o ser humano e suas intervenções, restringindo-o unicamente aos elementos naturais. Contudo, torna-se inviável realizar tal ação, visto que o ser humano pode tanto impactar quanto ser impactado pelo meio ambiente, em um processo contínuo. Assim, a natureza fornece benefícios aos seres humanos, desempenhando funções essenciais ao realizar os serviços ecossistêmicos. Esses, por sua vez, contribuem para a garantia de condições essenciais à vida em nosso planeta, além de promover o bem-estar humano.

Partindo da premissa de que o ser humano pode influenciar a natureza, foi relevante destacar que essa influência acontece de maneira ininterrupta ao longo do tempo, quando obtemos e utilizamos os recursos naturais indispensáveis à vida, ou quando “devolvemos” à natureza os resíduos gerados nas atividades. Portanto, de forma direta ou indireta, causamos alterações no meio ambiente desde a época dos povos primitivos. Entretanto, essas transformações vêm acontecendo de forma mais intensa devido a vários fatores, tais como: expansão do capitalismo, aumento da população mundial, avanços tecnológicos, uso irresponsável dos recursos, entre outros.

Diante dos impactos provocados pelo ser humano, a natureza apresenta uma capacidade impressionante de, por meio de intensos processos naturais, voltar ao seu estado original. Esse processo é conhecido como resiliência. Contudo, as ações humanas vêm colaborando para prejudicar essa resiliência, de forma a intensificar a geração de resíduos sólidos. Esse cenário tem motivado a adoção de diversas iniciativas por parte de grupos

humanos, buscando criar uma cultura baseada na sustentabilidade socioambiental. Desde então, ocorreram, a partir do século XX, conferências e acordos destinados à obtenção da sustentabilidade mundial de forma a garantir recursos ambientais do presente sem comprometer a capacidade das gerações vindouras. Essa preocupação tornou-se mais evidente, atingindo escala global, quando o ser humano compreendeu que, como parte integrante da natureza, é dependente direto de seus recursos. Portanto, ações sobre o meio ambiente implicam consequências a todas as pessoas que habitam o nosso planeta.

O termo Educação Ambiental surgiu em 1965, durante uma Conferência de Educação ocorrida na Inglaterra, mas não alcançou proeminência internacional naquela época. Foi somente em 1972, com a realização da Conferência de Estocolmo, que o termo ganhou destaque global, impulsionando sua disseminação e, conseqüentemente, suas implicações. A Conferência de Estocolmo desempenhou um papel crucial na disseminação da Educação Ambiental globalmente. Embora o Brasil tenha participado dessa conferência, estava passando pelo período da Ditadura Militar, prevalecendo a crença de que o desenvolvimento econômico poderia ser alcançado ignorando restrições e negligenciando a preocupação com o meio ambiente. Assim, em nosso país, os reflexos dessa importante conferência foram percebidos com maior nitidez somente na década de 1980, provocando mudanças tanto sociais quanto políticas. A educação popular, com sua pedagogia crítica defendida por Paulo Freire, foi decisiva para que mudanças paradigmáticas ocorressem, permitindo romper com a educação tradicional e tecnicista para a formação de cidadãos engajados e comprometidos em buscar melhorias ambientais, sociais, políticas, visando à sustentabilidade.

A Educação Ambiental crítica é extremamente importante na construção de uma sociedade participativa, que visa não apenas mudanças individuais, mas também coletivas, pois se baseia no diálogo, buscando atitudes emancipatórias e transformadoras.

Quando se fala de mudanças individuais e coletivas, o cooperativismo (discutido na terceira seção) pode ser apontado como um exemplo de busca de tais mudanças, pois, independentemente da atividade que a cooperativa desempenha em seu cotidiano, todas, obrigatoriamente, buscam, através da participação e organização de seus membros, a obtenção de necessidades comuns. Ao analisar a Constituição brasileira de 1988 e os princípios cooperativos, foi possível constatar que ambos possuem similaridades, pois buscam liberdade, igualdade, democracia, dignidade da pessoa humana e justiça. No Brasil, há uma lei específica responsável por garantir o cooperativismo autônomo e livre, é a Lei nº 5.764, publicada em 16 de dezembro de 1971, no Diário Oficial da União, também conhecida como a “Lei do Cooperativismo”. Portanto, ainda citando a Constituição de 1988, foi determinado

que nem o Estado nem outros agentes devem intervir na constituição e no funcionamento das cooperativas.

As cooperativas compartilham semelhanças com empresas no que diz respeito à estrutura organizacional, uma vez que possuem membros diretivos, porém, diferem quanto ao quesito lucro e de direitos iguais, respectivamente, de uma empresa e de uma cooperativa, onde apresentam autonomia para lutar por melhorias. Assim, podemos defini-la como o conjunto de pessoas que se unem para alcançar objetivos sociais, econômicos e ambientais, que são os três pilares da sustentabilidade. Inferimos que uma cooperativa apresenta princípios de sustentabilidade, buscando o desenvolvimento sustentável, ao promover o crescimento econômico, preservação ambiental, mas também melhorias palpáveis na qualidade de vida de todas as pessoas.

Como objeto deste estudo, estão os catadores de materiais recicláveis, um grupo de pessoas que, após sofrerem catando e separando os materiais recicláveis nas ruas, uniram-se e formaram as cooperativas de materiais recicláveis. Sem dúvida, as cooperativas possibilitam que os catadores se exponham menos às ruas (locais marcados por sofrimento, desgaste físico e preconceito). Ao longo do tempo, conquistaram avanços, podendo-se citar, dentre eles, a criação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), em 2001, o qual objetiva pleitear o reconhecimento e a valorização da classe. Um ano depois, em 2002 o Ministério do Trabalho e Emprego reconheceu a profissão dos catadores de resíduos sólidos pela Classificação Brasileira de Ocupações, afirmando que realizam uma tarefa essencial ao planeta, diminuindo os resíduos sólidos eliminados nos aterros e lixões. Em 2010, por meio da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), foi determinado que todos os municípios brasileiros criassem um Plano Municipal de Gerenciamento de Resíduos Sólidos de forma a incluir os catadores em suas estratégias de ação. De forma singela, os catadores vêm conquistando direitos e avanços. Recentemente, em janeiro de 2023, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva declarou seu compromisso em direcionar mais atenção a grupos socialmente excluídos. Esperamos que os catadores, assim como outros grupos representados na cerimônia de posse, não recebam apenas visibilidade, mas também alcancem sucesso, gozando de seus direitos fundamentais.

Na última seção, visando alcançar o terceiro objetivo deste estudo, apresentamos as narrativas dos cooperados participantes, que são trabalhadores/cooperados da COOPERFAMI que se localiza numa região periférica da cidade de Goiânia. Essa cooperativa foi criada em 2010 por 20 catadores, atualmente apresentando 14 cooperados vinculados.

As unidades de significação foram escolhidas para buscar compreender a relevância de cada uma delas na concepção de como os participantes se veem na construção de suas vidas, além das potencialidades ambientais de suas ações. As unidades usadas foram: autobiografia, relações de trabalho, escolaridade, exclusão social e estigmatização, mulheres e cooperativismo, contribuições na sustentabilidade ambiental. Entretanto, é pertinente salientar que foram adotadas visando entrecruzar as narrativas dos participantes, e não reduzir ou limitar a relevância das mesmas.

Assim como as cooperativas de catadores de materiais recicláveis em geral, o sexo predominante é composto por mulheres. Devido a esse fato, dos cooperados que quiseram participar (sete), seis eram mulheres e um era homem. Esses cooperados são notavelmente resilientes e amáveis, mesmo diante de inúmeras dificuldades e sofrimentos experienciados. Apresentam uma qualidade admirável, pois não desistem e utilizam "armas" simples e modestas (força de vontade e garra), na luta pela sua sobrevivência e de suas famílias.

Em relação ao trabalho dos cooperados da COOPERFAMI, percebemos que os cooperados, por não terem qualificações exigidas para trabalhos formais, tendem a integrar o mercado de trabalho na informalidade. Relataram que começaram a trabalhar desde muito cedo, em serviços como: doméstica, faxineira, babá, lavadeira e passadeira de roupas, trabalhadora rural, indústria de palha de aço, empregada em motel, servente de obras, trabalhador em cerâmica, frentista em posto de gasolina etc. Para eles, trabalhar na cooperativa representa uma oportunidade de sobrevivência, de aquisição de condições básicas para viverem. No entanto, conforme observado por Enzo, um dos cooperados, a atuação na informalidade não garante benefícios trabalhistas essenciais. De maneira geral, é incomum encontrar cooperativas que ofereçam carteira assinada e salário fixo. Com base nisso, esses trabalhadores vivem constantemente em estado de alerta, uma vez que não desfrutam de estabilidade salarial, tendo renda mensal variável e benefícios trabalhistas.

Ao analisarmos a unidade de significação, escolaridade, ficou evidente que os cooperados apresentam pouca escolaridade, evidenciando, assim, o principal motivo de trabalharem na informalidade. Dentre os motivos observados para justificar o nível de escolaridade, podem-se destacar: desigualdade, falta de oportunidades e escassez de recursos, entre outros.

Diante desse cenário, percebemos que, mesmo sendo bastante jovens, foram “obrigados” a fazer a difícil escolha entre trabalhar e estudar. Infelizmente, essa decisão não era uma verdadeira “escolha”, uma vez que a única alternativa viável seria garantir a própria sobrevivência e a de suas famílias. Transparece, sem dúvida, a desigualdade presente em

nosso país, onde a falta de oportunidades predomina em determinados grupos, os quais buscam a todo custo a sua subsistência. Os catadores, porém, demonstraram felicidade e contentamento na sua profissão, uma vez que alguns expressaram que não gostariam de se qualificarem e mudarem de trabalho. E uma das razões para tal, pode estar no fato de estarem estagnados profissionalmente, e/ou acharem que são muito velhos para um novo recomeço. Muitos demonstram gostar de terem conquistado mais liberdade no trabalho (cooperativismo), de terem mais autonomia nos seus afazeres, visto que, segundo eles, são os “próprios patrões”. Dado o nível educacional predominantemente baixo, muitos se contentaram, pois perceberam que, quanto mais se estuda, maiores são as expectativas em relação às mudanças de vida, algo que a maioria, devido à limitada escolaridade, considera fora de alcance.

Como acontece uma predominância de mulheres em detrimento de homens nas cooperativas, na COOPERFAMI, dos 14 cooperados, são 10 mulheres. De acordo com as participantes, vários motivos podem justificar tal fato, ficando nítido que, por poderem conciliar seus afazeres domésticos, o trabalho e a maternidade. São mulheres que realizam suas tarefas com especial entusiasmo, compartilhando histórias, apreciando músicas e até mesmo entoando canções.

Quando perguntadas sobre preconceito e estigmatização, acreditamos que, por estarem trabalhando dentro de uma cooperativa, sintam-se mais protegidas. Entretanto, foi relatado que existe muito preconceito. Diante dessa realidade, talvez por necessidade do trabalho, buscam manter a cabeça erguida e não se deixam afetar por tais situações.

Outro fato, também importante, relaciona-se com a relevância da Educação Ambiental. Durante a realização das entrevistas, foi ressaltada a necessidade de as pessoas separarem os materiais recicláveis em suas casas, sendo imperativa a necessidade de promover o desenvolvimento de uma sociedade composta por consumidores conscientes, em contraposição a uma sociedade focada unicamente no consumo. A sociedade não deve comportar-se de forma passiva e esperar que os catadores realizem todo o trabalho, sendo fundamental a participação de toda a sociedade para alcançarmos sustentabilidade. Para isso, ainda é fundamental que a Educação Ambiental crítica seja promovida e implementada, mas somente quando as pessoas forem sensibilizadas, haverá mudanças comportamentais, bem como a reorientação de estilos de vida, buscando ações democráticas e sustentáveis de forma a proporcionar, acima de tudo, o bem-estar de todos e não apenas de grupos específicos.

Portanto, a partir deste estudo, fica evidente a importância crucial de considerar e compreender as percepções desses trabalhadores ambientais essenciais, os catadores de materiais recicláveis. Conforme delineado, esses profissionais enfrentam inúmeras

fragilidades e dificuldades, sendo a invisibilidade um aspecto particularmente terrível e impiedoso, pois traz injustiças e sofrimentos. Catadores estes que compreendem a relevância de seu trabalho para a aquisição da sustentabilidade, que se sentem úteis e importantes, mas, em contrapartida, sentem-se abandonados pela sociedade e pelos governantes, pois, segundo alguns, não recebem o devido reconhecimento. É necessário que se promovam mais estudos e estratégias para garantir a visibilidade, de mais Carolines, Nices, Luanas, Matildas, Valentinas, Hildas e Enzos e outros mais, que (sobre)vivem espalhados pelo nosso país. Aqui se abre nova perspectiva de pesquisa para o futuro, quem sabe observar os impactos do trabalho dos catadores inseridos numa perspectiva dos direitos humanos, colaborando, assim, para que esses possam gozar de melhorias sociais, ambientais, econômicas e de saúde.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

ALBERTIN, Ricardo; SILVA, Glaucia Rubyane de Sousa; PRADO, Emily Braz. Fim dos lixões nas pequenas cidades brasileiras: como recuperar as áreas degradadas? **Geoiंगा: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE/UEM)**, v. 15, n. 2, p. 272-295, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoiंगा/article/view/67687>. Acesso em: 1 dez. 2023.

ANDRADE, Daniel Caixeta; ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Serviços ecossistêmicos e sua importância para o sistema econômico e o bem-estar humano. **Texto para Discussão**, Campinas, SP, v. 155, p. 1-43, 2009.

ANNIBELLI, Mariana Baggio. A ordem econômica brasileira e o cooperativismo. **Revista Eletrônica do CEJUR**, Curitiba, v. 1, n. 3, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cejur/article/viewFile/16765/11151>. Acesso em: 30 ago. 2023.

BALANCO, Paulo; PINTO, Eduardo Costa. Os anos dourados do capitalismo: uma tentativa de harmonização da luta de classes. **Pesquisa & Debate**, São Paulo, v. 18, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view/11814>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BARBOSA, Letícia Cristina Bizarro. **Introdução ao Cooperativismo**. Palhoça: Unisul virtual, 2012. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/21795/1/fulltext.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (org.) **Pesquisa Qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. São Paulo: Versus, 2002.

BOTELHO, Louise de Lira Roedel *et al.* **(In)visibilidade social: um estudo a partir da fenomenologia social acerca do trabalho dos catadores de materiais recicláveis no município de Cerro Largo (RS)**. Chapecó, SP: Editora UFFS, 2019. p. 414-430. (SciELO Books).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BRANDÃO, Nágila de Moura. **Educação, ambiente e segurança: entre o educar e o proteger**. 2019. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2019.

BRASIL. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1971.

BRASIL. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991**. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1991.

BRASIL, **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1999.

BRASIL. **Decreto nº 5.940, de 25 de outubro de 2006**. Institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2006.

BRASIL. **Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2010.

BRASIL. Senado Federal. Agência Senado. **Congresso empossa Lula e Alckmin na Presidência da República**. Brasília, DF: Senado Federal, 01 jan. 2023a. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/01/01/congresso-empossa-lula-e-alckmin-na-presidencia-da-republica>. Acesso em: 18 nov. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 11.413, de 13 de fevereiro de 2023**. Institui o Certificado de Crédito de Reciclagem de Logística Reversa, o Certificado de Estruturação e Reciclagem de Embalagens em Geral e o Certificado de Crédito de Massa Futura, no âmbito dos sistemas de logística reversa de que trata o art. 33 da Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2023b.

BRASIL. Secretaria-Geral. **Programa Diogo Sant’Ana: Programa Pró-Catadoras e Pró-catadores para a Reciclagem**. Brasília, DF: Secretaria-Geral, 2023c. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/programa-pro-catadores>. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASIL. Secretaria-Geral. **Catadores obtêm vitória com aumento de alíquotas de importação de resíduos**: Comitê- Executivo de Gestão da CAMEX aprova novas alíquotas de importação para plásticos, vidros e papel, beneficiando a categoria em todo o País. Medida entra em vigor em agosto. Brasília, DF: Secretaria-Geral, 18 de jul. 2023d. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/noticias/2023/julho/catadores-obtem-vitoria-com-aumento-de-aliquotas-de-importacao-de-residuos>. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASIL, Kecya Nayane Lucena. **Identidade em Construção**: conhecendo as narrativas da história de vida dos catadores de materiais recicláveis de Icó-Ceará, 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2015.

BRITTO JÚNIOR. Álvaro Francisco de; FERES JÚNIOR, Nazir. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

BÜTTENBENDER, Pedro Luís. **Fundamentos e estrutura do cooperativismo**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2009. (Coleção Educação a Distância Série Livro-Texto).

CARDOSO, Claudia Lins. **Um estudo fenomenológico sobre a vivência de família**: com a palavra, a comunidade. 2007. 212f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CASTRO, Raimundo Márcio Mota de. **História e memórias do Ensino Religioso na Escola Pública**: lembranças de tempos discentes e docentes. 2013. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

CAVALCANTE, Livia Poliana Santana *et al.* Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis associados à ARENSA e dos informais que atuam no bairro do Tambor, Campina Grande-PB. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 3., 2012, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2012. Disponível em: <https://ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2012/VII-007.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023.

CAVALCANTE, Livia Poliana Santana; SILVA, Monica Maria Pereira da. Influência da organização de catadores de materiais recicláveis em associação para a melhoria da saúde e minimização de impactos socioambientais. **Revista Monografias Ambientais**, Santa Maria, RS, v.14, n.1, p. 1-13, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/15010/pdf>. Acesso em: 8 jul. 2022.

COELHO, Alexa Pupiara Flores *et al.* Mulheres catadoras de materiais recicláveis: condições de vida, trabalho e saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.57321>

DALMAZ, Carla; NETTO, Carlos Alexandre. A memória. **Ciência e Cultura**, Campinas, SP, v. 56, n. 1, p. 30-31, 2004. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v56n1/a22v56n1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Meio Ambiente**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/meio-ambiente/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

DUMKE, Joel Luís; RATTO, Cleber Gibbon. Juventudes, trabalho e modos de cooperação: por uma ética da hospitalidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 30, n.1, p. 335-354, 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3526/2235>. Acesso em: 16 ago. 2022.

EFFTING, Tânia Regina. **Educação Ambiental nas Escolas Públicas**: realidade e desafios. 2007. 90 f. Monografia (Especialização em Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual do Oeste, Marechal Rondon, 2007. Disponível em: <http://ambiental.adv.br/ufvjm/ea2012-1monografia2.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2022.

ESTENDER, Antonio Carlos; PITTA, Tercia de Tasso Moreira. O conceito do desenvolvimento sustentável. **Revista Terceiro Setor & Gestão de Anais-UNG-Ser**, v. 2, n. 1, p. 22-28, 2008. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/3setor/article/viewFile/399/484>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FARDINI, Giulianna. **Fundamentos do cooperativismo**. Organizadores Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo e Organização das Cooperativas Brasileiras, coordenadora

Brasília, DF: Sistema OCB, 2017. (Série Cooperativismo). Disponível em: <https://www.sescooprs.coop.br/app/uploads/2020/07/fundamentos-do-cooperativismo.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.

FARIAS, Cleuza Maria; GIL, Marcelo Freitas. **Cooperativismo**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia; Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Técnico Industrial de Santa Maria; Rede e-Tec Brasil, 2013. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/413/2018/12/cooperativismo.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. *In*: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 59-67.

FERRAZ, Lucimare; GOMES, Mara Helena de Andrea; BUSATO, Maria Assunta. O catador de materiais recicláveis: um agente ambiental. **Cadernos EBAPE. BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 763-768, set. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000300017>

FERRAZ, Maria Isabel Raimondo; LABRONICI, Liliana Maria. Fragmentos de corporeidades femininas vítimas de violência conjugal: uma aproximação fenomenológica. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis, v. 24, n. 30, p. 842-849, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015003030014>

FERREIRA, Edilaine Maria Mendes; SILVA, Regina Aparecida da. **Educação Integral e Educação Ambiental: um diálogo essencial**. Goiânia: PUC-GO, 2014. Disponível em: http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Edilaine-Maria-Mendes-Ferreira_-Regina-Aparecida-da-Silva.pdf. Acesso em: 26 ago. 2020.

FERREIRA, Tainá Labrea. **A geografia da reciclagem popular: o espaço e a política municipal no Programa Pró-Catador**. 2019. 376 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019.

FLICK, Uwe. Orientação. *In*: FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Person, 2013. p. 13-51.

FRANCO, Amanda; MIGUEL, Katarini. Midiativismo ambiental: a boiada de Ricardo Salles na Amazônia Real. **Esferas**, Brasília, DF, n. 25, p. 510-530, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31501/esf.v1i25.13888>

FRANTZ, Walter. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 6, p. 242-264, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222001000200011>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

G1. **Conheça a história de Aline Souza, catadora e estudante de Direito que colocou a faixa presidencial em Lula**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/01/11/conheca-a-historia-de-aline-souza-catadora-e-estudante-de-direito-que-colocou-a-faixa-presidencial-em-lula.ghtml>. Acesso em:

18 nov. 2023

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. 3. ed. Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2010. p. 43-66.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOIÂNIA. Companhia de Urbanização de Goiânia (Comurg) – Prefeitura de Goiânia. **Coleta seletiva da Prefeitura de Goiânia completa 15 anos de lançamento e prestação de serviço, sem interrupção**. Goiânia, 01 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/coleta-seletiva-da-prefeitura-de-goiania-completa-15-anos-de-lancamento-e-prestacao-de-servico-sem-interruptao/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

GOIÂNIA. Prefeitura Municipal. Secretaria de Cultura. **Coleta Seletiva**. 2022. Disponível em: https://www.goiania.go.gov.br/sing_servicos/coleta-seletiva/. Acesso em: 15 jul. 2022.

GOIÁS. Ministério Público de Goiás. **Por articulação do MP-GO, três galpões são entregues a cooperativas de material reciclável**. Goiânia, 13 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.mpggo.mp.br/portal/noticia/por-articulacao-do-mp-go-tres-galpoes-sao-entregues-a-cooperativas-de-material-reciclavel>. Acesso em: 20 nov. 2023.

GONÇALVES, Cleber Vaz *et al.* A vida no lixo: um estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis no município de Ipameri, GO. **Holos**, Natal, RN, v. 2, p. 238-250, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481548604018.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental Crítica. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 25-34.

HEINE, Maria Luiza Figueiredo. A importância dos catadores de materiais recicláveis na cornucópia do lixo. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANIEDADE”*, 6., São Cristóvão-SE, 2012. **Anais [...]**. São Cristóvão-SE: UFS, 2012. p. 1-15. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10184/4/3.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

JACOBI, Pedro. Meio ambiente e sustentabilidade. O Município no século XXI: cenários e perspectivas. **Cepam—Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal**, p. 175-183, 1999. Disponível em: <http://michelonengenharia.com.br/downloads/Sutentabilidade.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KLEIN, Carine Leal; LOCATELLI, Aline; ZOCH, Alana Neto. A Educação Ambiental por meio da ludicidade: uma proposta didática. **Amazônia: Revista de Educação em Ciência e Matemática**, Belém, v.15, n.33, p.219-234, jan./jun. 2019.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Quando os ecologistas incomodam: a desregulação ambiental pública no Brasil sob o signo do Anti-ecologismo. **RP3-Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, Brasília, DF, 2018.

DOI: <https://doi.org/10.18829/rp3.v0i12.26952>

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental transformadora. *In*: LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 65-84.

MAIA, Hérika Juliana Linhares *et al.* Educação ambiental: instrumento de mudança de percepção ambiental de catadores de materiais recicláveis organizados em associação. **Revista Monografias Ambientais**, Santa Maria, RS, v. 13, n. 13, p. 2797-2806, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/9630/pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.

MALLAK, Ilana; SAKURAI, Tatiana. Análise espacial e de gênero de duas cooperativas de reciclagem na cidade de São Paulo. *In*: GONÇALVES-DIAS, Sylmara Lopes Francelino; SAKURAI, Tatiana; ZIGLIO, Luciana (orgs.). **Catadores e espaços de (in)visibilidade**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 123- 137.

MARQUES JUNIOR, Geraldo Sebastião; FREITAG, Liliane da Costa. Narrativas de uma Catadora de Materiais Recicláveis no Município de Paranaguá, PR. **Revista de História da UFBA**, v. 10, n. 2, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/52390>. Acesso em: 16 set. 2023

MEDEIROS, Luiza Ferreira Rezende de; MACÊDO, Kátia Barbosa. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 18, n. 2, p. 62-71, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000200009>

MIRANDA, Fernanda Luzia de Almeida. **Educação Ambiental e Sustentabilidade**: marcos documentais, históricos e legais. Campina Grande, PB: Editora Realize, 2021. Ebook

MONTEIRO, Daniel Eduardo *et al.* Produção, consumo e descarte: reflexão histórica e suas implicações futuras. **Vivências-Revista Eletrônica de Extensão da URI**, v.8, n.14: p.192-199, Maio 2012. Disponível em:

http://www2.reitoria.uri.br/~vivências/Numero_014/artigos/artigos_vivências_14/n14_18.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

MONTIBELLER FILHO, Gilberto. **O mito do desenvolvimento sustentável**. 1999. 266 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

MORANDO, Eunice Maria Godinho *et al.* O conceito de estigma de Goffman aplicado à velhice. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, n. 2, p. 21-32, 2018. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/3498/349857778002/349857778002.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOREIRA, Kátia Soares *et al.* A evolução da legislação ambiental no contexto histórico brasileiro. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. e14010212087-e14010212087, 2021.

MORIMOTO, Clayson; SALVI, Rosana Figueiredo. As percepções do homem sobre a natureza. *In: Encontros de Geólogos da América Latina*, Montividel. Atas, p. 1-10, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Pensamientogeografico/15.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2020.

NOSELLA, Paolo. Ética e pesquisa. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 29, p. 255-273, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/9HTpY96qdgMhfhYsWsnBQh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2022.

OLIVEIRA, Erick Renan Xavier de; DERETTI, Sandro; DULLIUS, Alexandre. A Produção do Conhecimento sobre Sustentabilidade nos Municípios brasileiros-uma análise pelas dimensões de Ignacy Sachs. **Ambiência**, v. 13, n. 3, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/230461434.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PEREIRA, Gustavo Menoncin de Carvalho *et al.* Sustentabilidade socioambiental: um estudo bibliométrico da evolução do conceito na área de gestão de operações. **Production**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 610-619, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65132011005000053>

PINHEIRO, Priscila Tinelli. **Catadores de materiais recicláveis: a tensão entre a invisibilidade e os direitos fundamentais**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, ago. 1995. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101995000400010>

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. Relatos orais: do indizível ao dizível. *In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (org.). Experimentos com história de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RAMOS, Elisabeth Christmann. Educação ambiental: origem e perspectivas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 18, p. 201-218, dez. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.240>

RÊGO, Rita de Cássia Franco; BARRETO, Maurício L.; KILLINGER, Cristina Larrea. O que é lixo afinal? Como pensam mulheres residentes na periferia de um grande centro urbano. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1583-1591, dez. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2002000600012>

RIBEIRO, Danielle Perdigão; MENDES, Maria Teresa Kelly Lopes de Souza; MATTOS,

Diego Vieira. Impacto ambiental e social: o catador como ator histórico da gestão dos resíduos-estudo de caso. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, Sobral, CE, v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/276/247>. Acesso em: 20 jun. 2022.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá, MG, n. 4, p.129-148, maio 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/tecnica_coleta_dados.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.

RIBEIRO, Flávia Nascimento. Educação ambiental e formação de professores/as e educadores/as ambientais a partir das vertentes: tradicional, crítica e pós-crítica. **Pró-Discende**, Vitória, ES, v. 15, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscende/article/view/5715>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ROCHA, Daiane Cristina da. **O contexto histórico-social do trabalho dos sujeitos da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Dois Vizinhos-PR**. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2020.

ROSA, Luciane da. **Contribuições da Educação Ambiental na formação do licenciado em ciências biológicas**. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC, 2018.

ROSSIGNOLI, Marilena Kaizer. **Reciclagem, educação e meio ambiente: interlocuções da vivência numa associação de catadores**. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2016.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2006.

SACHS, Ignacy. Estratégias de transição para o século XXI. *In*: BURSZTYN, Marcel *et al.* **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 29-56.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. (Coleção Ideias Sustentáveis)

SAES, Alexandre Macchione. Programa Diogo de Sant’Ana Pró-Catadoras e Pró-Catadores. 2023. **Jornal da USP**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/alexandre-macchione-saes/programa-diogo-de-santana-pro-catadoras-e-pro-catadores/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. *In*: SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO–SEPesq., 11., 2015, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org/cecnudcen/wp-content/uploads/2018/03/PESQUISA-NARRATIVA-UMA-METODOLOGIA.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2022.

SANTOS, Claudete dos *et al.* Socioeconômico de catadores de materiais recicláveis de um pequeno município no noroeste do Rio Grande Do Sul. **Extensão em Foco**, v. 1, n. 15, fev. 2018. 118. DOI: 10.5380/ef.v1i15.54900

SANTOS, Filipe Duarte. Os desafios ambientais criados pela grande aceleração do pós-guerra. **IDN-Instituto de Defesa Nacional**, 2009. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/3629>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SANTOS, Jéssica de Andrade; TOSCHI, Mirza Seabra. Vertentes da Educação Ambiental: da conservacionista à crítica. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 4, n. 2, p. 241-250, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/234551169.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SEITENFUS, A. L. R. **Associação de Recicladores e Catadores de Esteio**: origem, saberes construídos e trajetórias de vida. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SEVERO, Ricardo Gonçalves. **Catadores de Materiais Recicláveis da Cidade de Pelotas**: situações de trabalho. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

SIMÕES, Sonia Mara Faria; SOUZA, Ívis Emília de Oliveira. Um caminhar na aproximação da entrevista fenomenológica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, p. 13-17, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11691997000300003>

SILVA, Camilla Helena Guimaraes da. **Os catadores e a cadeia produtiva de reciclagem**: uma análise no cenário capitalista. 2020. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020.

SILVA, Dagmar Borges da. **Bens domésticos inservíveis produzidos em Goiânia**: coleta e destinação. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

SILVA, Emanuel Sampaio *et al.* Panorama do cooperativismo brasileiro: história, cenários e tendências. **Revista uniRcoop**, v. 1, n. 2, p. 75-102, 2003.

SILVA, João Carlos da. Notas sobre a memória como fonte para entender a História da Educação. **Revista LES-Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, PI, v. 1, n. 34, p. 5-21, 2017. DOI: <https://doi.org/10.26694/les.v1i2.6099>

SILVA, Marina Guimarães Moreira da. **O tripé da sustentabilidade na proposição de melhorias ao fluxo de valor de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Florianópolis**. 2020. 111 f. TCC (Graduação em Engenharia Sanitária e Ambiental) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SILVA, Nadja Ferreira da. **Praia Grande (SP- BR) e sua relação com a Educação Ambiental Crítica**. 2022. 172 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/213838>. Acesso em: 2 jun. 2023.

SOUSA, Hugo. EDITORIAL: a posse de lula e o resgate do simbolismo democrático. **Blog Novo Contexto**, 2 jan. 2023. Disponível em: <https://blognovocontexto.com.br/editorial-a-posse-de-lula-e-o-resgate-do-simbolismo-democratico/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

SOUZA, Fernanda Rodrigues da Silva. Educação Ambiental e sustentabilidade: uma intervenção emergente na escola. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 115-121, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34024/revbea.2020.v15.9616>

STAHL, Reni Luiz; SCHNEIDER, José Odelso. As interfaces entre cooperativismo e economia solidária. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, RS, v. 49, n. 2, p. 197-206, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/938/938282220008.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. Trabalho e perspectivas na percepção dos catadores de materiais recicláveis. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 27, n. 1, p. 98-105, jan./abr. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p098>

VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fabio. Determinantes do "milagre" econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 221-246, jun. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71402008000200006>

VIANA, Nildo. Marxismo e Escola. *In*: BODART, Cristian (org.). **Sociologia e Educação: debates necessários**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020. p. 43-78.

VIEIRA, Beatriz Marques; SOUZA, Thainá Stolemberger de; GONÇALVES-DIAS, Sylmara Lopes Francelino; SAKURAI, Tatiana. Design de equipamentos de proteção individual para catadores de cooperativas de materiais recicláveis. *In*: GONÇALVES-DIAS, Sylmara Lopes Francelino; SAKURAI, Tatiana; ZIGLIO, Luciana (org.). **Catadores e espaços de (in)visibilidade**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 172-188.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Pesquisa e ensino: considerações e reflexões. **Revista e-scrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 1, n. 2, p. 59-74, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268394813.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

WALDMAN, Maurício. Reciclagem, catadores e gestão do lixo: dilemas e contradições na disputa pelo que sobra. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 93, p. 131-145, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/333/316>. Acesso em: 10 jul. 2022.

YAMASHIRO, Jefferson Escobar. **Catadores de Materiais Recicláveis: percepções sobre as condições de trabalho em associações de reciclagem em Curitiba, Paraná, Brasil**. 2021. 133 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Ambiental) - Universidade Positivo, Curitiba, 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO — TCLE / PARTICIPANTE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado/a para ser participante da pesquisa intitulada de “**MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE UMA COOPERATIVA DE GOIÂNIA-GO**”, de responsabilidade da pesquisadora Ianny Moreira de Oliveira.

Após a leitura atenta dos esclarecimentos e das informações nele contidas, assinale a opção que expressa seu desejo de fazer parte deste estudo. Caso aceite participar da pesquisa você/Sr./Sra receberá uma **via** desse documento. Caso não deseje participar da pesquisa sua participação será encerrada automaticamente.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa, inclusive sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do seguinte contato telefônico: (62)985787266 e/ou pelo e-mail: profiannyoliveira@gmail.com.

Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG)**, localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br.

O CEP - UEG é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). É um órgão responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de estudos que envolvem seres humanos, com o objetivo de assegurar a dignidade, os direitos, a segurança, a proteção e o bem-estar de todos/as os/as participantes, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Este estudo **foi aprovado pelo CEP - UEG**, sob protocolo no CAAE: 63926422.5.0000.8113 (número do parecer: 5.768.756), que avaliou o estudo e as condições necessárias para a sua proteção e o respeito aos seus direitos como participante da pesquisa.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 20 minutos. Leia-o cuidadosamente e lembre-se que você tem o total direito de não concordar em participar.

1. INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA:

Esta pesquisa propõe entender e experienciar as vivências e experiências dos catadores de materiais recicláveis das cooperativas de Goiânia-GO.

Para o desenvolvimento do trabalho, foram elaborados 3 (três) objetivos específicos: 1º) Entender os principais problemas e ameaças enfrentadas pelos catadores de materiais recicláveis para diminuir os perigos ocupacionais e ambientais que ofereçam risco a sua saúde, bem como verificar suas percepções ambientais; 2º) Compreender o perfil, as percepções, as condições de trabalho dos catadores de uma cooperativa de Goiânia-GO; 3º) Entender a percepção dos catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis sobre, suas condições de vida, as potencialidades e oportunidades a partir da perspectiva dos catadores.

Sigilo

Quanto ao sigilo que assegura sua privacidade e seu anonimato como participante, posso afirmar que seu nome será protegido e não aparecerá divulgado nos resultados da pesquisa, por isso, eu usarei nos relatos da pesquisa um pseudônimo (escolhido pelos participantes) para me referir a você e as informações coletadas a partir da sua participação neste estudo. Desta forma, sua privacidade será mantida, ficando garantido o caráter científico do trabalho e sua relevância social. Caso aceite participar do presente estudo, estas serão gravadas. No entanto, a gravação sonora de sua narrativa, bem como demais registros, não serão utilizadas para outros fins que não aqueles a que a pesquisa se propõe.

Desta forma, os resultados desta pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não. No entanto, é importante dizer que serão sempre preservadas a privacidade dos participantes da pesquisa e, por isso, sua identidade enquanto colaborador convidado(a) será mantida em sigilo, ficando garantido o caráter científico do trabalho. Ainda assim, *você/sr./sr tem o direito de em qualquer momento da pesquisa, desistir de sua participação sem qualquer penalidade.*

Os dados levantados durante o desenvolvimento desta pesquisa intitulada “*Meio Ambiente e Educação: vivências e experiências de catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de Goiânia-GO*”, serão transcritos e analisados, a fim de que se obtenha os produtos finais, que será a dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás. A pesquisa é de caráter público e sua versão final, a dissertação, será disponibilizada no

repositório de dissertações na página do PPG-IELT da UEG. Além da possibilidade de publicações em eventos científicos, artigos científicos, capítulos de livros e livros, sempre respeitando a integridade e a identidade dos participantes.

Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, os disponibilizaremos ao final da pesquisa, com a elaboração da dissertação, que poderá ser consultada no site (www.ppgielt.ueg.br/conteudo/2067_banco_de_dissertacoes) ou encaminhada para o e-mail do participante que assim o desejar, que poderão entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo telefone: (62)985787266 e/ou pelo e-mail: profiannyoliveira@gmail.com.

Riscos e Formas de Minimizá-los:

Durante a execução da pesquisa poderão ocorrer riscos, mas que poderão ser minimizados, de acordo com a tabela a seguir:

Riscos	Precaução/Prevenção/Assistência
-Possibilidade de constrangimento ou desconforto ao responder às questões contidas nos instrumentos de coletas de dados	- Os/As participantes receberão esclarecimento prévio sobre a pesquisa através da leitura do TCLE; - Os/As participantes poderão escolher o ambiente mais seguro para responder às questões; - Haverá a possibilidade de se abster de responder a alguma/s questão/ões ou de desistir de responder à todas as questões, sem necessidade de justificativa.
-Quebra de sigilo/anonimato/confidenciabilidade	- As respostas serão confidenciais e serão resguardadas pelo sigilo dos pesquisadores durante a pesquisa e divulgação dos resultados, assegurado também o anonimato. - A pesquisadora fará o armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do/a participante da pesquisa.
- Estresse ou dano	- Assistência psicológica, se necessária, que será direcionada a equipe qualificada (representadas pelos pesquisadores responsáveis) para encaminhamento/providências.
- Cansaço ao responder às perguntas	- As questões contidas nos instrumentos de coletas de dados serão validadas na Plataforma Brasil em sua versão resumida, mas ainda assim poderão ser extensas, para isso o/a participante

	poderá realizar pausas caso apresente sinais de cansaço.
--	--

Benefícios:

Consideramos que existem mais benefícios do que malefícios, pois acreditamos que o estudo acerca das vivências e experiências dos catadores de materiais recicláveis na perspectiva ambiental, poderá contribuir para a reflexão e o aprofundamento desse tema nos contextos científico, social, educacional e ambiental.

Indenização:

Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) o/a participante poderá pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

O/A participante não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo, como transporte ou alimentação, será ressarcido por mim, pesquisadora responsável.

2. CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA:**DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL**

Eu, Ianny Moreira de Oliveira, CPF nº 014.795.091-08, pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei o acordo acima e que o/a participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O/A participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido/a; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Caso aceite participar da pesquisa e marque a opção **SIM**, você receberá uma cópia deste documento para que você fique resguardado.

Caso não deseje participar da pesquisa e marcar a opção **NÃO**, sua participação será encerrada automaticamente.

Assinale a opção que corresponde ao seu desejo de participar desta pesquisa:

() **SIM.** Concordo em participar desta pesquisa. **PERMITO** a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

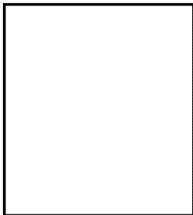
() **NÃO.** Não concordo em participar desta pesquisa. **NÃO PERMITO** a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

Goiânia, _____ de _____ de 2023.

Assinatura por extenso do (a) participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

Testemunha em caso de uso da assinatura datiloscópica



APÊNDICE B: NARRATIVAS

CAROLINE

Entrevistada: Eu me chamo Caroline, não sou casada hoje né, eu tenho 47, 47 anos. Eu estudei até o 7º ano. Tenho dois filhos e já trabalhei de doméstica, trabalhei de faxineira, trabalhei de babá à noite e então, minha vida assim não foi fácil. Nasci na Bahia, vim pra Goiânia eu tinha 18 anos.

Aí conforme foi passando o tempo minha família não morava aqui em Goiânia né, aí eu trouxe minha mãe, trouxe meus irmãos, (sorrisos), como eu sou mais velha da família né? Aí então nós tinha uma vida muito difícil lá na Bahia, passava necessidade, aí então meu sonho era poder ajudar... o melhor da minha família né aí primeiro eu fui pra Brasília, aí de Brasília eu não gostei e vim pra Goiânia, eu já tinha uns tios aqui né, aí quando eu tava aqui tinha um ano e meio eu trouxe da Bahia minha mãe e meus irmãos, aí passou uns dois anos o meu pai veio, aí era difícil porque era eu e mais duas irmãs pra sustentar a casa né, aí nessa época nós era nova, eu tinha 18 anos, aí passou um tempo meu pai arrumou um serviço, aí facilitou a nossa vida né.

Aí eu trabalhava de doméstica nessa época ainda, eu trabalhei muitos anos de doméstica, mais de vinte anos, aí tive dois filhos, hoje meus filhos já tá tudo de maior, tem um com 25 e o outro com 20, esse tá fazendo faculdade agora, aí é isso... e até chegar aqui na cooperativa eu passei por muito serviço porque na época o meus meninos era pequeno, não tinha como trabalhar direito, eu trabalhei à noite porque não tinha quem olhasse eles né, uma luta mas até que conhecia a cooperativa...pra gente trabalhar, aí ficou mais fácil porque eu podia ficar mais tempo com meus meninos né porque trabalhava mais perto né. Aí eu podia dar almoço para eles, levar para escola depois eu ia trabalhar aí facilitou bastante, aí já tem 13 anos que eu tô na cooperativa e é muito bom trabalhar aqui na cooperativa. A rotina da cooperativa é uma rotina simples, a gente chega as 7 horas, aí trabalha até 9 horas, meia hora de lanche, aí depois tem...sai 11:30 pra almoçar, nois almoça aqui mesmo na cooperativa, e depois volta 1 hora pra trabalhar, eu gosto de trabalhar aqui na cooperativa, assim, apesar que tem seus altos e baixos, tem vez que a gente ganha bem, tem vez que a gente ganha pouco, mas eu gosto de trabalhar aqui.

Eu comecei a trabalhar...eu trabalhava antes de doméstica né. Aí cansei, falei: “ah, vou mudar um pouco de profissão né, vou sair, eu tô cansada de trabalhar nas casas dos outros, aí com a minha família a maioria toda já tava na cooperativa né, aí eu falei...vou trabalhar, tentar, vou

ver o que dá né. Aí me apaixonei, já tem 12 anos que eu tô aqui...vai fazer 13...e gosto demais de trabalhar na cooperativa aqui com a reciclagem e eu acho que tem que mudar as pessoas ter mais hábito de reciclar, porque vem muito material misturado, então se as pessoas tivessem o hábito de na sua casa separar os recicláveis do orgânico né, seria ótimo. Mas eu gosto muito de trabalhar aqui, nossa...é como uma coisa que você costuma fazer e se não tiver lá parece que não tá bom, até de férias, quando eu tô de férias eu tenho vontade de vir trabalhar aqui.

Pesquisador: O que que representa para você trabalhar na cooperativa? Quais são os pontos positivos, negativos?

Entrevistada: É, os pontos positivos que eu acho bom trabalhar aqui é que aqui a gente trabalha à vontade, não tem patrão, né. Então a gente faz um serviço...claro que a gente trabalha com responsabilidade, não tem patrão, mas a gente mesmo é o patrão né. Então, só de não enfrentar esses ônibus, porque eu moro ali perto da Coca [empresa Coca-Cola], não é longe, é perto pra cá. Então os pontos positivos é não trabalhar longe, trabalhar mais próximo de casa e aí eu acho muito bom, é como se fosse um vício a cooperativa, porque você começa a trabalhar aqui e a intenção é trabalhar um ano dois anos...já tem 13 anos que eu tô aqui, aí você vai pegando amor pelas coisas, aí esse ano eu vou sair, aí quando você vê, vou ficar mais um ano, ou seja, vai passando anos e anos e você ainda tá aqui, e eu não tenho intenção de sair tão cedo, eu tenho esperança que a cooperativa vai crescer mais, nós vamos ter um salário digno né, porque eu creio que nós estamos tentando lutar pra ver se consegue ser contratada pela prefeitura e não ficar só o salário da cooperativa, porque tem seus altos e baixos né. Agora mesmo, sai um monte de gente das cooperativas porque o salário vai lá baixo, os material caiu muito, o papelão que é o carro chefe da cooperativa, que é o que dá renda melhor tá um preço lá embaixo, baixíssimo. Tudo tá muito baixo, então, como a maioria daqui da cooperativa são mulheres, então, são responsáveis pela casa porque a maioria não tem marido, aí fica difícil você manter o salário, aí então muita gente sai, nessa época fica pouca gente nas cooperativas.

Pesquisador: Mas aqui não saiu não?

Entrevistada: Não, aqui saiu só uma pessoa né, aqui nois mantém uma quantidade de pessoas, não é muito mas também a quantidade que tem mantém assim né, não sai muita gente né, sempre são, doze, treze, essa faixa de cooperados.

Pesquisadora: Em relação ao financeiro, você tem outra renda ou só a daqui? Quantas pessoas moram na sua casa?

Entrevistada: Na minha casa hoje, só eu e meu marido né, porque meus meninos já mora... cada um é responsável por si né, já trabalham. Só eu e meu marido mas, é difícil porque você conseguir manter o salário bom é não... tem época mesmo é você não pode nem fazer muito compromisso, só mesmo pra comer, porque a renda fica lá embaixo, fica muito baixo. Mas eu tenho esperança que vai melhorar, talvez com essa logística reversa que tá vindo aí pra ajudar a melhorar né, se o governo olhasse pra esse lado né... Eu acho que tem chance de nós ter um salário digno, porque o meio ambiente tá precisando de pessoas mais engajadas né, aquele aterro ali tá...Ave Maria, não aguenta mais ver lixo não, tá pedindo socorro, socorro, porque não tem mais espaço pra por né. Então vai muita coisa pro aterro ainda né, as pessoas não têm consciência, então eu acho que a hora que tiver mais consciência vai melhorar para as cooperativas e para o aterro né? Mas eu amo trabalhar nessa cooperativa [Sorrisos].

Aqui nois começou na fase de grupo, nessa época eu não trabalhava aqui na cooperativa, foi ummm...por coincidência um grupo de pessoas que não era família, trabalhava um ou outro, um tio, um parente e eu não sei como eles conseguiram o nome Cooper Fami, porque é família feliz né. Eu não sei como que eles conseguiu né, aí eu sei que terminou, eles saíram, não quiseram mais mexer com cooperativa, aí nessa época eu já tava aqui, eu vim e assumi a diretoria, me colocaram lá, me jogaram como presidente. (Sorrisos)

Eu não sabia nem andar em Goiânia direito né, aí tinha que ir em muita reunião naquela época, era muitas reunião, reunião pra tudo que era lado, era Ministério público, Ministério do trabalho, era ...um monte de reunião né e eu saia procurando daqui, dali, até que hoje em dia eu já tô me saindo melhor né.

Aí foi vindo a família, foi vindo pai...Meu pai nunca trabalhou né, mas vive aí né é minha mãe, minhas tias, minhas irmãs, já tá a família inteira aqui, até meu menino esses tempos pra trás estava sem serviço né, que ele tá fazendo faculdade trabalhou um tempo aí com nois. Ai agora ele conseguiu um serviço na...conseguiu passar no concurso da prefeitura né, aí hoje ele pegou pose, está todo feliz, todo empregado, é isso aí, mas a maioria aqui é família, não é fácil mexer com trabalhar com família não, porque é muita coisinha né? Mas estamos aí trabalhando tem seu lado positivo e negativo né.

Pesquisadora: E em relação a vir para cá... você era da Bahia?

Entrevistada: É, eu era da Bahia, nossa, lá era muito difícil, porque lá nem água para beber a gente tinha direito [sorrisos].

Pesquisadora: Aí você veio sozinha do nada para cá e falou: vou para Goiás?

Entrevistada: Não, é, eu já tinha duas tias aqui né, que veio para cá e aí gostou, aí eu fui primeiro para Brasília não conhecia ninguém, tinha 14 anos quando fui para Brasília, não conhecia ninguém, fui do nada, nem sabia mexer com nada direito, porque aí eu fui trabalhar de babá.

Pesquisadora: Aí quem foi com você?

Entrevistada: Ninguém, uma mulher...o povo pegava meninas no interior... aparecia pessoas lá para pegar meninas para vir trabalhar né nesses lugares, na época foi lá em Brasília, aí caí lá de gaiato, e lá eu não tinha a experiência, aí que deu certo com essa mulher, aí ela... “não eu vou devolver você de novo”, aí tinha uma outra senhora lá que trabalhava no postinho de saúde aí falou: “não eu vou ficar com ela, eu vou ensinar ela”. [sorrisos]

Aí pegou e me levou para casa dela, eu fiquei três anos... três anos lá com ela, aí fui visitar meus pais na Bahia né. Falei: Ah eu acho que não vou mais pra Brasília não, eu vou lá para Goiânia, [sorrisos], aí resolvi vir para Goiânia, daí veio eu e uma irmã minha né, só que a minha irmã tava grávida... aí ficou só uns meses aqui e voltou para ganhar neném lá, aí eu fiquei aqui, eu já tinha duas tias aqui né, aí fiquei trabalhando, já tava com serviço certo né, doméstica, eu trabalhava de doméstica, aí eu fiquei morando com esse pessoal, só só final de semana que eu vinha para casa dos meus tios, aí eu falei: “Quer saber de uma, agora eu já tô ganhando melhor, vou trazer minha mãe, aí daqui em Goiânia naquela época tinha muito pregão né, aí fui, essa patroa minha me ajudou, ajudou comprar uns trens lá no pregão, uns móveis né... Aí eu trouxe, aluguei uma casa e trouxe a minha mãe e meus irmãos, aí passou uns dois anos e meu pai veio também, ai tamos aqui até hoje, tem 30 e poucos anos que nois mora aqui, 33 anos.

Pesquisadora: Não quer voltar lá não?

Entrevistada: Não, minha mãe vai lá visitar, porque agora só tenho uma tia minha lá, que a irmã dela né, minha família inteira mora aqui já, foi vindo de um em um, em um, e veio todo mundo, só essa tia minha que não quis vir pra cá, não gosta não daqui...

Pesquisadora: Melhorou a vida aqui?

Entrevistada: Nossa, 100 %, aquilo lá não era vida não, dizem, dizem que lá tá bom, mas eu não sei porque nunca mais voltei lá. Nois vivia de roça né? Lá tinha algodão, tinha feijão que era próxima de vencer...[pausa, seguida de reformulação da frase] tinha as temporadas de

feijão, tinha as temporadas de algodão, tinha caqui também, que a gente cortava umas sementes...então a vida era difícil...água a gente buscava, não sei quantos quilômetros porque eu não entendo de quilômetros assim, mas eu sei que era longe pegar água na cabeça, pegava água na cabeça, lata d'água na cabeça, e como eu era a mais velha da família, eu sofria mais, porque meus irmãos era menor então eu carregava água pra todo mundo lavar roupa, tomar banho... [silêncio, seguido de um sorriso].

Pesquisadora: E seu esposo era daqui? Você se casou logo?

Entrevistada: É, meu esposo é daqui...não casei logo não, aí eu demorei acho que uns 5 anos depois que eu vim pra cá, Aí eu tive um filho, aí eu fui morar com o pai do meu filho, aí não deu certo né, aí eu separei, aí depois de muitos anos que eu vim casar.

Pesquisadora: É tão interessante ouvir as histórias das pessoas...

Entrevistada: É mais não foi fácil não, foi difícil a minha vida, hoje em dia eu falo assim: eu avisto assim [pausa em sequência fica emocionada], mas eu não reclamo não, eu acho a minha vida ótima, eu agradeço a Deus todos os dias por ela, porque tem pessoas com muita [pausa para articulação de ideias] pelo menos eu tenho vontade de trabalhar, força de vontade né?"

Pesquisadora: Você queria trabalhar em outra coisa?

Entrevistada: Não, eu não queria, hoje não. Antigamente eu comecei a estudar, depois desisti...aí veio os meninos na época, ficou mais difícil com meus filhos né, e trabalhar e estudar assim era mais difícil porque eu não tinha marido na época, aí só eu para manter a casa ...trabalhava de domingo a domingo, não tinha uma folga na semana, durante a semana. Então era difícil pra mim, aí não quis mais estudar, mas hoje eu tô feliz aqui na cooperativa, não tenho vontade de mudar de profissão não, se fosse pra estudar só se for pra virar uma assistente social, alguma coisa assim... ajudar as pessoas.

É um serviço assim, bem...é muito gratificante, quando você olha assim que você vê, que vai nessas reunião, que vê essas palestras do povo, as pessoas falando sobre o meio ambiente [pausa] sobre essas coisas é gratificante trabalhar, aí você anima né, você pensa, meu Deus! tem hora que eu tenho vontade de desistir e aí ter [pausa] porque 13 anos você fez assim: "Agora vai melhorar, vai melhorar, vai melhorar [reflexiva]" aí você vê [pausa] olha para trás e parece que tá do mesmo jeito [pausa] parece que não teve evolução...

Não, a evolução assim de, de...ajuda, porque assim, como tem muitas pessoas engajadas era pra ter mais evolução sobre as...igual à prefeitura, a prefeitura era pra pagar pra nós, porque é

um serviço que fica caro, se eles forem colocar, pagar pra fazer esse serviço, aí fica caro pra eles, entendeu? Podia pagar um pouquinho pra nós, por tonelada, alguma coisa assim né? Porque se eles forem contratar, colocar uma coisa assim né, o sonho deles é colocar uma empresa alí dentro do aterro né... contratar pessoas pra trabalhar vai ficar muito mais caro pra eles, porque aí tem que contratar, assinar carteira, esses trem né. Aí fica caro né, então não custava nada eles pagarem um pouquinho pra nós né? Mas eu acho que vai mudar, eu tenho esperança de que vai mudar.

NICE

Entrevistada: A minha infância foi trabalhar, trabalhava muito, não ia para escola porque os pais naquele tempo não botava as pessoas pra estudar. Aí eu... eu comecei a trabalhar com 7 anos de idade ni roça, era ni roça porque aqui, por aqui não tem o serviço que nois trabalhava na Bahia, na Bahia...eu sou da Bahia e nois trabalhava era em cinzal, eu comecei a trabalhar muito nova, então a minha infância foi trabalhar né. Aí quando eu fui ficando mais velha, eu casei com 16 anos, se os filhos tivesse vivo era pra ser 12, mas com os que morreram ficou 7...ai eu peguei um neto pra criar e foi pra 8, aí morreu a minha menina, ia ser encostadinha...depois da Nailsa vinha, era ela. Tem 5 anos, vai fazer 5 anos que ela morreu, tive muito filhos, mas graças a Deus...divirto, umas coisas e outras, mas sou sadia, trabalho...eu não gosto de tá em casa, se eu tiver em casa eu adoço, eu gosto de tá aqui trabalhando, eu casei muito nova, eu casei já ia fazer 17 anos. Aí depois trabalhei muito na roça, fui pá rua e botei as meninas pra estudar, aí morei um monte de tempo lá, aí depois eu vim pra cá, aqui já tem quase 30 anos que eu vim pra cá. Aí cheguei aqui, botei elas pra estudar, trabalhei 5 anos fora em casa de família, depois [pausa para articulação de ideias] até chegar na cooperativa. Aí fui olhar os netos, aí falei que não quero olhar neto porque eu já olhei demais né, eu olhei os meninos delas, elas compraram o lote, pagaram, construíram e eu disse: “Agora vou entregar os filhos delas [sorrisos].

Aí trabalhei 5 anos fora e aí depois eu comecei a trabalhar na cooperativa, ai eu afastei 1 ano e pouco, eu adoeci das pernas, da coluna, aí tinha uma vaga, ai eu disse: Ah, então eu vou voltar” Ai depois que eu comecei a trabalhar, dei graças a Deus, tô melhor ainda...uma gripinha, uma tossinha daqui porque a idade da gente, eu já tenho 67 anos, já tenho. E agora vou pra 68. Mas graças a Deus está tudo bem...meu nome é Nice, Nice...

Pesquisadora: E a senhora veio para cá casada?

Entrevistada: Já vim, meus meninos é tudo de lá, não tem nenhum filho aqui não, tudo de lá na Bahia, o mais novo que eu trouxe foi a Maria, que veio com um ano e 9 meses, e um neto que eu criei que veio com 6 meses, mas os outros, foi tudo lá, não tem nenhum filho daqui, elas que os delas são daqui, mas os meus filhos nasceram lá, veio da roça, no hospital mesmo só tive 3, uma que eu pedir com 8 mês e dois de 3 anos, mas graças a Deus eu trabalho, eu sinto muito bem, nossa...num sou de tá sentando, não do pra ficar parada, eu chego aqui, eu vou ali, vou aqui, vou ali [Sorrisos].

Mas está tudo bem, então o trabalho aqui eu acho bom né, gosto de trabalhar, e a maioria das meninas aqui é...de fora aqui só tem...

Pesquisadora: A senhora tem quantos filhos que trabalham aqui?

Entrevistada: Que trabalha aqui? 6, tem a Carolina, a Nailsa, o Mario. Não tem 6 não, tem a Carolina, a Nailsa e o Mário, os outros é sobrinha, tem netos e tem 2 que tá fora, uma mora no em Alvorada no Tocantins e a outra mora no setor e aí as outras tudo trabalha aqui.

Pesquisadora: E a senhora já pensou em voltar pra Bahia, a senhora gosta da vida aqui?

Entrevistada: Não, eu gosto. A Bahia é bão, sabe é um lugar muito bão, muito queto, mas lá não tem serviço não. O serviço lá do povo quando completava 55 anos já aposentava, porque tudo trabalhava em roça, aí depois do Bolsonaro ele acabou com a alegria do povo né, o povo [sorrisos] pra aposentar agora só com 65 ou é 62...eu já fui pra Bahia depois que eu vim pra cá...eu aposentei lá com 60, mas sempre trabalhei em roça, nasci e me criei em roça trabalhando, tem que trabalhar pra complementar a renda, porque hoje em dia as coisas não tá fácil. Esses tempos pra trás eu ganhei um apartamento lá no Jardim Cerrado, aí eu pago condomínio, é R\$120,00, tem vez que a água vem cara, energia vem cara.

Pesquisadora: A senhora tem quantos anos?

Entrevistada: 67

Pesquisadora: A senhora é aposentada?

Entrevistada: Sou, aí eu trabalho mais pra complementar a renda né, porque hoje tudo é caro é negócio de coisa de mercado é caro, tem que comprar remédio, né. Aí gasta muito, aí só a aposentadoria não dá, a gente tem que se virar um pouco.

Gosto de trabalhar aqui, não é só aqui não. Todo serviço, toda vida eu gostei de trabalhar. Não gosto de tá em casa, eu gosto de tá em serviço. Se eu ficar em casa eu adoço.

Pesquisadora: E o que a senhora acha de trabalhar na cooperativa? Nessa cooperativa?

Entrevistada: Ah, eu acho muito bom, trabalhar. Aqui nois é quase tudo família, e os outros que não é família são muito amigos, faz sua tarefa, pra mim é feliz, então eu acho bom trabalhar aqui.

Trabalhar fora assim, não gostei, trabalhei, mas não gostei. Aqui você tem seus horários certinhos, você entra 7 horas aí quando dá 8:30 a gente para lancha, pega...para 11:30, volta 1 hora. Ai 3 horas a gente para um pouquinho, aí para as 5 horas. Acho bom né, em casa de família, nossa você trabalha pra morrer e nunca dá conta das coisas [Gargalhada]

Pesquisadora: Mas para a senhora que já está idosa, a senhora acha que é cansativo, fica muito em pé?

Entrevistada: Não, eu não acho não. Ixi, quando chego em casa dá pra fazer tudo, eu vou no mercado, eu limpo casa, eu vou fazer janta. Quando dá 7 da manhã eu já tô aqui dentro. Não, e o tanto que é bom, é bom demais. Toda vida, eu comecei a trabalhar muito cedo, sempre eu gosto de trabalhar.

Pesquisadora: A senhora acha importante a profissão de catador de cooperado?

Entrevistada: Ah eu acho, eu acho muito bom, porque pra mim tem outro serviço. Tem outro serviço melhor, que é, bancário, essas coisas né? Mas eu, eu acho muito bom trabalhar na cooperativa, sabe? Eu não tenho o que reclamar.

Ah, é muito bom né, porque pelo menos tá fazendo a limpeza da rua né, porque quando não tinha essas cooperativas era muita sujeira na rua, e hoje em dia a gente passa...o povo nem vê que tira material porque nem vê né, aí mudou muitas coisas, é muito bom. Quando nois começou a trabalhar nas cooperativas, nois era muito acompanhada, era professor, vinha gente de São Paulo, tinha viage, nois que nunca foi, mas a menina foi, foi para São Paulo, para o Paraná...

Pesquisadora: E a senhora, quer trabalhar até quando?

Entrevistada: Uai minha filha, até quando Deus quiser [gargalhada]. Até quando eu tiver coragem e eu aguentar, eu tô vindo, né? Eu gosto muito de trabalhar, não gosto de estar em casa.

Pesquisadora: A senhora não gosta?

Entrevistada: Não, eu gosto mais de trabalhar. Não, mais é bom aqui todo mundo é unido, é muito bom você trabalhar num lugar assim, todo mundo é amigo, é muito bom. O serviço da cooperativa...ele é muito bom, não ganha muito, mas o que ganhar já serve, né? Ai eu não do conta de tá em casa, aí eu só mais vim trabalhar do que olhar menino. (Sorrisos). Da Bahia, aí eu olhava os meninos que iam estudar, aí quando eu vim morar aqui na chácara, aí eu pensei...tenho que dar um jeito de arrumar dinheiro, aí eu lavava roupa. Aí eu botei uma placa lá, menina quando era de tarde chegava 5, 6 bolsa, quando o dia amanhecia eu já tava com essas roupas tudo limpa [Deu uma gargalhada].

Pesquisadora: Mas lavava na mão?

Entrevistada: Não, eu tinha tanquinho. Aí eu lavava, passava. Menina eu ganhava dinheiro, mas nunca sobrava dinheiro pra mim. Eu tomei raiva de ferro, se eu pudesse eu não via mais nenhum ferro na minha frente, não gosto.

Pesquisadora: Fica pesado será?

Entrevistada: Não, não é pesado...é que eu enjoiei porque eu trabalhei nessa casa que eu trabalhei 5 anos, nossa era todo dia que eu tinha que passar roupa, porque tinha 3 crianças, aí a mulher era muito enjoada. aí então você passava a roupa hoje e amanhã aqueles meninos vestia as roupas, você nem via. Aí eu fui tomando abuso, eu compro roupa que nem ferro tem [pausa] aí vai indo a gente enjoa do serviço, aí eu parei, mas não eu trabalho assim é [pausa] só quando eu quero mesmo, eu podia tá em casa. Mas eu trabalho até dar certo, um dia eu vou parar em casa. Então é só isso...[gargalhada]

Pesquisadora: Só isso? A senhora tem uma história enorme [Querida dizer tiva muitas experiências, mas ela foi logo me interrompendo].

Entrevistada: É uma história enorme se eu for contar você não faz mais entrevista nenhuma [gargalhada].

Pesquisadora: Não, pode falar [esperava que ela compartilhasse um pouco mais de suas vivências e experiências. No entanto ela disse:]

Entrevistada: Não, é isso mesmo! O dia que Deus ajudar eu vou pra Bahia. Só pra passear, de 2 em 2 anos eu vou, aí depois que minha menina morreu eu desanimei, acabou tudo pra mim, aí eu não fui não, mas esse ano, esse ano eu quero ir, se Deus quiser...passar uns 15 dias lá. Não, mas é muito bom...então é só isso mesmo, obrigada pela entrevista.

Pesquisadora: A senhora assina pra mim?

Entrevistada: Mal assinado tá? Não me botaram pra estudar, me botaram pra trabaiá.

Pesquisadora: Não precisa se preocupar não.

LUANA

Entrevistada: Meu nome é Luana, tenho 38 anos, sou baiana, fiquei na Bahia até os 10 anos né, e vim morar aqui para Goiânia aqui já tinha 10 anos eu e meus irmão e minha mãe e meu pai né então a gente morou muito tempo aqui não mora muito tempo aqui já tem um tem uns 28 anos aqui né muito tempo né. Aí eu comecei a namorar novinha, tinha uns 13 anos, depois casei com 20, tive meu dois filhos e trabalhei muito cedo com 16 anos para ajudar minha mãe que meu pai tava doente, com problema de coração né, minha mãe trabalhava de doméstica meu pai meu pai deu problema de coração então ele não, não podia ajudar em casa, no caso como eu era mais velha né, eu trabalhava pra ajudar minha mãe eu era bem novinha, não nova eu já tava com 17 anos ajudando ela, essas coisas, o remédio, o dinheiro do meu pai era só para comprar, então eu fui ajudar minha mãe. Aí depois conheci meu marido, casei com o primeiro namorado né, tive dois filhos, e aí continuei trabalhando, aí tive meu menino, aí depois tive minha menina. Eu trabalhava de doméstica né, eu trabalhava de doméstica aí tive o meu menininho, meu menino era um pouquinho doente, sempre ficava parada essas coisas, aí depois tive a menina, saí [pausa] fui trabalhar em outra reciclagem, porque eu já tinha comentado né? Fiquei lá muito tempo, fiquei uns 8 anos gostava muito de lá né que eu trabalhava fichado, tinha meus direitos essas coisas né, aí fechou lá, não deu certo. Aí eu vim pra cá né aí eu fiquei aqui tô gostando daqui né, marido faleceu, aí eu cuido dos meus filhos, não mas não consegui pensão porque ele não trabalhava registrado essas coisas, então minha renda só daqui, cuido deles [pausa] o meu menino já tem 17 anos, mas não trabalha ainda, então no caso eu cuido da casa sozinha ainda..

Pesquisadora: Aí você falou com seu esposo faleceu, aí você tá cuidando da casa até hoje?

Entrevistada: Até hoje, cuido da casa até hoje, porque tipo assim, eu tentei aposentar, mas não consegui porque não trabalhava fichado né, então minha renda é aqui. Eu pego auxílio né, não é uma rendaaa...me ajuda mais por causa disso né, e também tem, assim no caso aqui eu tenho que tirar meu passe, essas coisas né, então aí um mês é bom...não uma quinzena é bom, é mais ou menos...

Pesquisadora: Você falou que trabalhou oito anos onde mesmo?

Entrevistada: Numa reciclagem, lá perto de Goianira, aquelas bandas lá, só que lá já era tipo uma fábrica né, lá já produzia tudo, só era garrafinha, não era igual aqui não, que é papelão, essas coisas, lá só tinha só um material só, lá produzia...tinha máquina, esteira, tudinho, era arrumado, fiquei lá muito tempo né, então aí eu vim parar aqui né porque eu comecei pegar seguro aí não queria ficar parado porque tipo meu marido tava bebendo muito então no caso eu tinha que cuidar da casa manter a casa tava com medo de você procurar outro serviço aí eu li eu falei para as meninas as meninas me indicou aqui aí eu tô aqui fazendo 4 anos. Moro aqui no setor aqui perto, só que aí eu pego ônibus, gasto uns 40 minutos para chegar na minha casa de ônibus. Aí eu tô aqui, eu gosto daqui.

Ah eu aprendi, tipo assim né porque, assim que a gente, a gente tipo assim, limpa a cidade mesmo porque a gente separa o que vem da casa da gente a gente separa aquele material a gente separa bastante né, tipo é uma coisa que eu... que faz o nosso salário né porque eu vejo, as vezes eu tô lá na minha casa, eu vejo assim, como garrafa pet essas coisas aí eu penso: “Gente, esse aqui é o meu salário, é o que eu ganho, o que eu tiro pra ganhar lá né”, então eu acho muito bom aqui porque tipo assim, a gente separa tudo, tipo assim...a gente joga uma garrafa fora, mas a gente realmente pensa, não toca fogo nem nada, porque eu penso mesmo porque eu mexo com isso porque eu sei que é o meu ganha pão, então no caso, as vezes eu queimava...minha casa é grande né, eu juntava aquelas garrafas pet e tudo e queimava, hoje eu não faço isso, porque eu sei que é o meu ganha pão, porque eu ganho daqui né, as vezes eu junto porque lá tem catador lá também, aí eu penso isso né. Mas alguma coisa?

Eu estudei até o 2º ano...Eu parei porque tipo assim, como eu vim da Bahia e eu já tava atrasada...não tava atrasada na escola, minha mãe deixou o nosso...a transferência tudo lá, não trouxe, aí no caso nois tinha que começar tudo de novo, tipo com 10 anos eu fui pra 1ª série, aí com 20 anos eu tava no 2º, engravidei, aí eu tava grávida do menino, aí o menino nasceu só que ele deu é...tipo adenoide, carne no nariz, só que ele chorava muito, era um bebe chorão, aí eu tive que parar, aí como meu marido bebia muito eu tive que manter a casa, aí eu fiquei desanimada.

Pesquisadora: Desde sempre ele bebia?

Entrevistada: Desde sempre ele bebia, aí eu não quis voltar a estudar mais, mas no caso só faltou 1 ano né? Eu, eu posso...eu tenho que parar pra pensar porque eu ainda tô nova, posso viver a minha vida, é tipo assim...conseguir o que eu quero ainda né, porque eu tenho a minha

casa, os meus filhos, os meus filhos tem saúde graças a Deus, essas coisas, e eu posso batalhar, eu sou uma mulher assim que realmente eu penso na minha vida, eu sou uma mulher assim que realmente... eu penso na minha vida, não penso mais em casar não, porque eu fico é com medo sabe? De viver o que eu vivi, então eu sou muito mais é viver sozinha na minha casinha e cuidar dos meus filhos.

Pesquisadora: Você tem quantos anos?

Entrevistada: 38

Pesquisadora: Nossa, você é muito nova.

Entrevistada: Então eu não penso isso mais porquê...eu penso assim, daqui, eu penso assim porque o dinheiro daqui eu comprei...eu sempre assim, eu sei o que eu faço, o que eu gasto, eu sei e tenho que pensar que eu tenho 2 filhos, eles podem adoecer, se precisar de um remédio, de uma consulta eu tenho que sempre manter um dinheirinho né? Igual assim, sempre assim, a minha menina vai fazer 15 anos aí ela: “Mãe eu não quero festa, eu quero um iphone”, e eu tô juntando, juntando pra dar o presentinho que ela quer de 15 anos, então eu já comprei muitas coisas daqui.

Pesquisadora: Então você vai dar o iphone pra ela?

Entrevistada: Vou dar o iphone pra ela do jeito que ela quer, não é baratinho mais assim, usado e mais ou menos eu dou. Eu comprei já...no caso ela ainda não fez 15 anos ainda não né, ela vai fazer em maio, então no caso eu já comprei, parcelado já dei o iphone pra ela né, mas eu comprei muitas coisas aqui...comprei máquina que eu não tinha, e minha cama, eu paguei R\$ 2.000 e tanto na minha cama, eu paguei a vista, com dinheiro daqui, porque eu gosto de coisa boa, eu assim eu vou arrumando, nem que eu demore as coisas, mas eu vou comprando aos poucos, ai eu comprei ...

Pesquisadora: Você faz planejamento?

Entrevistada: Faço planejamento. Aí agora quando eu terminar esse celular, meus planos é o que? Investir na minha casa porque um dia... tentar arrumar um dinheiro, guardar, quem sabe se Deus quiser né, pra mim investir na minha casa, porque eu penso em arrumar a minha casa agora, com dinheiro daqui né, porque aqui a gente não ganha mal, eu não acho.

Pesquisadora: E seus filhos gostam de você trabalhar aqui ou tem vergonha?

Entrevistada: Não tem vergonha, aí a minha menina é uma menina bonita sabe, ela tipo assim, ela não tem vergonha, as vezes a gente acha roupa aqui e eu levo pra ela, ela usa. Eu uso também...eu não tenho vergonha, às vezes assim...um sapato, uma roupinha bonitinha que a gente quer, a gente acha aqui e usa, cada roupa boa que o povo joga fora, sabe? E a gente usa [gargalhada]. E fala: "Mãe, o que a senhora trouxe pra mim?" Quando a gente acha uma roupinha sabe, tipo assim é roupa boa, a gente chega e passa no álcool, lava bem lavadinha e põe no sol assim e usa. E é assim, os meus meninos não importa não, eles já tá acostumado, no começo quando ela era mais novinha ela falava, não gostava não, mas as vezes...mas ela sabe a vida da gente tem que viver a vida [gargalhada], eles assim, as veis ficava com vergonha né. "A minha mãe...não sei o que..." ai não fala né. Mais eu explico pra eles direitinho, que é sustento da família. Aí eles entende né.

Pesquisadora: Você já sofreu algum preconceito por trabalhar com recicláveis?

Entrevistada: Ah, assim tipo...já, já sim. É muita gente assim, é mais no serviço assim, é brincadeira né.

Pesquisadora: Mas alguém chegou a comentar, falar alguma coisa no sentido de você trabalhar com recicláveis?

Entrevistada: Não, porque eu não dou motivo, eu fico na... eu realmente eu confio no que eu faço, então se falar eu não importo, né. Preconceito tem né, isso ai é o que mais tem né. Se a gente for dar moral essas coisas, a gente sofre muito, então eu não importo com que as pessoas falam, então para mim...Eu tiro o chapéu para o menino aqui, ele é estudioso, ele não tem vergonha de nada, ele é um amor de pessoa aqui, nossa...eu sempre gostei dele, do jeitinho dele. e aí quando ele vem aqui, ele já trabalhou com a gente, aí agora ele tá quase formando, de boa e trabalhou aqui com a gente.

Pesquisadora: Esse que passou no concurso?

Entrevistada: É ele mesmo, pois é, e ele sempre ajuda a gente quando a gente quer...fala, arruma isso aqui pra mim, e ele arruma, sabe? ele é super de boa, ele tá até ai.

Pesquisadora: Que coisa boa!

HILDA

Entrevistada: Meu nome é Hilda, tenho 33 anos, solteira, tenho um filho de 13 anos, fui casada já duas vezes, meu filho é do meu primeiro casamento. Eu trabalhei na cooperativa já 4 anos quando não era aqui, era na outra localização, saí da cooperativa trabalhei 2 anos num motel, saí do motel trabalhei na outra cooperativa, na Carrossel, fiquei 2 anos lá, quase dois anos lá, trabalhei numa indústria de palha de aço e aí fiquei 2 anos lá e agora tô aqui [Sorrisos] de novo na cooperativa, e eu gosto de trabalhar aqui, sempre gostei, né. Eu acho muito interessante, é um trabalho muito...a gente descobre muita coisa, aprende muita coisa porque a gente no dia a dia da casa da gente é totalmente diferente né, quando você trabalha você tem uma visão, quando você não trabalha com a reciclagem sua visão é outra, é totalmente diferente. Eu tenho o 2º grau completo. Eu fiz o curso de Técnico em segurança do trabalho, só não fiz os estágios. Fiz curso de informática, de telecomunicações também e fiz de primeiros socorros.

Pesquisadora: E porque você veio trabalhar em uma cooperativa?

Entrevistada: Engraçado né [Sorrisos]. Não, porque na época que eu fiz o curso de segurança do trabalho, meu pai que me ajudava e foi indo, indo e como eu tava recém separada, e aí as coisas foi ficando complicada, eu acabei deixando de pagar algumas parcelas do curso e eles não liberaram o estágio pra mim, então quando eu fui correr atrás já não tinha mais a possibilidade de exercer a função, aí agora pra mim exercer a função eu tenho que fazer o curso novamente, aí fica mais complicado, aí eu tive que...aí eu não tava trabalhando e passei a receber seguro, aí vim pra cá, aí as meninas me aceitou de novo, aí tô aqui.

Pesquisadora: Mas você pensa em trabalhar em outra coisa?

Entrevistada: No momento não, eu quero firmar aqui, quero organizar minha vida agora, porque vai fazer 2 anos que separei, saí de um relacionamento, então eu tô começando a me reerguer de novo, pensando na minha vida, na minha casa, tirar mais...porque se eu for trabalhar agora, assinar carteira, trabalhar agora eu não vou poder fazer umas coisas que eu tenho em mente, e aqui me proporciona isso, igual meu irmão adoeceu, eu precisei ficar com ele no hospital porque minha mãe não tem idade pra ficar, as meninas me liberou, eu fiquei uma semana com meu irmão no hospital, então me dá essa...fica mais fácil pra mim assim.

Pesquisadora: Fica mais flexível?

Entrevistada: Isso, mais flexível pra mim, então por enquanto eu não tô pensando em sair não...O salário é bom, eu gosto. Dá pra suprir minhas...pode melhorar? Pode, sempre dá pra gente melhorar, mas tá tranquilo, dá pra suprir as necessidades da gente. Fui mãe aos 19. Só em casa. Tava só em casa, completei 18 anos, comecei a namorar e acabei engravidando e aí não trabalhava, eu vim trabalhar quando ele tava com 2 anos de idade, foi quando eu comecei a trabalhar na cooperativa que era em outro endereço.

Pesquisadora: Pela sua idade, por você trabalhar na cooperativa você não sente vergonha, constrangimento...?

Entrevistada: Não, não tenho. Igual minha mãe sempre fala, daqui foi de onde ela conquistou muita coisa, então eu tenho esse mesmo pensamento, tem umas pessoas que falam: Ah eu tenho vergonha de falar que trabalho em cooperativa, cara eu não tenho. Entendeu, porque é uma coisa...alí a gente tá ajudando o meio ambiente, entendeu? Então de certa forma existe aquela Educação Ambiental, a gente acaba passando para as pessoas, as pessoas têm a curiosidade de saber como é que, como que a gente faz, mas como que é, como que vocês separam, como que vocês fazem? Então a gente acaba ensinando essas pessoas que tem essa curiosidade de separar o lixo...o material dentro de casa, o que que é reciclável e o que que não é, então assim, eu não tenho vergonha não, eu gosto.

Pesquisadora: E seu filho também lida bem?

Entrevistada: Lida, ele não...acho que...ele nunca me falou de algum constrangimento em relação ao meu trabalho não.

Pesquisadora: Você mora sozinha com ele?

Entrevistada: É, num barracão sozinha com ele, mas minha mãe mora na frente e meu irmão do lado, mas é individual cada um no seu (mostrando com gesto uma delimitação).

Pesquisadora: O que você acha de positivo e negativo de trabalhar na cooperativa?

Entrevistada: Eu acho que a gente...o ponto positivo é mais a questão da flexibilidade né, e o ponto negativo é que a gente tem que ser mais visto, sabe? Mais valorizado, mais ajudado, ter mais benefícios pra gente porque é um trabalho muito difícil, envolve assim, muita coisa, porque a gente corre risco, porque as pessoas ainda não sabem separar o material, então acaba vim material...a gente precisava de mais um auxílio, uma cobertura para estar auxiliando a

gente nessas questões, aí eu acho que é um ponto negativo, a gente não tem assim, uma estrutura, os traços pra estar ajudando a gente nessas questões mais burocráticas, mas é legal, eu gosto.

MATILDA

Entrevistada: Matilda, 62 anos, antes trabalhava de doméstica. Então eu acho que é mais favorável do que doméstica, então é por isso que eu vim pra cá. Nasci aqui, sou goiana, menor nos trabalhava em casa mesmo, eu sou nascida aqui, criada aqui, morava mais no interior né, mas eu nasci aqui em Goiânia, minha mãe morava lá no setor Coimbra na época, aí a gente mudou pro interior, e casei, Deus me deu 4 filhos, hoje sou divorciada, sou sozinha e Deus, não tenho companheiro, marido [risada], sou sozinha, meu filho que mora comigo, o mais velho.

A mãe da Carolina é minha vizinha, então eu tava desempregada, endividada, tava em tempo de ficar doida mesmo, tanta dívida, tanta...aí eu falei pra mãe da Mariza arrumar uma vaga, aí saiu uma e eu entrei. Tô aqui até hoje, agora em novembro vai completar 4 anos, aqui eu acho o serviço mais leve do que de doméstica, eu acho [gargalhada], sem falar que tem umas patroas que é muito enjoada, muito exigente, e aqui não. Aqui é bom, eu gosto, é isso.

Nossa, até chegar aqui eu passei falta das coisas em casa né, porque hoje em dia a escolaridade, eu vou te contar, exige muito né. Quem não tem uma qualificação e um grau de estudo não consegue, até quem tá tendo só o 2º grau tá tendo dificuldade, então quem não tem grau de estudo e não tem qualificação...passa necessidade, porque até pra trabalhar de gari hoje eles estão exigindo escolaridade. Imagina quem não sabe ler, não sabe ler nada a Nice, até hoje...

Pesquisadora: Mas a senhora sabe?

Entrevistada: Sei, estudei até a 4ª série primária, não estudei mais porque não tinha condições, mas também não tinha vontade não, porque a gente morava no interior né, então a gente pobre não, era de classe fraca, porque pobre é coisa ruim, pobre é aquele que não tem vontade e espírito de trabalhar, enfim, ir à luta né. Então, a gente quando vai ficando mocinha quero um sapatinho, uma roupinha melhor, então nois tem que sair da escola pra trabalhar, não dava. Ainda mais no interior...

Pesquisadora: Aí a senhora começou a trabalhar de doméstica? Pequena, criança?

Entrevistada: Pra te falar a verdade foi de babá, trabalhava de babá e ainda ajudava em algumas coisas de casa, com 12 anos...aí nós mudamos pra Goianira, primeiro nós fomos pra Cesarina e aí mudamos pra Goianira e voltamos pra cá de novo, nós morava aqui em antes. Aí fomos pra Cesarina, moramos alguns anos lá e depois fomos pra Goianira, aí de Goianira nós voltamos pra cá [sorrisos].

Nois era 10 irmãos, mas hoje tem menos...aí todo mundo veio trabalhar né, os irmãos foi crescendo e trabalhando também, foi casando. É isso...

VALENTINA

Entrevistada: Meu nome é Valentina, e eu moro aqui em Goiânia, mas eu não nasci aqui, eu nasci no Estado do Ceará, me criei no estado do Tocantins e quando casei, no primeiro ano que casei vim morar no Goiás. Eu tinha, tava com 19 anos, e aí tô aqui até hoje [Sorrisos] vim em 2004, eu cheguei aqui em Goiânia. E a gente veio lá do Tocantins porque lá não tinha muito a proposta de emprego né, que era uma cidade no interior pequena, então a gente veio para o Estado de Goiás tentar melhorar de vida e aqui tô morando tem quase...de 2004 né pra 2020, 20 anos praticamente, né? 20 anos que eu tô aqui e gosto muito do Goiás.

Quando eu vim eu comecei a trabalhar no restaurante né, trabalhei em restaurantes, tive vários empregos até chegar aqui na cooperativa, tive dois filhos, um tem 17 e minha outra menina vai fazer 3 anos, esperei um bom tempo né, de um para outro porque a vida é difícil, mas hoje tá melhor, tá bem melhor a vida, bem mais tranquila, eu tenho casa própria e já depois de muito que conheci esse emprego né na cooperativa, tô aqui já a praticamente há 4 anos, e gosto de trabalhar no que eu trabalho. É isso, sou feliz assim [sorrisos]

Pesquisadora: E a renda da sua família, no caso seu esposo trabalha?

Entrevistada: Ela trabalha, trabalha de motorista, entregando embalagens e eu trabalho aqui na cooperativa né, meu filho ainda não trabalha só estuda e é só a renda de nós dois mesmos. Eu estudei até o segundo ano do..., segundo... do primeiro grau né? E aí eu não... depois que eu casei eu não tive mais condições de trabalhar né...

Pesquisadora: Você falou até o 2º ano do Ensino Médio...É do Ensino Médio? Você estudou mais ou menos?

Entrevistada: Não, eu estudei...eu fiz, só faltou 1 ano para mim terminar

Pesquisadora: Então é o 2º ano do segundo grau, que é o Ensino Médio hoje...

Entrevistada: Isso, Ensino Médio, e aí eu não tive mais oportunidade de... meti a cara do trabalho e foi só trabalhar mesmo, então foi que não... não deu pra terminar.

Pesquisadora: Você pensa em sair daqui e trabalhar em outra coisa?

Entrevistada: No momento não, tá bom por enquanto, né? Pra vida que a gente toca tá bom.

Pesquisadora: Você já sofreu preconceito?

Entrevistada: Sim, tem muito, muito preconceito. Então eu acho que só quem vem para cá para trabalhar e sente e vê o que a gente faz é que começa a entender e esclarecer. Porque o povo olha assim de longe e pensa que é um horror, que é ruim. Mas poderia ser melhor, depende deles.

Pesquisadora: Você acha que essa profissão é promissora? Você acha que é importante?

Entrevistada: É, eu acho que é promissora e assim, a gente depende muito das pessoas né. É um serviço que eu acho que não vai acabar nunca, só tem que melhorar porque ele não vai acabar nunca porque como é que a gente vai fazer com todo esse material né? Então o povo fala assim “esse trabalho de cooperativa não tem rendimento, não vai para frente.. eu penso que ele vai é para frente...

É importante a educação ambiental né, seria bem mais fácil das pessoas separassem o rejeito e vinhesse com material de qualidade pra gente trabalhar, seria bom pra ele, para o meio ambiente e pra gente que precisa desse emprego.

Pesquisadora: E a sua família que morava no Ceará? A maioria veio pra cá?

Entrevistada: Meus pais morou aqui um tempo, mas aí eles voltou pra cuidar dos pais deles, aí hoje eles estão morando lá no Ceará, aí aqui no estado do goiás é só eu e meus dois irmãos, que nós somos só 3, mora todos os 3 aqui, foi eu que vim primeiro depois eu estabilizei e busquei eles dois, eles moraram comigo um tempo aí casaram e hoje todos os dois tem família, trabalham aqui.

Que que você acha assim que foi marcante na sua vida até chegar hoje falar sobre as histórias da sua vida mesmo pode abrir o coração... Marcante mesmo foi isso né porque a gente veio lá do Cantinho com a cara e a coragem, chegamos aqui fomos bem recebido, bem acolhido e hoje em dia nós todo mundo tem casa, todo mundo tem família, então foi isso mesmo de mais marcante assim, que foi bom, as expectativas né, superou, é isso.

ENZO

Entrevistado: A princípio meu nome é Enzo, tenho 44, 44 anos sou natural da cidade de Goiatuba-Goiás, fica a cerca de 200 km daqui, indo pra Minas Gerais, lá eu trabalhava de serviços Gerais, servente de obras, trabalhei também em cerâmica, em posto de gasolina, por final conheci a Caroline e vim morar aqui com ela, aí fui trabalhar na CONCREPOST mas não deu certo porque eles queriam, precisava de muito documento que eu não tinha na época, até reservista...uma pessoa de 43 anos precisar de reservista pra entrar num serviço...eu ai ter que rodar muita coisa pra trás, aí fui lá pra trabalhar aqui e tô aqui já faz, vai fazer dois anos, dois agora...Como eu te falei teve o caso que te falei, teve o caso da Covid que eu passei um período ruim, passei internado, sem ver praticamente nada, fui ver depois de 30 dias que eu fiquei em coma, aí nesse mesmo período fui ajudado pela cooperativa, mas logo, logo, como aqui é produção, trabalhou ganha, não trabalhou não ganha, aí logicamente não tinha outra alternativa, aí eles me deixaram de mão, deixou a própria sorte, mas como a Caroline sempre trabalhou aqui e no final de semana trabalhando em casa de família, e foi...a família lá de Goiatuba foi ajudando um pouquinho, aí eu consegui sair do Covid, passou um tempo, fraturei a coluna, fique cerca de, mais ou menos 45 dias parado, sem receber auxilio nenhum, só aqui eles pagaram 15 dias, eles pagaram 15 dias e o resto foi bom também, ai logo, logo eu voltei, depois de 45 dias, aí eu comecei a trabalhar de novo, mesmo serviço, mesmo lugar, com as mesmas pessoas. E logo, logo eu tive um acidente também com o braço, consegui comprar uma moto com muito custo, nova, 0 km, um vacilo meu, eu freei o freio errado e ela tombou, quebrou esse braço aqui, dois osso, um ficou intacto e o outro separou, aí consegui entrar em acordo com eles porque tinha férias pra vencer né, inclusive vence agora no mês 04 que tá chegando já, só que eu não tenho elas mais, peguei adiantado pra eles pagar o dinheiro pra mim porque senão chegar no dia de receber eu não tinha nada pra receber, aí ia pesar mais pra minha companheira.

Então a vida é essa aí, trabalha aqui, digamos não é um serviço...é pra quem tá de fora igual muitas pessoas tá, pensa nossa, nunca vou trabalhar nisso, mas é um serviço que se trabalhar ganha, igual eu te falei, consegui juntar um dinheiro e comprar uma moto nova, a bis, se eu quiser vender ela hoje, pode vender, tá tudo quitandinha, tá tudo numa boa. Nessa batalha, poderia melhorar com o auxílio dos governantes? Poderia, mas eles fecham o olho para a sociedade, na época da política tá lá, vamos ajudar os catadores, os coletores, as cooperativas...,mas passou isso aí, esquece. Igual eles esquece o resto da humanidade, fica a ver navios, mas rendado, um susto aqui e outro alí, agora a COMURG que é a nossa, como se

fala, que traz o material pra nós, tá arriscado ela sair do contrato da prefeitura e entrar outra empresa e o nosso futuro é incerto, porque não sabe se a outra empresa...

Pesquisadora: Vai terceirizar?

Entrevistado: É, nós não sabe se a outra empresa vai continuar com o serviço do jeito que a COMURG faz, porque eles vai e coleta o material reciclável na rua, tem os dias né, e traz aqui pra nós e para as outras cooperativas, e se a outra empresa não quiser fazer esse serviço? Porque eles tem o direito e a obrigação de coletar o material, mas não trazer pra cooperativa, trazer pra cooperativa é um favor que eles faz pra nós, e acabou isso aí, certamente que o futuro é incerto, ninguém sabe pra onde que vai, aqui lógico, eu e a Caroline não vai ficar parado, nós vai correr atras de outras coisas, mas tem aqui mesmo, aqui alguns uma meia dúzia ou mais que não tem estudo nenhum, não sabe nem ler, nem escrever o nome, essas pessoas tá completamente fora do mercado, caso essa cooperativa fechar e o risco eu não sei quantos porcentos que é, mas ele existe, que é uma nova empresa, novas regras, isso é uma coisa que nós deveria conversar, ter um tipo de documento que assegura isso aí pra nós.

Pesquisador: E não tem?

Entrevistado: Não, eles falam que tem...ficaram até um, qual que é o nome, uma reunião com o prefeito, mas o prefeito já escorregou, nós ficou com o secretário...parece que eles tá fazendo um planejamento, essas coisas pra poder fazer a proposta para o secretário, e o secretário mostrar para o prefeito. Mas é aquilo que te falei, nós não tem certeza do que tá por vir, se alguém falar isso aí: “Não, nós tá sussegado...eu acho que no fundo, no fundo toda pessoa que trabalha nisso aí tem um pé atrás, porque uma estrutura dessa aqui...tá certo que tá bagunçada aqui, mas a estrutura dela, o galpão em si, você o tamanho lá também?

Pesquisadora: Daria pra mais pessoas trabalharem?

Entrevistado: Dava, mais, se por mais gente não suporta porque não vai ter o local adequado pra ela, agora o que nós tem aqui? Nós tem uma prensa, um triturador de, de papel, uma empilhadeira, uma esteira, tudo zera, nunca nem foi ligada. A pouco um projeto que a cooperativa entrou, não sei se já foi falado, consegui mandar um dinheiro, mas não em espécie pra nós, tem um dinheiro lá pra nós fazer benfeitoria, nós já fez a instalação trifásica que precisou, agora é esperar não sei o que pra continuar, aí põe a prensa, põe a esteira...

Pesquisadora: Tá faltando só isso?

Entrevistado: Mas tá tudo ai, a prensa, esteira, empilhadeira, triturador de papel, só que o triturador de papel pra nois é...não tem serventia, ele não precisa vender triturado, vai ser perca de tempo triturar ele, e perca de energia também, porque ele não precisa ser processado, e a indústria vai pagar vamos supor R\$0,50 o kg inteiro e R\$ 0,50 o kg triturado, pra que perder tempo e energia, se agregasse um valor a mais no triturado tudo bem, mas é o mesmo preço, não tem vantagem, nós conseguimos pôr a esteira, a prensa e a empilhadeira pra funcionar nois tá sussegado aqui, porque trabalhar mais e consegue por mais pessoas, porque vai precisar de mais pessoas, ai vai tá sussegado. Eles falaram que esse ano, até no mês 06, mas aí já vem aquela demanda, o edital, vem o como que é o nome que eles faz na prefeitura, a licitação, no mês 06 agora também.

ANEXOS

ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE UMA COOPERATIVA DE GOIÂNIA-GO

Pesquisador: Ianny Moreira de Oliveira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63926422.5.0000.8113

Instituição Proponente: UEG CÂMPUS ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.768.756

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos arquivos Informações Básicas da Pesquisa ("PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2023673.pdf", de 04/11/2022) e projeto detalhado ("Projeto.pdf", de 04/11/2022).

Desenho: Percebe-se que os catadores de materiais recicláveis são uma categoria de trabalhadores considerados invisíveis pela sociedade, isso ocorre em consequência do sistema capitalista que gera a exclusão social e a estigmatização. Diante disso, são vítimas de um grave histórico de exclusão social. Esses trabalhadores experienciam a invisibilidade social ao serem ignorados, desrespeitados e discriminados durante a realização de seu trabalho. No entanto, desempenham uma importante atividade para o meio ambiente e para a economia, ao passo que contribuem de forma fundamental na cadeia de reciclagem do Brasil, o que diminui a quantidade lixo, bem como transformam o resíduo sólido de lixo a mercadoria de forma a agregar valor ao que antes era considerado impróprio para utilização.

Resumo: O ser humano sempre provocou mudanças no meio ambiente, pois as atividades realizadas para buscar seu sustento e melhorias na qualidade de vida, geraram e ainda geram impactos. Desta forma, além da busca pelo desenvolvimento econômico, é fundamental termos a

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



UEG - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.768.756

consciência social e ambiental para a construção de uma sociedade equilibrada e sustentável. Neste contexto, de forma muitas vezes imperceptível, surgem os catadores de materiais recicláveis, pessoas que apresentam histórias de vida e superação bastante peculiares, que trabalham em locais que podem ser insalubres e desprovidos de monitoramento sanitário. São pessoas que carregam estigmas e preconceitos ao lidarem com os recicláveis diariamente. O presente trabalho tem a finalidade desvelar as vivências e experiências dos catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de Goiânia-GO. Consiste em uma aproximação do método fenomenológico, visto que buscará a subjetividade dos sujeitos. Quanto aos objetivos elegeram-se a pesquisa exploratória, sendo que o procedimento metodológico empregado será a entrevista narrativa, ou seja, serão obtidas narrativas dos participantes sobre suas experiências relacionadas com os processos de catar, separar, vender, dentro outros. Desta forma a abordagem para análise dos dados adotada será a qualitativa. Percebe-se que os trabalhadores experienciam a invisibilidade social ao serem ignorados, desrespeitados e discriminados durante a realização de seu trabalho. No entanto, desempenham uma importante atividade para o meio ambiente e para a economia, ao passo que contribuem de forma fundamental na cadeia de reciclagem do Brasil, o que diminui a quantidade lixo, bem como transformam o resíduo sólido de lixo a mercadoria, de forma a agregar valor ao que antes era considerado impróprio para utilização.

Introdução: O ser humano sempre provocou mudanças no meio ambiente, pois as atividades realizadas para buscar seu sustento e melhorias na qualidade de vida, geraram e ainda geram impactos. Isto porque, é da natureza que retira matérias-primas indispensáveis à manutenção da vida. No entanto, essas mudanças vêm se intensificando cada vez mais em decorrência dos avanços tecnológicos, bem como do aumento da população mundial (MORIMOTO; SALVI, 2009). Segundo Klein; Locatelli; Zoch (2019), essas mudanças tornaram-se mais significativas e devastadoras depois da Revolução Industrial, em decorrência das ações do ser humano. Dentre os principais efeitos disso, destacam-se: impactos biológicos, físicos, socioeconômicos. Mudanças naturais que aconteceriam em milhões de anos estão se concretizando mais rápido do que o esperado, sendo necessário criar uma cultura baseada na sustentabilidade socioambiental (SS), desta forma haverá o equilíbrio entre a sociedade e o meio ambiente (FERREIRA; SILVA, 2014). Desta forma, além da busca pelo desenvolvimento econômico, é fundamental termos a consciência social e ambiental para a construção de uma sociedade equilibrada e sustentável. Pereira et al (2011, p. 610) destaca que “SS é um conceito que está relacionado a um novo paradigma [...]”. Com base nisso, o desenvolvimento socioambiental é capaz de suprir as necessidades da geração

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo

Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO

CEP: 75.132-903

UF: GO

Município: ANAPOLIS

Telefone: (62)3328-1439

E-mail: cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

atual sem prejuízo às futuras (PEREIRA, et al, 2011). De acordo com Ribeiro, Mendes e Mattos (2012) é fundamental que ocorram mudanças comportamentais, sendo indispensável a participação da população. Neste contexto, de forma muitas vezes imperceptível, surgem os catadores de materiais recicláveis. São pessoas que carregam estigmas e preconceitos ao lidarem com os recicláveis diariamente. Os materiais recicláveis e a rua aparecem como cenário usados na construção indenitária desses sujeitos, que muitas vezes se tornam invisíveis, durante a execução do trabalho. Apesar de serem vistos pela sociedade, na grande maioria das vezes, como pessoas “sujas” e “inúteis”, desempenham uma importante atividade para o meio ambiente, pois diminuem a quantidade de resíduos sólidos das cidades, contribuindo significativamente para o processo da reciclagem. Brasil (2015, p. 14) afirma que “Esse catador que por muito tempo teve sua identidade com características permeadas pelo estigma do lixo, parece estar adquirindo novas formas de reconhecimento. Lança-se sobre ele o olhar de importância ambiental [...]”. Partindo desse pressuposto, nota-se que os catadores desempenham uma importante tarefa, diminuindo as exorbitantes quantidades de lixos nos aterros sanitários e lixões, ou seja, agregando valor ao que antes era considerado impróprio para utilização. De maneira morosa, os catadores de materiais vem alcançando avanços na busca por melhorais de trabalho. Um importante passo foi significativo para que isso acontecesse, em 2001 foi criado o Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis (MNCR), o que possibilitou que em 2002 o trabalho desses catadores passasse a ser reconhecido legalmente pelo Estado como categoria profissional, sendo oficializada pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego, registrado pelo número 5192-05 e sua ocupação é descrita como catador de material reciclável (MEDEIROS; MACÊDO, 2006). Diante deste contexto, o meio ambiente representa uma importante temática para meu aprimoramento profissional, visto que sou graduada em Ciências Biológicas, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) com especialização em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Federal de Goiás (UFG), portanto a inquietação com a sustentabilidade sempre fez parte da minha trajetória acadêmica. Desta forma, esse trabalho se justifica, pois, torna-se necessário conhecer um pouco mais sobre esses importantes agentes ambientais, desvelando suas vivências e experiências, visto que desempenham significativa tarefa tanto na economia como no meio ambiente, investigando as perspectivas, as condições de trabalho, bem como os sentimentos resultantes do ofício de catar e separar os resíduos sólidos.

Hipótese: Apesar da sua profissão dos catadores ser reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego, são pouco valorizados pela sociedade. No entanto, desempenham uma importante

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

atividade para o meio ambiente. Faz-se necessário desvelar as principais debilidades e ameaças enfrentadas por estes trabalhadores para minimizar os perigos ocupacionais e ambientais que ofereçam risco a sua saúde, bem como verificar suas percepções ambientais.

Objetivo Primário: Desvelar as vivências e experiências dos catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de Goiânia-GO.

Objetivo Secundário: * Desvelar as principais debilidades e ameaças enfrentadas por estes trabalhadores para minimizar os perigos ocupacionais e ambientais que ofereçam risco a sua saúde, bem como verificar suas percepções ambientais;* Compreender o perfil, as percepções, as condições de trabalho dos catadores de uma cooperativa de Goiânia-GO;* Entender a percepção dos catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis sobre, suas condições de vida, as potencialidades e oportunidades a partir da perspectiva dos catadores.

Metodologia Proposta: A presente pesquisa consiste em uma aproximação do método fenomenológico. Visto que buscará a subjetividade dos sujeitos. Desta forma, a pesquisa visará vivenciar e experienciar o cotidiano dos catadores, possibilitando melhores condições de conhecer e compreender as experiências vividas, ou seja, será possível analisar a subjetividade, ao permitir o desvelamento da origem do fenômeno. A fenomenologia pode ser assim entendida: É uma filosofia que repõe as essências na existência, é a própria experiência na busca de um sentido, e que procura compreender o homem na sua totalidade existencial, integrado a um mundo vivido. É uma descrição direta da experiência enquanto corpo, consciência encarnada, um relato do espaço, do tempo e do mundo vivido (FERRAZ; LABRONICI, 2015, p. 844). Partindo da premissa da possibilidade de compreender experiências vividas, a abordagem para análise dos dados adotada será a qualitativa, pois o pressuposto básico será a compreensão particular das vivências dos catadores. De acordo com Bicudo (2011, p. 33) "A vivência não é entendida como algo dado, pois somos nós que penetramos no interior dela e que a experienciamos de maneira imediata". Desta forma, a vivência vai muito além de um conjunto de experiências, mas da própria ação de vivê-las (BICUDO, 2011). Como relatado por Simões e Souza (1997) ao procurar uma abordagem de pesquisa qualitativa, a fenomenologia por conter traços e característica comuns, permite concluir que o presente trabalho aproxima-se do método fenomenológico. Isso porque, tem o objetivo de estudar a realidade social rotineira. Moreira (2002) destaca que a fenomenologia tem o objetivo de vivenciar as experiências intuitivas de forma a compreender o mundo exterior, se opondo-se ao

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

positivismo, que prima pela exatidão. Sendo assim, a fenomenologia busca a vivência dos seres em detrimento da objetividade. Moreira (2002, p.66) afirma ainda que “Os fenômenos são os blocos básicos da ciência humana e a base para todo conhecimento.” Desta forma qualquer fenômeno pode ser passível de investigação e estudo. Diante disso, quanto aos objetivos elegeu-se a pesquisa exploratória, haja vista que, esse percurso tem por finalidade principal conhecer a realidade tal como se apresenta, levando em consideração o contexto em que os catadores estão inseridos. De acordo com Gil (2002) esse tipo de pesquisa busca o aperfeiçoamento de conceitos ou a descoberta de percepções, tendo a premissa de aperfeiçoar, esclarecer e alterar conceitos ou pensamentos. Os participantes que quiserem contribuir para o presente estudo, serão entrevistados no período que se sentirem mais tranquilos e a vontade para tal. Na Cooper Fami, a demanda de trabalho ocorre em horários específicos, isto porque a cooperativa recebe um caminhão de materiais recicláveis por dia no horário vespertino, sendo que no período matutino apresenta uma demanda menor de trabalho. Nessa fase do dia as entrevistas poderão ocorrer de forma a não atrapalhar a rotina dos cooperados. Desta forma, as entrevistas ocorrerão no momento em que os participantes se sintam motivados a participarem, além disso poderão escolher o melhor ambiente da cooperativa para que as entrevistas ocorram. Cabe salientar que as entrevistas serão bastante informais, de forma que os entrevistados poderão responder as perguntas e continuar seus afazeres, sem que ocorram prejuízos ao trabalho.

Critério de Inclusão: O requisito para a participação do estudo e o critério de inclusão é que os/as participantes sejam catadores de materiais recicláveis que atuam na cooperativa escolhida para o presente estudo da cidade de Goiânia-GO.

Critério de Exclusão: Serão excluídos da presente pesquisa, os catadores de materiais recicláveis que não quiserem participar do estudo, bem como os menores de 18 anos.

Riscos: Devido à natureza da pesquisa, os riscos relacionados à participação no estudo proposto são mínimos, podendo ocorrer riscos de origem psicológica, tais como: desconforto, constrangimento, medo de ser identificado ou de não saber responder, estresse e vergonha ao responder às perguntas. No entanto, para que o entrevistado (a) se sinta confortável em participar, serão esclarecidos (as) sobre a não obrigatoriedade de responder às questões, bem como sobre a possibilidade de parar de participar a qualquer momento desde que se sinta desconfortável por quaisquer motivos mencionados acima, sem qualquer prejuízo ao participante. A pesquisa

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

garantirá ao partícipe os cuidados éticos e a proteção vigentes na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016 que tem o objetivo de proporcionar o respeito pela dignidade humana e proteção dos envolvidos nas pesquisas científicas. Ainda de acordo com a Resolução (p.1) “Considerando que a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes”. Com base no exposto acima, o (a)participante terá sua privacidade, confidencialidade, proteção da sua imagem garantidos, de modo a não obter prejuízos econômicos, sociais e psicológicos. Além disso, a presente pesquisa só terá prosseguimento depois da Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Benefícios: O trabalho em questão, poderá contribuir para estudos científicos nos várias campos do saber, tais como, economia, práticas sociais, meio ambiente e educação. Além disso, por buscar experienciar as vivências e experiências dos catadores de materiais recicláveis proporcionará grandes aprendizados pessoais, visto que trabalhará a subjetividade da vida de cada participante, o que por sua vez poderá ser um ótimo exercício para a realização da empatia, bem como poderá auxiliar na busca pelos direitos fundamentais.

Metodologia de Análise de Dados: Como procedimento metodológico será empregada a entrevista narrativa, ou seja, serão obtidas narrativas dos participantes sobre suas experiências relacionadas com os processos de catar, separar, vender, dentro outros. Com base em Sahagoff (2015), as entrevistas narrativas permitem viver e contar histórias, bem como revivê-las e recontá-las. É um processo bastante ativo e cíclico, onde inclusive os pesquisadores podem participar, recontando as histórias ouvidas e observadas. Para obtenção das informações necessárias à pesquisa, as entrevistas serão não estruturadas, ou seja, de acordo com a situação em que os participantes estiverem no momento das entrevistas, as perguntas serão elaboradas, desta forma, não haverá roteiro estruturado, isso ocorre devido à natureza da pesquisa, pois diferentes contextos poderão gerar diferentes perguntas e indagações. No entanto, a pergunta narrativa terá cunho autobiográfico, ou seja, será formulada de forma a abordar toda a trajetória de vida do sujeito pesquisado. O estudo terá como público alvo, os catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de Goiânia-GO, chama Cooper Fami. A escolha da cooperativa ocorreu de acordo com a proximidade da minha residência, para facilitar a logística das visitas, além disso, a cooperativa somente participará caso aceite fazer parte do vigente estudo. Para realização das entrevistas os participantes serão esclarecidos sobre o presente trabalho, bem como seus objetivos. Sendo que,

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

os dados e informações fornecidas no decorrer da pesquisa só serão utilizados caso os participantes realizem a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Será explicado que poderão desistir de participarem a qualquer momento, sem que haja prejuízos. As entrevistas serão gravadas e transcritas, de forma a recuperar a exatidão das falas. Desta forma, ocorrerão face a face durante as visitas realizadas em uma cooperativa da cidade de Goiânia-GO, pois assim propiciarão ao entrevistado, informações precisas de cunho fenomenológico. Sendo assim, de acordo com Botelho et al. (2019, p. 422) esse tipo de técnica “busca compreender a trajetória dos investigados a partir do olhar dos próprios entrevistados”, sendo assim procura as especificidades vividas. Como mencionado acima, os participantes que quiserem contribuir para o presente estudo, serão entrevistados no período que se sentirem mais tranquilos e a vontade para tal.

Desfecho Primário: Não se aplica, conforme orientações da Carta Circular nº 110- SEI/2017- CONEP/ SECNS/ MS, referente à Resolução CNS nº 510/16.

Desfecho Secundário: Não se aplica, conforme orientações da Carta Circular nº 110- SEI/2017- CONEP/ SECNS/ MS, referente à Resolução CNS nº 510/16.

Tamanho da Amostra no Brasil: 0.

Data do Primeiro Recrutamento: 09/01/2023.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Desvelar as vivências e experiências dos catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa de Goiânia-GO.

Objetivo Secundário: * Desvelar as principais debilidades e ameaças enfrentadas por estes trabalhadores para minimizar os perigos ocupacionais e ambientais que ofereçam risco a sua saúde, bem como verificar suas percepções ambientais;* Compreender o perfil, as percepções, as condições de trabalho dos catadores de uma cooperativa de Goiânia-GO;* Entender a percepção dos catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis sobre, suas condições de vida, as potencialidades e oportunidades a partir da perspectiva dos catadores.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Devido à natureza da pesquisa, os riscos relacionados à participação no estudo proposto

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

são mínimos, podendo ocorrerem riscos de origem psicológica, tais como: desconforto, constrangimento, medo de ser identificado ou de não saber responder, estresse e vergonha ao responder às perguntas. No entanto, para que o entrevistado (a) se sinta confortável em participar, serão esclarecidos (as) sobre a não obrigatoriedade de responder às questões, bem como sobre a possibilidade de parar de participar a qualquer momento desde que se sinta desconfortável por quaisquer motivos mencionados acima, sem qualquer prejuízo ao participante. A pesquisa garantirá ao participante os cuidados éticos e a proteção vigentes na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016 que tem o objetivo de proporcionar o respeito pela dignidade humana e proteção dos envolvidos nas pesquisas científicas. Ainda de acordo com a Resolução (p.1) "Considerando que a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prevenir e evitar possíveis danos aos participantes". Com base no exposto acima, o (a) participante terá sua privacidade, confidencialidade, proteção da sua imagem garantidos, de modo a não obter prejuízos econômicos, sociais e psicológicos. Além disso, a presente pesquisa só terá prosseguimento depois da Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Benefícios: O trabalho em questão, poderá contribuir para estudos científicos nos vários campos do saber, tais como, economia, práticas sociais, meio ambiente e educação. Além disso, por buscar experienciar as vivências e experiências dos catadores de materiais recicláveis proporcionará grandes aprendizados pessoais, visto que trabalhará a subjetividade da vida de cada participante, o que por sua vez poderá ser um ótimo exercício para a realização da empatia, bem como poderá auxiliar na busca pelos direitos fundamentais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de uma resposta ao parecer substanciado CEP nº 5.706.457 datado em 18/10/2022.

1. Quanto ao Projeto Detalhado e às Informações Básicas da Pesquisa – referente aos arquivos "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2023673.pdf", de 26/09/2022" e "Projeto.pdf", de 24/09/2022:

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

1.1 A instituição coparticipante da pesquisa (cooperativa de Goiânia-GO) deverá ser cadastrada na Plataforma Brasil, durante o preenchimento do protocolo, por meio do número do seu CNPJ. Além disso, a pesquisadora deve apresentar o Termo de coparticipante desta instituição, datado e assinado pelo responsável, conforme modelo disponível em http://www.ueg.br/cep/conteudo/11245_modelos_de_documentos --> "Modelo Termo de Anuência da Instituição Coparticipante".

RESPOSTA (referente à versão 2): O termo de anuência da instituição coparticipante foi apresentado - arquivo "Termo_de_Anuencia.pdf" de 04/11/2022.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.2 Metodologia: Solicita-se inserir, no projeto detalhado, a descrição da forma de abordagem ou plano de recrutamento dos potenciais participantes de pesquisa (Norma Operacional CNS nº 001, de 2013, item 3.4.1.8) já que eles estarão em seu ambiente de trabalho. Apresentar os cuidados que serão tomados para não atrapalhar a rotina dos participantes.

RESPOSTA (referente à versão 2): Segundo a pesquisadora responsável: "Os participantes que quiserem contribuir para o presente estudo, serão entrevistados no período que se sentirem mais tranquilos e a vontade para tal. Na Cooper Fami, a demanda de trabalho ocorre em horários específicos, isto porque a cooperativa recebe um caminhão de materiais recicláveis por dia no horário vespertino, sendo que no período matutino apresenta uma demanda menor de trabalho. Nessa fase do dia as entrevistas poderão ocorrer de forma a não atrapalhar a rotina dos cooperados. Desta forma, as entrevistas ocorrerão no momento em que os participantes se sintam motivados a participarem, além disso poderão escolher o melhor ambiente da cooperativa para que as entrevistas ocorram. Cabe salientar que as entrevistas serão bastante informais, de forma que os entrevistados poderão responder as perguntas e continuar seus afazeres, sem que ocorram prejuízos ao trabalho."

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. Quanto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - referente ao arquivo "TCLE.pdf", postado na Plataforma Brasil em 24/09/2022:

Recomenda-se que a pesquisadora verifique o modelo de TCLE disponível em http://www.ueg.br/cep/conteudo/11245_modelos_de_documentos.

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

2.1 Quanto à Linguagem:

O TCLE deve ser conciso e de fácil compreensão pelo público em geral, não sendo desejável a utilização de construções gramaticais complexas, com cópia de partes do projeto de pesquisa. Diante do exposto, solicita-se que o TCLE seja revisado, utilizando-se linguagem CLARA E ACESSÍVEL, principalmente, as informações referentes ao item 1. INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA (Resolução CNS n.º 510 de 2016, Art. 15). Reforça-se que todo o texto do TCLE deve ser redigido como uma conversa direta com o participante.

R E S P O S T A (r e f e r e n t e à v e r s ã o 2) : O n o v o T C L E "TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf" de 04/11/2022 está adequado. ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.2 Quanto ao acesso aos resultados e retorno à comunidade:

Solicita-se que seja incluída, no TCLE, a garantia de acesso aos resultados da pesquisa pelos participantes (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 17, Inciso VI).

R E S P O S T A (r e f e r e n t e à v e r s ã o 2) : O n o v o T C L E "TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf" de 04/11/2022 contém a seguinte informação: Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, os disponibilizaremos ao final da pesquisa, com a elaboração da dissertação, que poderá ser consultada no site (www.ppgielt.ueg.br/conteudo/2067_banco_de_dissertacoes) ou encaminhada para o e-mail do participante que assim o desejar, que poderão entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo telefone: (62)985787266 e/ou pelo e-mail: profiannyoliveira@gmail.com.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.3 Quanto à Assistência:

O TCLE deve assegurar, de forma clara e afirmativa, a informação sobre a assistência a que terão direito os participantes da pesquisa (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 17, Inciso V). Ressalta-se que não se deve especificar ou limitar o tipo de assistência. Exemplo de redação: "Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa". Solicita-se adequação.

RESPOSTA (referente à versão 2): No novo documento

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

"TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf" de 04/11/2022 a pesquisadora afirma que "o/a participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo".

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.4 Quanto à Indenização:

Solicita-se informar, no TCLE, que o participante tem garantido o direito de solicitar indenização por meio das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510, de 2016, Artigo 9o, Inciso VI). Exemplo de redação: "Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder". Solicita-se adequação.

RESPOSTA (referente à versão 2): No novo documento "TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf" de 04/11/2022 a pesquisadora afirma que "Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) o/a participante poderá pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde".

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.5 Quanto ao meio de contato com o CEP:

O TCLE deve informar os meios de contato com o CEP (como o endereço, e-mail e telefone), assim como os horários de atendimento ao público. Também é necessário apresentar, em linguagem simples, uma breve explicação sobre o que é o CEP (Resolução CNS nº 510, de 2016, Artigo 17, Inciso IX). Solicita-se adequação.

RESPOSTA (referente à versão 2): No novo documento "TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf" de 04/11/2022 a pesquisadora incluiu as informações sobre o CEP/UEG.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.6 Quanto à numeração de páginas:

De forma a garantir sua integridade, o documento deve apresentar a numeração das páginas, recomendando-se, ainda, que essa seja inserida de forma a indicar, também, o número total de

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

páginas, por exemplo: 1 de 2, 2 de 2. Solicita-se adequação.

R E S P O S T A (referente à versão 2): No novo documento "TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf" de 04/11/2022 a pesquisadora incluiu a numeração de páginas.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.7 Quanto ao item "CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA", página 3: A informação "... concordo em participar do estudo intitulado Professores Negros no Ensino Superior: vivências, experiências e representações sobre seu lugar na sociedade" deve ser corrigida, pois não é este o título da pesquisa.

R E S P O S T A (referente à versão 2): No novo documento "TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf" de 04/11/2022 a pesquisadora excluiu a informação.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.8 Quanto ao compromissos da pesquisadora responsável: Solicita-se que seja incluída a Declaração da Pesquisadora Responsável, conforme modelo de TCLE disponível na página do CEP-UEG.

R E S P O S T A (referente à versão 2): No novo documento "TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf" de 04/11/2022 a pesquisadora incluiu a declaração.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezada pesquisadora,

O TCLE deve assegurar que o participante de pesquisa receberá uma via (E NÃO CÓPIA). Solicitamos que a correção seja feita no documento antes da sua aplicação.

Informamos, ainda, que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que os relatórios de pesquisa devem ser enviados semestralmente, comunicando ao CEP a ocorrência de eventos adversos esperados ou não esperados, conforme disposto na Norma Operacional do CNS nº 001/2013 via modelo de relatório disponível no site do CEP/UEG. A submissão do mesmo deverá ocorrer no formato de NOTIFICAÇÃO via Plataforma Brasil. O prazo para a entrega do relatório final (modelo também disponível no site do CEP/UEG), via notificação na Plataforma

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.768.756

Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2023673.pdf	04/11/2022 16:19:06		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	04/11/2022 16:17:53	Ianny Moreira de Oliveira	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.pdf	04/11/2022 16:17:18	Ianny Moreira de Oliveira	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO.pdf	04/11/2022 16:16:31	Ianny Moreira de Oliveira	Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia.pdf	04/11/2022 16:16:06	Ianny Moreira de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	04/11/2022 16:15:24	Ianny Moreira de Oliveira	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	26/09/2022 19:36:58	Ianny Moreira de Oliveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ANAPOLIS, 22 de Novembro de 2022

Assinado por:
MARIA IDELMA VIEIRA D ABADIA
(Coordenador(a))

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br

**ANEXO B: ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA
COOPERATIVA DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL FAMÍLIA
FELIZ- COOPERFAMI**

ATA Nº 001

**ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA
COOPERATIVA DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL
FAMÍLIA FELIZ – COOPERFAMI**

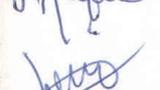
Aos 10 dias do mês de abril do ano de dois mil e dez, às dezesseis horas, em Goiânia, Estado de Goiás, na Igreja Assembléia de Deus de Campinas, situada na Rua 48, Qd.08, Lt.10, Setor Santos Dumont CEP 74.463-800, reuniram-se com o propósito de constituírem uma sociedade cooperativa, nos termos da legislação vigente, as seguintes pessoas: **RAFAEL BARBOSA LIMA**, brasileiro, catador de material reciclável, 46 anos, nascido em 22/03/1964, solteiro, RG 3781678/DGPC-GO, CPF 856.183.061-15, residente à Rua das Papoulas, quadra 37, lote 08, Setor dos Palmares, CEP 75.380-000, em Trindade, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **SEVERINO DO RAMO GOMES DA SILVA**, brasileiro, catador de material reciclável, 37 anos, nascido em 25/02/1972, solteiro, RG 06536569 04/SSP-BA, CPF 726.899.005-72, residente à Rua Circular, quadra 75, lote 14, casa 03, Setor Palmares, CEP 75.380-000, em Trindade, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **LENI CARDOSO NOGUEIRA**, brasileira, catadora de material reciclável, 29 anos, nascida em 22/10/1980, solteira, RG 92864698-0/SEJSP-MA, CPF 851.915.403-44, residente à Rua RB-1, quadra 10, lote 14, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.464-025, em Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **MARIA JOSÉ NERES DE JESUS**, brasileira, catadora de material reciclável, 24 anos, nascida em 02/04/1984, solteira, RG 12615914 96/SSP-BA, CPF 009.831.915-90, residente à Rua Batuba, quadra 10, lote 25, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.464-030, em Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais, **ARNALDO OLIVEIRA SANTOS**, brasileiro, catador de material reciclável, 46 anos, nascido em 08/05/1963, casado, RG 5250422/SPTC-GO, CPF 456.309.925-20, residente à Rua Petúnia, quadra 66, lote 11, Setor Palmares, CEP 75.380.000, em Trindade, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **MARIO DE JESUS LINHARES**, brasileiro, catador de material reciclável, 31 anos, nascido em 16/12/1978, solteiro, RG 4767343/DGPC-GO, CPF 028.180.151-70, residente à Rua Pajucara, Quadra 03, Lote 33, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.464-070, em Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **JUCILEIDE DE JESUS LINHARES**, brasileira, catadora de material reciclável, 20 anos, nascida em 08/03/1990, solteira, RG 5321948/SSP-GO, CPF 033.358.631-00, residente à rua Pajucara, quadra 03, lote 33, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.464-070, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **MARIA DIVINA DE JESUS**, brasileira, catadora de material reciclável, 59 anos, nascida em 25/12/1950, solteira, RG 3707975/SESP-GO, CPF 315.189.151-91, residente à Rua Batuba, quadra 10, lote 25, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.460-970, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **MARCIA REGINA LOPES**, brasileira, catadora de material reciclável, 22 anos, nascida em 04/05/1987, solteira, RG 4931066/DGPC-GO, CPF 014.598.381-14, residente à Rua Batuba, quadra 10, lote 25, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.460-970, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **IVANEIDE NERES SANTOS**, brasileira, catadora de material reciclável, 20 anos, nascida em 04/08/1989, casada, RG 5409426/SPTC-GO, CPF 033.628.551-56, residente à Avenida das Palmeiras, quadra 06, lote 03,

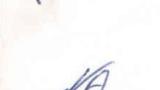
Guilherme Artur Casel Martins
Advogado - OAB/GO 28.745

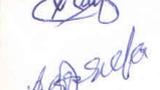
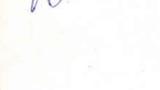
















ATA Nº 001





Residencial Solar das Paineiras, CEP 75.370-000, em Goianira, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **IVANILDA NERES SANTOS**, brasileira, catadora de material reciclável, 26 anos, nascida em 03/05/1983, casada, RG 5280452 2.A VIA/SPTC-GO, CPF 015.510.125-02, residente à Rua RSP-12, quadra 28, lote 22, Residencial Solar das Paineiras, CEP 75.000-000, Goianira, GO; **DOMINGOS FRANCISCO DA ROCHA**, brasileiro, catador de material reciclável, 48 anos, nascido em 10/06/1961, solteiro, RG 2443679-2.A VIA/DGPC-GO, CPF 493.737.061-87, residente à Rua Batuba, quadra 10, lote 25, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.460-970, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **MARIA ANTONIA GUILHERME DA SILVA**, brasileira, catadora de material reciclável, 51 anos, nascida em 03/05/1958, solteira, RG 5801228/SSP-GO, CPF 222.504.502-00, residente à Rua Corumbé, quadra 06, lote 29, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.000.000, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **HOLEIA GOIS DIAS FRANCINO**, brasileira, catadora de material reciclável, 28 anos, nascida em 19/04/1981, solteira, RG 4757487 2.A VIA/SSP-GO, CPF 008.445.31-14, residente à Rua Tamoios, quadra 05, lote 09, Residencial Petrópolis, CEP 74.460-745, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **LOURIVINO CARDOSO NOGUEIRA**, brasileiro, catador de material reciclável, 35 anos, nascido em 18/09/1974, solteiro, RG 4828009/DGPC-GO, CPF 522.690.513-00, residente à Rua 14, quadra 85, lote 10, casa 02, Setor Santos Dumont, CEP 74.463-600, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **ELIZANGELA LIMA DE SOUZA**, brasileira, catadora de material reciclável, 31 anos, nascida em 15/07/1978, casada, RG 436.191/SEJSP-TO, CPF 961.011.641-87, residente à Rua Batuba, quadra 10, lote 32, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.460-970, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **VALDO ALVES DE SOUZA**, brasileiro, catador de material reciclável, 37 anos, nascido em 02/02/1973, casado, RG 240.393/SEJEJSP-TO, CPF 902.965.161-04, residente à Rua Batuba, quadra 10, lote 32, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.460-970, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **ADEILDO MOURA DOS SANTOS**, brasileiro, catador de material reciclável, 36 anos, nascido em 23/10/1973, solteiro, RG 5183999/SPTC-GO, CPF 908.782.295-00, residente à Alameda Cascavel, numero 214, chácara 05, casa 06, Vila Boa Sorte, CEP 74.530-250, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **DORALICE LOPES DE OLIVEIRA**, brasileira, catadora de material reciclável, 56 anos, nascida em 03/01/1954, solteira, RG 3.951.576/SSP-BA, CPF 637.768.985-34, residente à Rua Batuba, quadra 10, lote 32, Setor Barra da Tijuca, CEP 74.460-970, Goiânia, GO, com cinquenta quotas-partes no valor de cinquenta reais; **JOSÉ VALDEMIR DOS SANTOS**, brasileiro, catador de material reciclável, 35 anos, nascido em 12/08/1974, solteiro, RG 1128790203SSP-BA, CPF 057.197.546-10, residente à Rua RSP-12, quadra 28, lote 22, Residencial Solar das Paineiras, CEP 75.000-000, Goianira, GO. Para início da Assembléia Geral, foi aclamado, para coordenar os trabalhos, o senhor Valdo Alves de Souza, que convidou a mim, Ivaniilde Neres Santos, para secretariar os trabalhos e lavrar a presente Ata, tendo participado ainda da Mesa as seguintes pessoas: Jorge Moreira da Silva, Coordenador do Programa Goiânia Coleta Seletiva/COMURG, Sérgio Antônio de Paula, Secretário Municipal do Trabalho e Renda, e Fernando Bartholo, Tecnólogo em Cooperativismo da


 Guilherme Artur Casel Martins
 Advogado - CAB/GO 28.715 2/5

James *Maria* *Valdo*

ATA Nº 001

MJ

DA

UFG, Coordenador da Incubadora Social da UFG. Assumindo a direção dos trabalhos, a coordenadora solicitou ao secretário a leitura do Edital de Convocação. Após a leitura o coordenador Valdo Alves de Souza solicitou que fosse lido, explicado e debatido o projeto de estatuto da sociedade, anteriormente elaborado, o que foi feito artigo por artigo. Colocado em votação, o estatuto, constante em anexo a esta Ata, foi aprovado pelo voto dos associados fundadores, cujos nomes estão devidamente consignados nesta Ata. A seguir, o coordenador determinou que se procedesse à eleição dos membros da Diretoria, conforme dispõe o estatuto recém-aprovado. Procedida à votação, foram aprovados e eleitos para compor a Diretoria os senhores: **Valdo Alves de Souza** como **Diretor Presidente**; **Domingos Francisco da Rocha** como **Diretor Administrativo/Financeiro**; **José Valdemir dos Santos** como **Diretor Comercial**; e **Maria Antônia Guilherme da Silva** como **Diretor de Comunicação**. Dando seqüência à pauta, ainda em conformidade com o estatuto recém aprovado, foi posto em votação, para compor o Conselho Fiscal, os seguintes associados: **Mario de Jesus Linhares, Lourivino Cardoso Nogueira e Leni Cardoso Nogueira** como **membros efetivos e para seus suplentes**, os associados **Doralice Lopes de Oliveira, Adeildo Moura dos Santos e Rafael Barbosa Lima**, todos já devidamente qualificados. Procedida a votação, foram aprovados e eleitos. Nesta data, todos os associados eleitos declararam, sob as penas da Lei, de que não estão impedidos de exercer a administração da sociedade, por lei especial, ou em virtude de condenação criminal, ou por se encontrar sob os efeitos dela, a pena que vede, ainda que temporariamente, o acesso a cargos públicos; ou por crime falimentar, de prevaricação, peita ou suborno, concussão, peculato, ou contra a economia popular, contra o sistema financeiro nacional, contra normas de defesa da concorrência, contra as relações de consumo, fé pública, ou a propriedade (artigo 1.011 parágrafo 1º, CC/2002) e que não existe parentesco até segundo grau em linha reta ou colateral entre os membros da diretoria executiva, bem como para o conselho fiscal. Dando seqüência à assembléia o coordenador propôs que não haverá remuneração a título de pró-labore para os componentes da Diretoria, nem valor de cédula de presença para os conselheiros fiscais; a proposta foi discutida pelos associados fundadores e aprovada, após votação pela assembléia. Prosseguindo, todos foram empossados nos seus cargos e o presidente eleito da Diretoria, Sr. Valdo Alves de Souza, assumindo a direção dos trabalhos agradeceu a colaboração de todos os membros nesta tarefa e declarou definitivamente constituída, desta data para o futuro, a Cooperativa dos Catadores de Material Reciclável Família Feliz – Cooper Fami, com sede em Goiânia, GO, localizada à GO – 060, KM – 04, Chácara Maringá 12, CEP 74.461-005, que tem por objeto: congregar os trabalhadores, identificados como selecionadores de material reciclável, de sua área de ação, realizando o interesse econômico dos mesmos. Ainda, conforme estatuto aprovado, todos os associados subscreveram cinquenta quotas partes cada um, conforme acima nominados, as quais são integralizadas em até cinco parcelas mensais, tendo todos os associados integralizados a primeira parcela neste ato, em moeda corrente, totalizando o capital subscrito de R\$ 1.000,00 (hum mil reais) dividido em 1.000 (hum mil) quotas-partes de R\$ 1,00 (hum real) cada. Nada mais havendo a tratar, o Diretor Presidente da cooperativa, Sr. Valdo Alves de Souza, deu por encerrados os trabalhos e eu, Ivanilde Neres Santos, que servi de Secretária,

Valdo

Maria

Elvira

Luiz

Angela

Isa

Miguel

João

MAR

[Large signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

Guilherme Artur Gasel Martins
Advogado - OAB/GO 28.715
3/5

Santos

fu

ATA Nº 001

lavrei a presente Ata, originalmente digitada em folha solta, de acordo com o Parágrafo Único, Artigo 22 da Lei 5.764 de 1971, que faculta a adoção de folhas soltas, a qual, lida e achada conforme, contém as assinaturas de todos os associados fundadores, como prova da livre vontade de constituir essa cooperativa. Goiânia, 10 de abril de 2010.

7º TAB.
7º TAB.

Domingos Francisco da Rocha
Domingos Francisco da Rocha
CPF: 493.737.061-87

Jucleide de Jesus Linhares
Jucleide de Jesus Linhares
CPF: 033.358.631-00

José Valdemir dos Santos
José Valdemir dos Santos
CPF: 057.197.546-10

Ivaneide Neres Santos
Ivaneide Neres Santos
CPF: 033.628.551-56

Ivaniilda Neres Santos
Ivaniilda Neres Santos
CPF: 015.510.125-02

Elizangela Lima de Souza
Elizangela Lima de Souza
CPF: 961.011.641-87

Márcia Regina Lopes
Márcia Regina Lopes
CPF: 014.598.381-14

Valdo Alves de Souza
Valdo Alves de Souza
CPF: 902.965.161-04

Doralice Lopes de Oliveira
Doralice Lopes de Oliveira
CPF: 637.768.985-34

MARIA DJESUJ
Maria Divina de Jesus
CPF: 315.189.151-91

Adeildo Moura dos Santos
Adeildo Moura dos Santos
CPF: 908.182.295-00

Mario de Jesus Linhares
Mario de Jesus Linhares
CPF: 028.180.151-70

Arnaldo Oliveira Santos
Arnaldo Oliveira Santos
CPF: 456.309.925-20

Holeia Góis Dias Francino
Holeia Góis Dias Francino
CPF: 008.445.331-14

Guilherme Artur Gasel Martins
Advogado - OAB/GO 28.715

ATA Nº 001

Severino
Severino do Ramo Gomes da Silva
Severino do Ramo Gomes da Silva
CPF: 726.899.005-72

Rafael Barbosa Lima
Rafael Barbosa Lima
CPF: 856.183.061-15

Maria José Neres de Jesus
Maria José Neres de Jesus
CPF: 009.831.915-90

Lourivino C. Nogueira
Lourivino Cardoso Nogueira
CPF: 522.690.513-00

Maria Antônia Guilherme da Silva
Maria Antônia Guilherme da Silva
CPF: 5404855
M. Antônia G. da Silva

Leni Cardoso Nogueira
Leni Cardoso Nogueira
CPF: 851.915.403-44



Guilherme
Guilherme Artur Gasel Martins
Advogado - C.A.B.G.O 28.715



Michelely
7º TABELIONATO DE NOTAS
Av. Paraná, 667, Campinas, Goiânia-GO
Reconheço, verdadeira a firma de MARIA ANTONIA GUILHERME DA SILVA meu conhecido, feita perante mim pelo próprio, do que dou fé. Goiânia-GO, 27 de maio de 2010
Em test..... da verdade.
[Signature]
() Flaminio Franco de Castro - Tab.
() Luciana Franco de Castro - Tab. subst.
() Nancy Carneiro Vaz - Escr.
() Renata Franco de Castro - Escr.
() Rita Márcia L. de S. Castro - Escr.
() Flávia Franco de Castro - Escr.
() Creudionilla R. S. Miranda - Escr.
(x) Danilo Carneiro Vaz - Escr.

